

MARIANA MOREIRA NUNES SANTA MARIA

LUZ E ESCURIDÃO NA TERRA MÉDIA: as
metáforas conceptuais que regem “O Senhor dos Anéis”



MARIANA MOREIRA NUNES SANTA MARIA

LUZ E ESCURIDÃO NA TERRA MÉDIA: as metáforas conceptuais que regem “O Senhor dos Anéis”

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientador: Antônio Suárez Abreu

M332l

Maria, Mariana Moreira Nunes Santa

Luz e escuridão na Terra Média : as metáforas conceptuais que regem "O Senhor dos Anéis" / Mariana Moreira Nunes Santa Maria. -- Araraquara, 2021

111 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: Antônio Suárez Abreu

1. Cognição. 2. Linguagem. 3. Metáfora. 4. Esquemas de imagem.
I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUZ E ESCURIDÃO NA TERRA MÉDIA: as metáforas conceptuais que regem “O Senhor dos Anéis”

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática
Orientador: Antônio Suárez Abreu

Data da defesa: 07/06/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP

Membro Titular: Profa. Dra. Rosana Ferrareto Lourenço
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – Câmpus São João da Boa Vista

Membro Titular: Profa. Dra. Beatriz Quirino Arruda Doná
São Paulo – SP / Adriano Chan – Laboratório de Redação

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que, apesar de todas as adversidades, sempre acreditaram que eu seria capaz de atingir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a estudar.

À minha mãe, que, durante horas a fio, ouviu-me falar sobre *hobbits*, elfos, espadas e anéis.

A meu pai, que sempre me imaginou voando alto.

A meu orientador Tom, que me proporcionou a chance de entrar no programa e me orientou durante este longo processo.

A meus amigos, que sempre me estenderam a mão em momentos de necessidade.

A meu marido Alexandre, que deu o primeiro passo.

A meu filho Miguel, a quem amo mais que tudo no mundo.

A meu aluno Gabriel, que compartilhou seu amor pela obra comigo.

“— E você, Portador do Anel — disse ela voltando-se para Frodo. — Dirijo-me a você por último, embora não seja o último em meus pensamentos. Para você, preparei isto. — Ergueu um pequeno frasco de cristal: brilhava quando ela o virava em sua mão, e raios de luz branca emanavam dele. — Este frasco — disse ela — contém a luz da estrela de Eärendil engastada nas águas de minha fonte. Brilhará ainda mais quando a noite cair ao seu redor. Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. Lembre-se de Galadriel e de seu Espelho!”

J. R. R Tolkien (2001, p. 393)

RESUMO

Ao analisar metáforas em uma obra literária, senso comum é de que o autor tenha feito um dispendioso exercício de maestria literária na construção de ornamentos feitos de palavras. Nessa perspectiva, o trabalho com metáforas ainda é visto por muitos como algo exclusivo dos campos da Retórica e da Estilística. No entanto, a Linguística Cognitiva (LC), a partir da obra pioneira *Metaphors we live by* (1980) de Lakoff e Johnson, vem demonstrando que, ao contrário dos estudos anteriores, a metáfora não ocupa somente o posto de ornamento: ela é pervasiva na vida cotidiana (LAKOFF & JOHNSON, 1980). As metáforas de uso cotidiano foram denominadas por esses autores de metáforas conceituais. Nesse contexto, o objetivo precípua deste trabalho é caracterizar o uso de metáforas dentro do aclamado universo de J. R. R Tolkien a partir de sua obra mais famosa: *O Senhor dos Anéis*. A partir de uma coleta inicial de *corpus*, pude identificar a recorrência das metáforas MALDADE É ESCURIDÃO e BONDADE É LUZ. Analisamos, portanto, a obra e descrevemos as instâncias de metáfora de LUZ e ESCURIDÃO e caracterizamos seu impacto na construção da expressividade da narrativa e no estabelecimento da dicotomia Bem x Mal.

Palavras-chave: Metáfora. Linguística Cognitiva. Senhor dos Anéis.

ABSTRACT

When analyzing metaphors in a literary work, common sense is that the author has done an expensive exercise of literary mastery in the construction of ornaments made of words. In this perspective, the work with metaphors is still seen by many as something exclusive to the fields of Rhetoric and Stylistics. However, Cognitive Linguistics (CL), based on the pioneering work *Metaphors we live by* (1980) by Lakoff and Johnson, has been demonstrating that, unlike previous studies, metaphor is not only an ornament: it is pervasive in everyday life (LAKOFF & JOHNSON, 1980). The metaphors we live by were called by these authors conceptual metaphors. In this context, the main objective of this work is to characterize the use of metaphors within the acclaimed universe of J.R.R. Tolkien from his most famous work: *The Lord of the Rings*. From a preliminary corpus compilation, I was able to identify the recurrence of the metaphors EVIL IS DARKNESS and GOODNESS IS LIGHT. I have analyzed, therefore, the book and described the metaphor instances of LIGHT and DARKNESS and characterized their impact on the construction of the narrative's expressiveness and the establishment of the good x evil dichotomy.

Keywords/ Palabras-claves / Mots-clés: Palavra-chave. Palavra-chave. Palavra-chave. Palavra-chave. Palavra-chave: Metaphor, Cognitive Linguistics, Lord of the Rings

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sistema Conceptual	31
Figura 2: Esquema de CONTÊINER	33
Figura 3: Projeção conceptual AMOR É UMA VIAGEM.....	37
Figura 4: Domínios do mapeamento metafórico MEDO É ESCURIDÃO	39
Figura 5: Domínio Alvo - Maldade.....	51
Figura 6: Relação entre Domínios de ESCURIDÃO e LUZ	52
Figura 7: Metáfora primária CONHECER É VER.....	53
Figura 8: Domínio da Bondade.....	54
Figura 9: O domínio da Escuridão	62
Figura 10: O domínio da LUZ	63
Figura 11: Esquema de PERCURSO em O Senhor dos Anéis.....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista de esquemas de imagem.....	34
Quadro 2: Esquemas de imagem em O Senhor dos Anéis.....	35
Quadro 3: Mapeamento para AMOR É UMA VIAGEM.....	37
Quadro 4: Metáforas Primárias em O Senhor dos Anéis.....	41
Quadro 5: Unidades lexicais do domínio da ESCURIDÃO.....	47
Quadro 6: Unidades lexicais do domínio da ESCURIDÃO sugeridas pela pesquisadora.....	48
Quadro 7: Unidades lexicais do domínio da LUZ encontradas nos dados.....	48
Quadro 8: Unidades lexicais do domínio da LUZ escolhidas pela pesquisadora.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 AUTOR E OBRA.....	16
2.1 J.R.R. Tolkien	16
2.2 <i>O Senhor dos Anéis</i>	18
3 METÁFORA – UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO	22
3.1 Aristóteles e Fontanier – a palavra.....	22
3.2 A metáfora sob os olhos da Semântica do Discurso	23
3.3 A razão e a metáfora – Max Black.....	24
3.4 Metáfora e os estudos literários	25
4 METÁFORA - UMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA	28
4.1 A Linguística Cognitiva	28
4.2 A metáfora à luz da Linguística Cognitiva.....	29
4.3 Cognição corporificada e esquemas de imagem.....	32
4.4 Metáforas conceptuais.....	36
4.5 Metáforas primárias	40
4.6 Metáfora estendida.....	42
5 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS.....	44
5.1 Metáforas conceptuais de LUZ e ESCURIDÃO	49
5.2 Agentes da LUZ.....	55
5.2.1 Seres e criaturas	55
5.2.2 Objetos.....	56
5.2.3 Lugares	57
5.3 Agentes da ESCURIDÃO	58
5.3.1 Seres e criaturas	58
5.3.2 Objetos.....	59
5.3.3 Lugares	60
5.4. Conceitos derivados	61
5.4.1 MALDADE É ESCURIDÃO	63
5.4.2 BONDADE É LUZ.....	65
5.5 Esquemas de imagem.....	66
5.5.1 Esquema de CONTÊINER	66
5.5.2 Esquemas de PERCURSO E DINÂMICA DE FORÇAS.....	68

5.5.3 Esquema de ALCANCE.....	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
6.1 Resultados e discussões.....	72
6.2 Conclusão	74
REFERÊNCIAS.....	76

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar metáforas em uma obra literária, pode-se imaginar uma busca por imagens como “Tua presença é carne de peixe” de Mário de Andrade (ANDRADE, 1974, p. 212), ou como nos versos “Às vezes ocorre / um autor estar aquém / da criação. / O texto-sábio / criando asas / e o autor pastando / grudado ao chão” de Affonso Romano de Sant’Anna (SANT’ANNA, 1965-1999, p. 89). O senso comum é que o estudo de metáforas fique circunscrito à linguagem, ou seja, somente às marcas linguísticas. No entanto, a partir da obra pioneira *Metaphors we live by* (1980), de Lakoff e Johnson, demonstra-se que a metáfora não está somente restrita à linguagem: ela é pervasiva na vida cotidiana (LAKOFF & JOHNSON, 1980) e organiza os conceitos que regem a experiência humana. As metáforas de uso cotidiano foram denominadas por esses autores de metáforas conceituais.

O uso linguístico metafórico envolve falar e viver coisas em termos de outras e revela como o homem conceptualiza suas experiências. Das vivências humanas, o embate entre o bem e o mal é uma das mais marcantes e transcende culturas. A escolha da obra *O Senhor dos Anéis* como corpus deste trabalho se deu tanto por sua representação destes complexos domínios quanto por sua produtividade. Traduzido para mais de quarenta idiomas e tendo vendido mais de 160 milhões de cópias, o livro teve um dos maiores alcances culturais mundiais da contemporaneidade. Portanto, justificou-se iniciar uma investigação dos conceitos que regem esta história e a tornam relevante sessenta e sete anos após seu lançamento.

Fundamentada no arcabouço teórico baseado da Linguística Cognitiva, a problematização iniciou-se a partir da resposta do próprio Tolkien a respeito de alegações de que sua obra seria uma *alegoria* para Segunda Grande Guerra. Segundo ele,

Quanto a qualquer significado oculto ou “mensagem” na intenção do autor, estes não existem. O livro não é nem alegórico e nem se refere a fatos contemporâneos. Conforme a história se desenvolvia, foi criando raízes (no passado) e lançou ramos inesperados: mas seu tema principal foi definido no início pela inevitável escolha do Anel como o elo entre este livro e *O Hobbit*. (TOLKIEN, 2001, p. XV).

Ao invés de procurar impor uma produção de sentido específica para sua obra, o autor afirma que prefere que ela tenha uma “aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência

do leitor” (TOLKIEN, 2001, p. XV). Portanto, a negação de Tolkien por uma alegoria e abertura à construção de sentido pelo receptor lançaram uma dúvida: se o livro não era uma reconstrução da Segunda Grande Guerra, quais conceitos podem ser construídos a partir de *O Senhor dos Anéis*? Ademais, buscamos compreender também como se estabelece a dicotomia bem x mal na narrativa.

O problema deste trabalho partiu do questionamento de como a estrutura conceptual age como força motriz da progressão da narrativa e da organização dos acontecimentos. A partir disso delinear-se, portanto, os objetivos específicos desta dissertação: a) identificar como são representadas e caracterizadas as entidades pertencentes ao domínio do bem e ao domínio do mal; b) caracterizar os conceitos predominantes que regem a obra *O Senhor do Anéis* e agem para estabelecer o embate de forças entre o bem e o mal.

O primeiro passo foi a leitura do prefácio, no qual Tolkien explica brevemente o processo de escrita de *O Senhor dos Anéis*. Ele explica que o capítulo “A Sombra do passado” é uma das partes mais antigas da obra e “crucial” para a obra, já que é nele que o leitor descobre que o anel de Bilbo é, na verdade, o Um Anel. Segundo Tolkien,

“A sombra do passado’, é uma das partes mais antigas do conto. Foi escrito muito antes que o prenúncio de 1939 se tornasse uma ameaça de desastre inevitável, e desse ponto a história teria sido desenvolvida essencialmente na mesma linha, mesmo que o desastre tivesse sido evitado. Suas fontes são coisas que já estavam presentes na mente muito antes, ou em alguns casos já escritas, e pouco ou nada foi modificado pela guerra que começou em 1939 ou suas sequelas (TOLKIEN, 2001, p. XV).

No intuito de desvendar suas fontes, passamos à leitura deste capítulo e identificamos o uso das metáforas MALDADE É ESCURIDÃO e BONDADE É LUZ para diferenciar as forças do bem e do mal. De maneira a comprovar sua recorrência na obra, passou-se a uma busca por palavras-chaves pertencentes ao campo semântico das duas metáforas para comprovar nossa tese. Tendo coletado os dados, passamos a uma análise introspectiva, através da qual o linguista direciona seu foco em aspectos linguísticos à luz de uma teoria (TALMY, 2007).

O plano de trabalho para esta pesquisa está dividido em seis seções. Após esta Introdução, na seção 2, intitulada *Autor e obra*, discorro a respeito da vida e obra de J. R. R. Tolkien e da sua importância tanto no universo acadêmico quanto sua influência na literatura.

Além do autor, apresento a importância da obra *O Senhor do Anéis* para a literatura e uma breve resenha do livro.

Na Seção 3, apresento um breve percurso histórico da metáfora, partindo de Aristóteles e Fontanier, passando por Richards e Black para, enfim, discorrer a respeito da visão de metáfora da literatura. Na Seção 4, especifico no que consiste a Linguística Cognitiva para então abordar sua perspectiva de metáfora e esquemas de imagens, que servirá de modelo teórico para minhas análises.

Na Seção 5, intitulada *Metodologia e análises* discorro a respeito do caminho científico percorrido por esta pesquisadora e analiso de maneira introspectiva as metáforas conceptuais MALDADE É ESCURIDÃO e BONDADE É LUZ presentes no corpus. Na Seção 6, apresento minhas considerações finais.

2 AUTOR E OBRA

As seções a seguir serão dedicadas a um breve relato sobre a vida e obra de J. R. R. Tolkien e a uma pequena resenha de *O Senhor dos Anéis*. A primeira baseou-se na biografia do autor publicada em 1977 e relançada no Brasil em 2018. Humphrey Carpenter, autor de *J. R. R. Tolkien: uma biografia*, teve acesso irrestrito às correspondências, aos diários e outros manuscritos do professor, além de manter contato direto com seus amigos e familiares. A segunda tem como referência a edição da obra de 2001 traduzida para o português. Nosso intuito é contextualizar a obra analisada e apresentar seu autor.

2.1 J.R.R. Tolkien

Filho dos ingleses Mabel Suffield e Arthur Tolkien, J. R. R. Tolkien nasceu em Bloemfontein, África do Sul, em 1892. Desde criança era um leitor voraz de histórias que se passavam em reinos remotos, de lendas arturianas e contos de fadas. Além do ensino formal, a mãe o instruiu na religião católica.

O interesse do escritor por filologia e antigas sagas e lendas iniciou-se desde tenra idade: em King Edward's School, demonstrou grande aptidão tanto para línguas estrangeiras quanto para os princípios gerais da linguagem. Foi na escola também que o autor teve seu primeiro contato com o anglo-saxão por meio da leitura de Chaucer e, posteriormente, de *Beowulf*.

Em 1911, Tolkien iniciou seus estudos de Letras Clássicas em Oxford e se tornou membro do Clube de Ensaio e da Sociedade Dialética. Demonstrou interesse especial por Filologia Comparada e passou a ser aluno de Joseph Wright, autor de um dos livros favoritos de Tolkien da época da King Edward's, o Manual da Língua Gótica (*Primer of the Gothic Language*). Incentivado pelo professor, descobriu outros idiomas, como o galês medieval e o finlandês, sendo esse último de grande valia para a língua que criaria para suas histórias – o “Quenya”, ou alto-élfico.

No fim do verão de 1914, Tolkien escreveu o poema *A Viagem de Earendel, a Estrela Vespertina*, que marca o início da mitologia de Tolkien:

Earendel ergueu-se da taça do Oceano
 Na escuridão da borda do mundo-médio;
 Da porta da Noite, como um raio de luz,
 Saltou por sobre a orla do crepúsculo,
 E, lançando sua barca, como uma centelha de prata,
 Da areia dourada que esmaecia,
 Descendo pelo ensolarado hálito de ígnea morte do Dia
 Fugiu célere da Terra Ocidental¹

(CARPENTER, 2018, p.50)

Após da lutar na Primeira Guerra Mundial, trabalhou como lexicógrafo no *Oxford English Dictionary*, para depois se tornar professor na Universidade de Leeds, onde lecionou até 1925, contribuindo significativamente para diversas revistas e livros. A partir de 1925, trabalhou como professor de Anglo-saxão na Universidade de Oxford, onde se tornou membro fundador do grupo *The Inklings*, cujos membros se reuniam para descontrair e compartilhar seus escritos. Um dos membros do grupo, que se tornaria famoso futuramente, foi C. S. Lewis, amigo de Tolkien.

O professor investia seu tempo em criar línguas élficas, hábito que remonta à sua adolescência. Como contexto para essas línguas, escreveu *Lost Tales*, que são contos míticos sobre homens, elfos e outras criaturas. A leitura de *The fall of Gondolin* foi a primeira apresentação pública de seus trabalhos e aconteceu para um grupo seletivo de participantes do clube de leitura do *Exeter College*.

Do desejo de criar histórias influenciadas por mitos e lendas e também para entreter os filhos, Tolkien criava diversos contos fantásticos. Uma dessas histórias acabou resultando no início de uma das maiores criações literárias do século XX, *O Senhor dos Anéis*, corpus deste trabalho e assunto da próxima seção.

¹ Earendel sprang up from the Ocean's cup / In the gloom of the mid-world's rim. / From the door of Night as a ray of light / Leapt over the twilight brim, / And launching his bark like a silver spark / From the golden-fading sand / Down the sunlit breath of Day's fiery death / He sped from Westerland. (TOLKIEN apud CARPENTER, 1977, p. 45. Tradução de CARPENTER, 1977).

2.2 O Senhor dos Anéis

O Senhor dos Anéis começa no Condado, região bucólica e povoada por *hobbits*, que são, segundo Tolkien, os grandes protagonistas do livro. *Hobbits* são seres de “ouvidos agudos e olhos perspicazes e, embora tenham tendência a acumular gordura na barriga e a não se apressar desnecessariamente, são ligeiros e ágeis em seus movimentos” (TOLKIEN, 2001, p. 1). Durante sua festa do centésimo décimo primeiro aniversário, Bilbo Baggins, um dos poucos *hobbits* aventureiros, revela sua decisão de partir do Condado e *desaparece* com um estouro aos olhos de seus convidados. Um de seus convidados, Gandalf, o mago cinzento, não se deixa enganar pelo ato de Bilbo, pois conhece o objeto mágico que permitira o truque: o Um Anel. Ao ser confrontado pelo mago, Bilbo deixa seu anel para Frodo, seu sobrinho, e parte para Valfenda, o lar dos elfos.

Gandalf adverte Frodo a deixar o anel seguro de olhos curiosos e parte em busca de mais informações. Anos mais tarde, volta com a terrível notícia de que Sauron, criador do Um Anel, está à procura de Frodo Bolseiro na Vila dos *Hobbits*. O objeto é essencial para Sauron, pois, no ato de sua criação, o Senhor do Escuro depositara grande parte de seu poder nele. Ele, então, envia os Cavaleiros Negros para o Condado em uma missão de busca. Frodo, a pedido de Gandalf, parte em companhia de outros três pequenos *hobbits*, Sam, Merry e Pippin, em direção à estalagem Ponêi Saltitante, onde todos se encontrariam com um aliado de Gandalf.

Após escapar dos perigos dos Cavaleiros Negros, Frodo chega à estalagem e conhece Aragorn, o aliado de Gandalf que o protege até Valfenda, o lar dos Elfos. No conselho de Elrond, Gandalf reafirma as ameaças de Sauron de escravizar todos os povos da Terra Média e adverte que a única solução é levar o Um Anel até a Montanha da Perdição para destruí-lo no mesmo fogo em que fora forjado. Para tanto, forma-se então a Sociedade do Anel: os *hobbits* Frodo, Sam, Merry e Pippin; Aragorn; Boromir, filho do regente de Minas Tirith; Legolas, um elfo da Floresta das Trevas; o anão Gimli; e Gandalf, o mago cinzento, que juntos vão percorrer a Terra Média em busca da destruição do Anel. O percurso, no entanto, é cheio de obstáculos. O primeiro é atravessar as Montanhas Sombrias. Suas possibilidades são o Desfiladeiro de Rohan, que está sendo vigiado por Saruman, a passagem pelo pico de Caradhras e Minas Moria, o reino dos anões sob as Montanhas Sombrias.

Impedida de avançar por Caradhras devido à neve, a Sociedade do Anel é obrigada a seguir pela passagem subterrânea de Minas Moria. No entanto, apesar de sua expectativa de

encontrar a hospitalidade de velhos amigos, são atacados por *orcs*. Das profundezas das minas, surge a criatura balrog que causa a queda de Gandalf da Ponte de Khazad-dûm. Os integrantes remanescentes fogem de Moria acreditando na morte do mago.

A comitiva segue para direção sul e chega à floresta de Lothlórien, onde são recepcionados pelos reis élficos Celeborn e Galadriel. A casa dos elfos funciona como um breve refúgio para os viajantes. Durante a despedida, a senhora Galadriel oferece presentes a todos os integrantes da Sociedade. Reserva para Frodo, o Portador do Anel, um pequeno frasco de cristal contendo a luz da estrela de Eärendil, uma proteção contra lugares escuros.

Em pequenos barcos élficos, eles continuam sua viagem pelo grande rio Anduin. Param para descansar durante a noite na margem Oeste e decidir seus próximos passos. Frodo, como Portador do Anel, tem o direito de decidir qual rumo tomariam. Ele, então, afasta-se do grupo, mas logo percebe estar sendo observado por Boromir, que tenta aconselhá-lo a levar o Um Anel para Minas Tirith. Após a recusa de Frodo, Boromir tenta tirar o anel dele. Sem outra alternativa, Frodo coloca o anel no dedo e foge. Percebendo que a “maldade do Anel já está operando até mesmo na Comitiva” (TOLKIEN, 2001, p. 420), Frodo decide deixar os companheiros e partir para o Leste.

Sam sai à procura de Frodo consegue alcançá-lo às margens do Rio Anduin. Os dois atravessam até a margem Leste para procurar uma passagem pelas colinas Eryn Mui. Merry e Pippin, que também foram em busca de Frodo, são capturados por *orcs*. Boromir morre ao tentar impedir que inimigo levasse os pequenos. Aragorn, Legolas e Gimli decidem seguir os *orcs* para recuperar Merry e Pippin. A Sociedade do Anel encontra-se rompida.

Os *orcs* que capturaram Merry e Pippin estavam a serviço de Saruman, por isso partiram em direção a Isengard, a fortaleza do mago. No entanto, em seu caminho, deveriam cruzar Rohan, a terra do Senhor dos Cavalos. Nas bordas da Floresta de Fangorn, as criaturas do mal são atacadas por Éomer de Rohan e sua comitiva que destroem os *orcs*. Merry e Pippin buscam refúgio dentro da floresta e encontram Bárbarvore, um *ent* – criaturas que lembram árvores. Os *hobbits* tentam convencer Bárbarvore a participar da guerra contra Sauron.

Aragorn, Legolas e Gimli encontram Éomer, que lhes dá a devastadora notícia de que os *orcs* haviam sido destruídos e não havia sinais dos pequenos. Os três vão até o descampado palco da batalha entre homens e *orcs* para procurar vestígios dos *hobbits*. Em Fangorn, os três encontram um velho andarilho que se revela como Gandalf, o branco. O mago narra como

derrotou o balrog e morreu na encosta da montanha, porém foi enviado de volta até que se complete sua tarefa. Os quatro viajam a Edoras, palácio de Rohan.

Durante esse tempo, Frodo e Sam enfrentam as colinas de Emyrn Muil. Os dois encontram Gollum, que lhes promete ensinar o caminho até o Portão Negro. A criatura os guia pelos Pântanos Mortos, um caminho desconhecido e perigoso. Por volta da mesma época em que Frodo chega ao fim dos pântanos mortos, Gandalf, Aragorn, Legolas e Gimli chegam a Edoras e encontram o rei de Rohan dominado mentalmente por Saruman. Gandalf o cura e o alerta a respeito de um possível ataque vindo de Isengard. O rei evacua seu povo para o Abismo de Helm e se prepara para o combate. Os *orcs* de Saruman atacam a fortaleza, mas são derrotados ao nascer do sol. Enquanto os homens se preparam para se defender contra os *orcs* de Saruman. Merry e Pippin conseguem convencer os *ents* a atacar Isengard, que está sem defesas. Os *ents* vencem Saruman e o encurralam em sua torre. Gandalf e seus aliados se reencontram com os *hobbits* Merry e Pippin em Isengard.

Gandalf parte com Pippin para Minas Tirith a fim de alertar Denethor, o regente de Gondor, reino dos homens. Por volta dessa época, Frodo e Sam são capturados por Faramir, irmão de Boromir, e levados para Henneth Annûn. Aragorn, Legolas e Gimli partem para Minas Tirith tomando o caminho das Sendas dos Mortos, para convocar os cavaleiros mortos a honrar sua promessa de lutar pelo verdadeiro herdeiro ao trono de Isildur. Frodo e Sam libertados por Faramir e conduzidos por Gollum para a Estrada de Morgul.

“A Escuridão de Mordor começa a se espalhar” (TOLKIEN, 2001, p. 1157) e chega o dia sem aurora. Frodo e Sam são enganados por Gollum e conduzidos à toca da aranha Laracna. Frodo usa o frasco de Galadriel para se defender, mas acaba sendo picado pela aranha. Sam ataca a aranha com a luz e a fere terrivelmente, no entanto, pensa ter chegado tarde demais, pois Frodo parece morto. *Orcs* de Mordor levam o corpo de Frodo, enquanto Sam observa do escuro.

As tropas de Rohan partem em direção a Minas Tirith. A cidade é cercada e, quando se imaginava que o fim estava próximo, os cavaleiros de Rohan chegam para defender o reino dos homens ao nascer do dia. Sofrem, entretanto, a perda de seu rei Théoden. Éowyn, irmã de Éomer, derrota, com a ajuda de Merry, o Nâzgul que matara o rei. Aragorn chega trazendo o exército de mortos pra finalmente derrotar o exército de Sauron.

Sam engana os *orcs* de Cirith Ungol e resgata Frodo. Os dois entram em Mordor e observam a Montanha da Perdição; a distância que os separa de seu objetivo é formada por acampamentos de *orcs*. Após deliberação, o exército dos homens, liderados por Aragorn, parte

em direção ao Portão Negro para distrair as forças do Inimigo. O plano funciona, e Frodo e Sam veem o caminho sendo liberado para sua passagem. Os *orcs* atacam o Exército do Oeste, enquanto Frodo e Sam chegam à montanha da Perdição. Apesar do súbito reaparecimento de Gollum, que tenta impedir o *hobbits*, Frodo joga o anel na lava da montanha. O poder de Sauron chega ao fim.

Nosso objetivo com esta breve resenha era contextualizar a obra e apresentar suas personagens. Na seção a seguir, realiza-se um breve percurso histórico da metáfora até os estudos contemporâneos da Linguística Cognitiva, a fim de propor uma análise introspectiva do *corpus* coletado.

3 METÁFORA – UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

O capítulo 2 é dedicado a um breve percurso histórico pelo mundo da metáfora, que é discutida desde Aristóteles e Fontanier, com o primado da palavra, passando pela teoria do enunciado com Richards e Black, até o olhar dos estudos literários com Candido (2006).

3.1 Aristóteles e Fontanier – a palavra

Servindo aos propósitos tanto da Retórica quanto da Poética, a metáfora foi primeiramente objeto de estudos de Aristóteles. No conceito aristotélico, ela se liga a essas grandes áreas por meio do nome, ou seja, da segmentação do discurso. Segundo o filósofo, a "metáfora é a transferência do nome de uma coisa para outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, ou por analogia" (p. 63, parágrafo 128). Portanto, um resumo esquemático para a metáfora dentro dessa abordagem seria: A = B, como no exemplo *Maria é uma rosa*. Apesar da visão equivocada de *transferência*, em Poética, Aristóteles também define a metáfora como conceptual, ao explicá-la em termos de semelhança, conceito desenvolvido posteriormente pela Linguística Cognitiva.

O expediente fundamental, para Aristóteles, é o movimento: o uso “comum” é deslocado e substituído por outro distante do uso corrente – estranho (*allos*). O filósofo aproxima as ideias de *desvio* do uso corrente, de *empréstimo* e de *substituição* (RICOEUR, 2000).

No entanto, como consequência de se adotar esse ponto de vista, a metáfora galgou ao posto de “ornamento” – não acrescenta informação nova e tem função decorativa. Posteriormente, o conceito de substituição foi rejeitado por autores como Max Black, que conheceremos em seções posteriores. Para Ricoeur (2000, p. 37),

É a ideia de substituição que parece a mais preta de consequências, pois se, com efeito, o termo metafórico é um termo substituto, a informação fornecida pela

metáfora é nula, o termo ausente podendo ser restituído caso exista; e, se a informação é nula a metáfora tem somente um valor ornamental, decorativo.

Segundo Candido (2006), o foco dos estudos retóricos limitou-se à classificação de tropos e figuras. Essa limitação à classificação de tropos e figuras levou ao declínio da retórica, ao contrário do que afirmam neoretóricos, que atribuem essa decadência à redução de seu campo. Ricouer vai além e atribui a decadência da retórica à “ditadura da palavra” (RICOUER, 2000, p. 79).

No século XIX, o tratado *Les Figures du Discours* de Fontanier mantém o papel de protagonista anteriormente já atribuído à palavra. Essa primazia é reforçada pela proposição do par ideia-palavra. “O pensamento compõe-se de ideias, e a expressão do pensamento pela palavra compõe-se de palavras” (FONTANIER, 1968, p. 41). A metáfora, nessa teoria, tem seu alicerce firmado nesse par, uma vez que é considerada um tropo de uma palavra em uma relação entre duas ideias.

A metáfora tem função predicativa, uma vez que apresenta “uma ideia sob o signo de outra ideia mais evidente ou conhecida” (FONTANIER, 1968, p. 99). Essas ideias são abordadas segundo um critério de aproximações baseadas em juízo de opinião.

Os estudos de Aristóteles e Fontanier especializaram-se na observação da metáfora como a transposição do nome. Restringindo-a a uma posição de tropo, os estudiosos, por sua vez, também se circunscreveram à identificação e classificação da metáfora enquanto palavra, abstendo-se de estudá-la enquanto *enunciado*. Na próxima seção, proponho-me a discorrer a respeito da metáfora enquanto discurso.

3.2 A metáfora sob os olhos da Semântica do Discurso

Em oposição a Aristóteles e Fontanier, que antepunham a palavra em relação ao enunciado, Ivor Armstrong Richards, em *The Philosophy of Rethoric* (1936), sugeriu uma nova abordagem à retórica: uma teoria cuja essência seria o uso da linguagem. Segundo ele, essa nova retórica é uma “disciplina filosófica que visa ao domínio das leis fundamentais do uso da linguagem” (RICHARDS, 1936, p. 33).

Ao fugir de classificações, Richards (1936) reafirma seu compromisso com o discurso, uma vez que não dá o mesmo tratamento aos desvios que seus antecessores, focando, portanto, além da dicotomia concreto X figurado – relação estabelecida por um estudo lexical. Assumindo que as palavras não encerram o significado por si mesmas, o autor assume um ponto de vista orientado pelo contexto, que define como “um feixe de acontecimentos que surgem em conjunto, incluindo aí as condições requeridas assim como as que podemos isolar como causa ou como efeito” (RICHARDS, 1936, p. 34).

Resta-nos saber como a metáfora é discutida dentro dessa visão. Segundo Ricouer (2000), a metáfora é abordada dentro do ambiente de produção de sentido. “Ela mantém dois pensamentos de coisas diferentes”, mas “não se trata de um simples deslocamento de palavras, mas de um comércio entre pensamentos, isto é, de uma transação entre contextos” (RICOUER, 2000, p. 129). No entanto, apesar de considerar o contexto de produção, essa teoria avalia a metáfora como um “talento de pensamento”.

Para Richards (1936), a metáfora nasce da interação entre uma ideia principal – teor – e outra ideia pela qual a principal é entendida – veículo. Entre veículo e teor, existe uma *tensão* que aumenta ou diminui conforme há maior ou menor semelhança entre os contextos semânticos. Da maior tensão, nascem as metáforas mais *surpreendentes* ou *criativas*.

Evocando o conceito de transferência – metáfora para a psicanálise – Richards (1936) principia uma apreensão metafórica do mundo, ou seja, defende que essa operação transpassa o verbal e age também em nossa realidade. Esse posicionamento antecede a visão cognitiva da metáfora que veremos na seção 3.2, ao discorrermos sobre os estudos precursores de Lakoff e Johnson (1980).

3.3 A razão e a metáfora – Max Black

Seguindo o caminho deixado por Richards, Max Black publicou o artigo *Models and Metaphors* (1962), que estabelece uma análise semântica da metáfora também baseada no enunciado. O que diferencia o segundo do primeiro, no entanto, são o distanciamento que este busca fazer da retórica e sua aproximação de uma gramática lógica. Black (1962) se debruçou sobre questões como a natureza, critérios para reconhecimento, propósitos e efeitos da metáfora, além das relações entre esta e a comparação.

Black (1962) considera uma metáfora um enunciado completo em que a presença de uma palavra em particular justifique essa classificação. A atenção dada a essa palavra recebeu o nome de *focalização*, fenômeno que não permite que se considere que as palavras tenham seu sentido isoladamente e fora do enunciado.

Black (1962), contribuiu para o campo da metáfora, ao distinguir as teorias clássicas da teoria da interação. O embate principal é sua crítica à visão substitutiva e à comparatista. No caso da primeira, Black (1962) refuta a ideia da metáfora como uma simples substituição de uma expressão literal por outra. Ora, se as expressões são equivalentes, então a metáfora é claramente substituível, ou um simples ornamento. Na segunda, sua censura jaz na explicação de uma metáfora pela analogia ou semelhança, o que nos mostra o início da explicação da metáfora além dos domínios da similaridade (RICOUER, 2000, p. 138).

Nessa visão interacional, a metáfora é um enunciado completo cujo foco metafórico recai sobre um item lexical. O *frame*, contexto ou quadro, para Black (1962) age de forma a gerar uma nova significação para esta palavra. O enunciado a seguir serve como exemplo:

Tua presença é *uma carne de peixe* (ANDRADE, 1974, p. 212).

Neste enunciado, *uma carne de peixe* é o foco metafórico, sendo que o restante das palavras está sendo usado de forma literal – elas constituem o *quadro*. A partir de um “sistema de lugares comuns associados” (BLACK, 1962, p. 40), ou seja, a partir da interação com o contexto sócio-histórico, uma nova significação é suscitada. No enfoque interativo de Black (1962), o que pensamos sobre o quadro e o foco agem concomitantemente e, a partir desta interação, provocamos o sentido metafórico do enunciado.

Outro conceito importante da teoria de Black (1962) é o “sistema associado de lugares comuns”, ou seja, para se interpretar uma metáfora, não se consideram somente os significados já dicionarizados, mas também toda a rede de conceitos social e historicamente conhecidos que são evocados no processo de construção de sentido.

3.4 Metáfora e os estudos literários

Candido, em *O estudo analítico do poema*, estabelece uma dicotomia entre aquilo que seria uma metáfora e aquilo que pode ser considerado como uma “linguagem figurada espontânea” (CANDIDO, 2006, p. 111). Exemplos como *barriga da perna*, *olho do machado* ou *fogo dos olhos* são considerados um modo corriqueiro de expressão humana.

A metáfora comum nasce da necessidade de suprir a deficiência da linguagem direta, baseia-se na associação de ideias motivada pela semelhança, e desfecha numa comparação dos elementos característicos, por meio da abstração dos demais elementos (CANDIDO, 2006, p.141).

Os manuais de estilística costumam classificar essas “metáforas fossilizadas” com o nome de *catacrese*. Elas são até mesmo necessárias. Como não dizer a *boca do fogão* ou *o nariz do avião*, por exemplo. Até mesmo outras línguas usam, muitas vezes, as mesmas catacreses, principalmente as relacionadas às partes do corpo, como *the nose of the plane*, em inglês, ou *le nez de l'avion*, em francês.

Segundo Candido (2006), a metáfora literária é a linguagem figurada elaborada e construída de forma a alcançar um determinado efeito. Ela é um tipo especial de imagem, pois se baseia no jogo de semelhança mental: existe uma relação entre “objetos diferentes, abstraindo-se os elementos particulares para salientar o elemento geral, que assegura a correlação” (Candido, 2006, p.136). Além disso, a metáfora, ao contrário da comparação, omite o elemento comparativo, habilitando uma transposição direta de significado, o que, segundo o autor, confere maior expressividade à obra literária.

A relação entre a metáfora e os objetos, segundo Candido (2006), é subjetiva e arbitrária. No exemplo, *o violino povoava a noite de doçuras*, o som, pertencente ao campo da audição, é marcado por um elemento pertencente a outro campo sensorial, o paladar. Além disso, *doçuras* é tratado como entidades (CANDIDO, 2006).

Para Candido (2006), a criação de uma metáfora implica a criação de nova realidade. Após suprimido o elemento comparativo, barreiras são quebradas entre o termo metafórico e o alvo do sentido, e uma transposição espontânea de carga semântica é feita além dos dedos do autor.

As visões de metáfora tratadas aqui, até o presente momento, tiveram como foco a palavra e o estudo da linguagem. No entanto, como se mostrou a partir da década de 1980, a

metáfora não é somente uma questão linguística, mas também parte fundamental do pensamento humano. Nas próximas seções, trataremos da visão cognitivista da metáfora, que a considera como parte fundamental do sistema conceptual humano e base do pensamento e da ação.

4 METÁFORA - UMA PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA

4.1 A Linguística Cognitiva

No fim da década de 70, em resposta à abordagem formal dos estudos linguísticos, surgiu a Linguística Cognitiva – LC – representada pelos pioneiros Gilles Fauconnier, Charles Fillmore, George Lakoff, Ronald Langacker and Leonard Talmy. Localizada em uma área interdisciplinar que abarca a psicologia, a filosofia e a neurociência, a LC concentra seus esforços no campo na cognição. Segundo Abreu (2010, p. 9),

A cognição é a capacidade que os seres humanos têm de processar informações adaptando-se às mais variadas situações possíveis, num curto espaço de tempo. (...) Dentro de uma visão moderna, superando antigas divisões, a cognição humana engloba a linguagem, a memória, o raciocínio lógico, as emoções e a motivação.

A LC prioriza o “papel do significado, dos processos conceptuais e da experiência corporificada no estudo da linguagem e da mente e na maneira em que elas se cruzam” (EVANS, 2007, p. 22). Nesse contexto, é possível compreender que a LC não percebe a linguagem como uma entidade dissociada do pensamento e da ação. O oposto, na verdade, é afirmado: “a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma importante fonte de evidência para a natureza desse sistema” (LAKOFF; JOHNSON, p. 3-4, 1980).

Os linguistas cognitivistas baseiam-se na observação de padrões de estrutura e organização da linguagem para formar hipóteses a respeito do sistema conceptual que ela reflete (EVANS; GREEN, 2006). Nesse contexto, o empreendimento da LC é guiado por dois compromissos, segundo Evans e Green (2006, p. 27):

² “Communication is based on the same conceptual system that we use in thinking and acting, language is an important source of evidence for what that system is like” (LAKOFF; JOHNSON, p. 3-4, 1980, *tradução nossa*).

1. *Generalization commitment*: busca por “princípios gerais da estrutura linguística que são responsáveis por todos os aspectos da linguagem humana”.
2. *Cognitive commitment*: “caracterização de princípios gerais da linguagem de acordo com o que se sabe de outras disciplinas sobre a mente e o cérebro”.

São diversos os temas de interesse da LC, como aponta Abreu (2010, p. 19-20):

1. Categorização e teoria dos protótipos
2. Linguagem corporificada e esquemas de imagem
3. Frames e Scripts
4. Metáfora
5. Metonímia
6. *Blending*, integração e redes de integração
7. Histórias, parábolas e provérbios
8. Teoria dos espaços mentais
9. Iconicidade
10. Gramática e cognição

O presente trabalho concentra suas análises no campo da metáfora, tópico revisitado primeiramente por Lakoff e Johnson com a publicação do livro *Metaphors we live by* em 1980.

4.2 A metáfora à luz da Linguística Cognitiva

³ “General principles that are responsible for all aspects of human language” (Evans e Green, 2006, p. 27, tradução nossa).

⁴ “Characterization of general principles for language that accords with what is known about the mind and brain from other disciplines” (Evans e Green, 2006, p. 27, tradução nossa).

A Linguística Cognitiva fez avanços significativos no campo da metáfora. Em *Metaphors we live by*, estudo pioneiro de Lakoff e Johnson, conceitua-se que “a essência da metáfora é entender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 5). Nesse sentido, a metáfora não é apenas uma transferência de significado de uma palavra a outra ou mesmo uma comparação abreviada. A metáfora é pervasiva e define nossa realidade diária (LAKOFF & JOHNSON, 1980).

Desde a infância, os seres humanos constroem, a partir de suas experiências e da sua interação com o mundo e com outros seres, conceitos fundamentais para categorizar e conceptualizar sua realidade diária. Esses conceitos são baseados na experiência, estruturados metaforicamente e relacionados uns aos outros. Os conceitos disponíveis ao homem, que podem ser expressos via linguagem, formam um repositório – sistema conceptual, (EVANS, 2007) – nosso alicerce tanto para pensar e agir quanto para se comunicar.

Sobre o sistema conceptual, Lakoff e Johnson (1980, p. 3) afirmam,

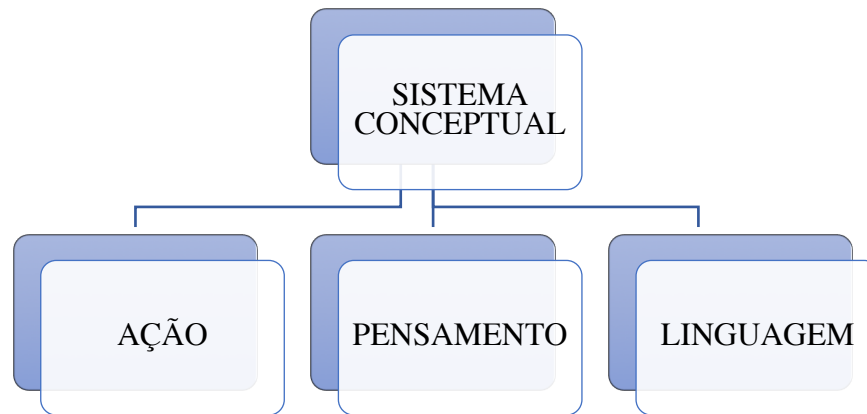
Nossos conceitos estruturam o que percebemos, como agimos no mundo e como nos relacionamos com outras pessoas. Nosso sistema conceptual tem papel central em definir nossa realidade diária. Se estivermos certos ao sugerir que nosso sistema conceptual é amplamente metafórico, então o jeito que pensamos, o que experimentamos, e o que fazemos diariamente também são questões relacionadas à metáfora.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), o sistema conceptual humano é inerentemente metafórico – pensamos, agimos e vivemos experiências em termos de outras. A comunicação está ancorada neste mesmo sistema conceptual e, portanto, também pode ser considerada metafórica.

Na Figura 1, ilustramos como pensamento, ação e linguagem estão ancorados no mesmo sistema conceptual:

⁵ No original: “the essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another” (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 5, *tradução nossa*).

⁶ “Our concepts structure what we perceive, how we get around in the world, and how we relate to other people. Our conceptual system thus plays a central role in defining our everyday realities. If we are right in suggesting that our conceptual system is largely metaphorical, then the way we think, what we experience, and what we do every day is very much a matter of metaphor” (Lakoff e Johnson, 1980, p. 3, *tradução nossa*).

Figura 1: Sistema Conceptual

Fonte: Elaboração própria (2021)

O que significa conceptualizar experiências em termos de outras? É possível afirmar que alguns conceitos possam ser de difícil compreensão para os seres humanos. Dentre eles, estão os sentimentos, as ideias, os pensamentos ou a noção de tempo. A saída encontrada é entender como esses conceitos funcionam a partir de outros.

É o que ocorre neste exemplo extraído do *corpus*:

*Os outros olharam-no. Subitamente a **sombra** do medo dos Cavaleiros Negros tomou conta deles de novo.* (TOLKIEN, 2001, p.151)

Medo é um sentimento devastador. É a reação do nosso organismo a uma situação de perigo iminente. De forma a entender esse sentimento e caracterizá-lo, os seres humanos buscaram um conceito concreto: a visão. Aquilo que vejo é meu conhecido e, portanto, seguro. O contrário também é verdadeiro; se esse sentido me é privado, desconheço o mundo ao redor. No exemplo extraído do *corpus*, identifica-se a caracterização do sentimento negativo como sendo uma *sombra*, ou seja, algo destituído de sua luz plena. Portanto, demonstra-se como, através da metáfora, entendemos e experienciamos uma coisa em termos de outra. (LAKOFF e JOHNSON, 1980).

O sentimento de *medo* foi conceptualizado em termos de uma experiência mais concreta e *corporificada*, ou seja, baseada em como nossos corpos interagem com o mundo. A cognição corporificada será tema de nossa próxima discussão.

4.3 Cognição corporificada e esquemas de imagem

O guepardo é o felino mais rápido do mundo; sua velocidade máxima pode variar entre 80 e 130 km/h. O ser humano, por sua vez, consegue alcançar uma velocidade máxima de 45 km/h. Em uma situação hipotética, em uma corrida de competição entre um ser humano e guepardo, naturalmente, o vencedor não seria o homem. Esse resultado deriva de como os corpos das duas espécies são formados e sua pré-disposição para a corrida. Da mesma forma que a aptidão para corrida é diferente para cada um, é também distinta a percepção do conceito de velocidade. Cada uma das espécies constrói sua noção de *velocidade* baseada na experiência que seus corpos possibilitam.

Outra característica essencial do ser humano é andar sobre dois pés. Essa forma especial em que nossos corpos foram concebidos influencia diretamente na maneira como enxergamos o mundo. Exemplo disso é a noção de *verticalidade*, que conduz os conceitos de *para cima* e *para baixo*. A partir de nossos corpos é possível criar os conceitos de frente, trás, esquerda, direita, dentro e fora.

Esses exemplos corroboram o que Evans e Green (2006, p. 45) preconizam ao afirmar que “a nossa construção de realidade é propensa a ser mediada em grande medida pela natureza de nossos corpos”. Como vemos o mundo, como interagimos com objetos e outros seres e como construímos nossa realidade são situações de *experiência corporificada*: “só podemos falar sobre o que percebemos e concebemos, e as coisas que podemos perceber e conceber derivam da experiência corporificada” (EVANS; GREEN, p. 46).

Lakoff e Johnson (1980) propõem que as experiências corporificadas se manifestam em *esquemas de imagem*, padrões provenientes da experiência humana pré-conceptual. Os esquemas de imagem, segundo eles, podem se expandir para fornecer alicerces a conceitos mais

* “Our construal of reality is likely to be mediated in large measure by the nature of our bodies” (EVANS; GREEN, 2006, p. 45, *tradução nossa*).

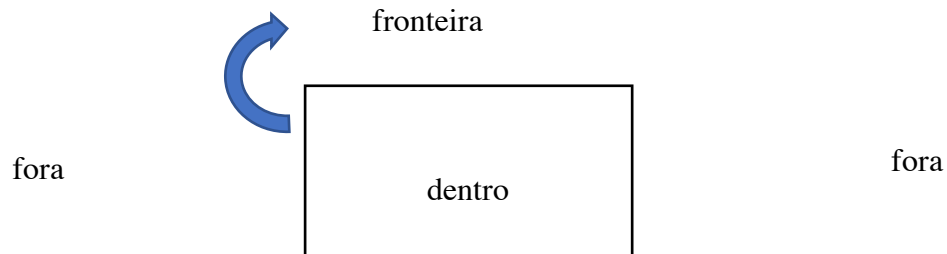
° “We can only talk about what we can perceive and conceive, and the things that we can perceive and conceive derive from embodiment experience” (EVANS; GREEN, 2006, p. 46, *tradução nossa*).

abstratos, em um processo chamado de *projeção conceptual* que analisaremos na discussão sobre **metáfora conceptual** (EVANS; GREEN, 2006).

O esquema de imagem de PERCURSO (LOCOMOTION), por exemplo, nasce da nossa interação como espaço físico. Esse esquema se divide em ORIGEM (SOURCE), TRAJETO (PATH), DESTINO (GOAL). Por exemplo, desde bebê, o ser humano se move em diferentes direções a fim de explorar caminhos ou mesmo alcançar objetos. Uma criança que deseje pegar um objeto descobre, pela experiência com o corpo, que deve sair de um ponto de origem, realizar um trajeto, para alcançar sua meta.

Durante o percurso, é possível entrar em uma casa ou em um meio de transporte. Nesse caso, temos o esquema de imagem de CONTÊINER (CONTAINER) composto pelas seguintes partes (Figura 2):

Figura 2: Esquema de CONTÊINER



Fonte: Elaboração própria (2021)

Durante o PERCURSO, os obstáculos encontrados formam o BLOQUEIO. Caso exerçamos uma força sobre eles, configura-se o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS (ABREU, 2010).

No quadro 1, apresentam-se os esquemas de imagem compilados por Evans e Green (2007, p.108):

Quadro 1: Lista de esquemas de imagem

SPACE	UP-DOWN, FRONT-BACK, LEFT-RIGHT, NEAR-FAR, CENTRE-PERIPHERY, CONTACT, STRAIGHT, VERTICALITY
CONTAINMENT	CONTAINER, IN-OUT, SURFACE, FULL-EMPTY, CONTENT
LOCOMOTION	MOMENTUM, SOURCE-PATH-GOAL
BALANCE	AXIS BALANCE, TWIN-PAN BALANCE, POINT BALANCE, EQUILIBRIUM
FORCE	COMPULSION, BLOCKAGE COUNTERFORCE, DIVERSION, REMOVAL OF RESTRAINT, ENABLEMENT, ATTRACTION, RESISTANCE
UNITY / INTERATION MULTIPLICITY	MERGING, COLLECTION, SPLITTING, PART-WHOLE, COUNT-MASS, LINK(AGE)
IDENTITY	MATCHING, SUPERIMPOSITION
EXISTENCE	REMOVAL, BOUNDADED SPACE, CYCLE, OBJECT, PROCESS

Fonte: Evans e Green (2007, p. 108)

Os exemplos a seguir foram extraídos do *corpus* desta pesquisa:

Quadro 2: Esquemas de imagem em O Senhor dos Anéis

ESQUEMA DE IMAGEM	EXEMPLO	PÁGINA
CONTÊINER	<p>a) "Merry desceu do pônei e destrancou o portão, e, quando todos tinham passado, fechou-o novamente. Houve uma pancada e o trinco travou com um clique. O som era agourento.</p> <p>— Pronto! — disse Merry. — Vocês deixaram o Condado, e agora estão do lado de fora, na borda da Floresta Velha." (O condado é um contêiner).</p>	p. 114
PERCURSO	<p>b) "No meio da confusão chegaram os Sacola-bolseiros."</p>	p. 39
EQUILÍBRIO	<p>c) As duas forças lutavam nele. Por um momento, perfeitamente equilibrado entre os dois pontos agudos, ele se debateu, atormentado. De repente tomou consciência de si próprio outra vez. Frodo; nem a Voz, nem o Olho: livre para escolher, e lhe sobrava um único instante para fazê-lo. Tirou o Anel do dedo.</p>	p. 420

Fonte: TOLKIEN (2001)

O Condado é o lar dos *hobbits* da Terra Média. Eles têm costumes e cultura próprios: vivem do cultivo de terras, são discretos e, raramente, viajam além dos limites do Condado. Aqueles que saem em "aventuras" não são bem vistos por sua sociedade e tidos como *estranhos* ou *sem juízo*. Assim, as fronteiras do Condado o transformam em um CONTÊINER, como mostra o exemplo *a*.

No exemplo *b*, o argumento verbal pelo qual as personagens estavam passando foi conceptualizado em termos de PERCURSO, que começa em um ponto de ORIGEM, passa por

um TRAJETO, para chegar à sua META”. Os Sacola-bolseiros interrompem o PERCURSO da “confusão”, ou seja, sua continuidade.

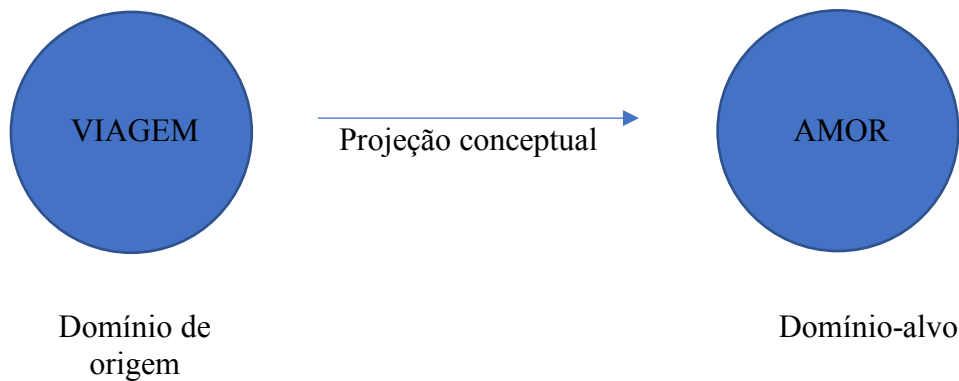
Os esquemas de imagens podem servir como alicerce para conceitos mais abstratos. O esquema de imagem de EQUILÍBRIO (BALANCE) tem origem na nossa necessidade de manter uma posição ortostática (ABREU, 2010). De forma a se atingir essa posição, segundo a Física, as forças que atuam sobre um sistema precisam se compensar de forma a não haver oscilações ou desvios. No exemplo extraído do *corpus* “*As duas forças lutavam nele. Por um momento, perfeitamente equilibrado entre os dois pontos agudos, ele se debateu, atormentado*” (TOLKIEN, 2001, p. 420), percebe-se que as forças que agem sobre a personagem tentam tirá-lo de uma posição ortostática emocional.

Lakoff e Johnson (1980) propõem que as experiências corporificadas se manifestam em *esquemas de imagem*, padrões provenientes da experiência humana pré-conceptual. Os esquemas de imagem, segundo eles, podem se expandir para fornecer alicerce a conceitos mais abstratos, em um processo chamado de *projeção conceptual* que analisaremos nas discussões sobre metáforas conceptuais e metáforas primárias (EVANS; GREEN, 2006).

4.4 Metáforas conceptuais

Lakoff e Johnson (1980) explicam que uma metáfora é conceptual quando a sua motivação deriva do sistema conceptual e não é somente uma questão linguística. Então, entendemos e experienciamos um conceito em termos de outro, o que implica uma transposição de domínios – estruturas de organização de conceitos (EVANS, 2007).

Tomemos como exemplo a metáfora conceptual AMOR É UMA VIAGEM (LOVE IS A JOURNEY) mapeada por Lakoff e Johnson (1980). Neste caso, AMOR é o domínio-alvo, conceito mais abstrato, e VIAGEM é o domínio de origem, conceito mais concreto, como se mostra na Figura 3:

Figura 3: Projeção conceptual AMOR É UMA VIAGEM

Fonte: Elaboração própria (2021)

Os domínios alvo e de origem tem papéis (*roles*) distintos que podem ser mapeados. Quando há a correspondência de mapeamento entre papéis, têm-se então a metáfora. Segundo Evans e Green (2006, p. 295), os domínios da metáfora AMOR É UMA VIAGEM podem ser mapeados conforme Quadro 3:

Quadro 3: Mapeamento para AMOR É UMA VIAGEM

Origem: Viagem	Mapeamento	Alvo: AMOR
VIAJANTE	→	PESSOAS ENVOLVIDAS
VEÍCULO	→	RELACIONAMENTO AMOROSO
VIAGEM	→	EVENTOS NO RELACIONAMENTO
DISTÂNCIA PERCORRIDA	→	PROGRESSO FEITO
OBSTÁCULOS ENCONTRADOS	→	DIFICULDADES ENCONTRADAS

DECISÕES SOBRE DIREÇÃO	→	ESCOLHAS SOBRE O QUE FAZER
DESTINO DA VIAGEM	→	OBJETIVOS DOS RELACIONAMENTO

Fonte: Evans e Green (2006, p. 295, tradução nossa)

A metáforas conceptuais são *unidirecionais*, ou seja, a projeção conceptual acontece somente do domínio de origem para o domínio-alvo, como demonstrado no Quadro 3. Tendo em mente o caráter unidirecional da metáfora, resta-nos debruçar sobre a natureza de cada domínio e a motivação por trás do padrão cada um. Lakoff e Johnson (1980) afirmam que conceitos que são definidos pela metáfora – domínio-alvo – correspondem a experiências naturais como AMOR, TEMPO, IDEIAS, DISCUSSÃO, TRABALHO, MORALIDADE, ETC. Já os conceitos que definem outros – de origem – também pertencem ao a experiências naturais como ORIENTAÇÃO FÍSICA, OBJETOS, SUBSTÂNCIAS, VIAGENS, GUERRA, COMIDA, etc.

Em estudos mais recentes, Kövecses (2002) descobriu que os domínios-alvos mais comuns são EMOÇÃO, MORALIDADE, PENSAMENTO, RELAÇÕES HUMANAS E TEMPO. Os domínios de origem mais comuns estão relacionados a ANIMAIS, CORPO HUMANO, PLANTAS, COMIDA e FORÇAS.

A princípio, afirmava-se que os domínios-alvos pertencem à ordem dos conceitos não claramente definidos e delineados para o homem, como por exemplo os sentimentos humanos. Kövecses (2002, p. 20) afirmou que “domínios-alvos são abstratos, difusos e precisam de clara delimitação; como resultado, eles ‘clamam por’ conceptualização metafórica¹⁰”. Já os domínios de origem são experiências tangíveis e concretas. No entanto, estudos recentes mostram que a diferença crucial entre os domínios não é a dicotomia concreto x abstrato, mas sim a assimetria entre os domínios: o domínio de origem resgata aspectos do domínio-alvo que são intersubjetivamente compartilhados entre os falantes (DANCYGIER; SWEETSER, 2014).

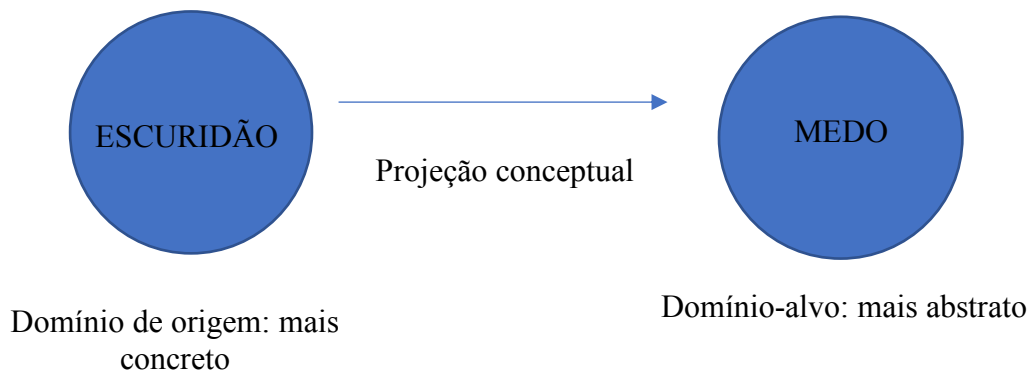
¹⁰ “Target domains are abstract, diffuse and lack clear delineation; as a result, they ‘cry out’ for metaphorical conceptualization” (Kövecses, 2002, p. 20, tradução nossa).

Por exemplo, na sentença a seguir, temos a metáfora conceptual MEDO É ESCURIDÃO. O domínio-alvo pertence à ordem dos sentimentos, conceito mais abstrato e muitas vezes de difícil identificação. O domínio de origem, a ausência de luz, pertence à ordem do mundo natural. Resgata-se, aqui, a experiência que os humanos têm ao se depararem, por exemplo, com uma rua totalmente escura; o desconhecido causa medo e pode trazer perigo iminente. Assim, verifica-se que a escuridão tem aspectos acessíveis e compartilhados entre o falantes o que possibilita a projeção conceptual. É o que acontece no exemplo a seguir:

*Os outros olharam-no. Subitamente a **sombra** do medo dos Cavaleiros Negros tomou conta deles de novo (TOLKIEN, 2001, p. 151).*

Na figura 4, mostra-se a projeção conceptual do exemplo:

Figura 4: Domínios do mapeamento metafórico MEDO É ESCURIDÃO



Fonte: Elaboração própria (2021)

Os domínios de origem podem ser baseados em esquemas de imagem. Isso se deve ao fato de que os esquemas de imagem têm seu alicerce direto na experiência corporificada pré-conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; EVANS; GREEN, 2006). Pela união das duas teorias, Esquemas de Imagens e Teoria da Metáfora conceptual, como consequência, chega-se à conclusão de que o pensamento abstrato e o raciocínio têm uma base esquemático-imagética e, portanto, *corporificada* (EVANS; GREEN, 2006).

4.5 Metáforas primárias

Grady (1997) propõe que existam dois tipos de metáforas conceptuais: a metáfora primária e a complexa. A primeira é considerada basilar, enquanto a segunda é composta da união entre metáforas primárias, que nascem das experiências fundamentais e diretas adquiridas ao longo da vida (ABREU, 2010; EVANS; GREEN, 2006).

O pressuposto básico da Teoria da Metáfora Conceptual – de que as metáforas são advindas de uma base firmada na experiência – é mantido por Grady (1997) para as primárias, e o autor vai além, explicando que deve existir, entre os domínios, uma correlação. Tomemos como exemplo os conceitos QUANTIDADE e ALTURA. A correlação entre eles se faz nítida através de exemplos empíricos: quando se aumenta a quantidade de uma substância em um recipiente, sua altura aumenta. Dessa correlação, nasce a metáfora primária QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL.

Grady (1997) rejeita a ideia de que se pode diferenciar o domínio-alvo do domínio de origem pela dicotomia *concreto x abstrato* nas metáforas primárias; ao contrário, os dois domínios são percebidos e vividos diretamente.

Se os dois domínios são igualmente “básicos”, como se determina qual deles é alvo e qual é de origem? Nas metáforas primárias, o domínio de origem encaixa-se na categoria de experiência sensorial e perceptual, enquanto o domínio-alvo primário baseia-se em uma resposta subjetiva a essa percepção sensorial, estando no âmbito da *avaliação*. A noção de SIMILARIDADE, por exemplo, depende de uma avaliação subjetiva do falante. Nesse caso, o ponto chave é determinar o que é *similar*, ou seja, carrega características de parença. Esse conceito subjetivo é, então, ancorado em uma experiência sensorial e corporal: a noção de PROXIMIDADE. O trecho “*Os hobbits são nossos parentes: muito mais próximos que os elfos, ou mesmo que os anões* (TOLKIEN, 2001, p. 2) mostra como essa conceptualização acontece: a similaridade entre *hobbits* e humanos é mostrada em termos de quão *próximos* estamos deles. Segundo Grady (1997),

Os domínios-alvos (exemplo: SIMILARIDADE, IMPORTÂNCIA, QUANTIDADE, CAUSAS, MUDANÇA e DESEJO não têm a base perceptual que caracteriza os domínios de origem. MUDANÇA, por exemplo, pode ser detectada em vários domínios, incluindo os não físicos (ex. uma mudança no tom emocional de uma conversa), enquanto a detecção do domínio físico MOVIMENTO é diretamente baseada na percepção física. DESEJO é um estado

afetivo enquanto FOME é uma sensação física. QUANTIDADE é um parâmetro em qualquer área, enquanto ELEVAÇÃO VERTICAL é uma variável física, percebida pelos sentidos” (GRADY, 1997, p. 14-15).

No Quadro 4, há outros exemplos de metáforas primárias extraídas do *corpus* deste trabalho:

Quadro 4: Metáforas Primárias em O Senhor dos Anéis

METÁFORA	EXEMPLO	PÁGINA
DIFICULDADE É PESO	a) “Um grande peso se instalava no coração de Frodo, que a cada passo se arrependia de ter desafiado a ameaça que as árvores representavam.”	p. 117
IMPORTÂNCIA É TAMANHO	b) “Mas os Grandes Anéis, os Anéis de Poder, esses eram perigosos.”	p. 48
INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE	c) Alguns desses tinham apenas uma ligação distante com Bilbo, e outros raramente tinham visitado a Vila dos Hobbits antes, pois moravam em cantos remotos do Condado.	p. 28

Fonte: TOLKIEN (2001)

A metáfora primária DIFICULDADE É PESO provém da experiência sensória-motora de se levantar um objeto pesado: avaliamos a dificuldade da ação à medida que o peso aumenta.

¹¹ “[...] the target concepts [e.g. SIMILARITY, IMPORTANCE, QUANTITY, CAUSES, CHANGE and DESIRE] lack the kind of perceptual basis which characterises the source concepts . . . CHANGE, for instance, can be detected in any number of domains, including non-physical ones (e.g. a change in the emotional tone of a conversation), whereas the detection of physical MOTION is directly based on physical perception. DESIRE is an affective state while HUNGER is a physical sensation. QUANTITY is a parameter in any realm, while VERTICAL ELEVATION is a physical variable, perceived by the senses” (GRADY, 1997, p. 14-15, tradução nossa).

No exemplo *a*, os sentimentos conflituosos provenientes das dificuldades pelas quais Frodo passava são conceptualizados em forma de um *peso* em seu coração.

Já em *b*, o julgamento subjetivo de se avaliar a importância de algo é conceptualizado em termos de nossa experiência sensória-motora com o conceito de TAMANHO: quanto maior, mais importante. Os anéis mais importantes, os Anéis de Poder, são descritos como os *grandes* anéis. Nossa avaliação do que seja o conceito de INTIMIDADE EMOCIONAL é medido pelo conceito sensório-motor de PROXIMIDADE. Bilbo, por exemplo, não mantém um relação com intimidade emocional com alguns de seus parentes, por isso está *distante* deles.

4.6 Metáfora estendida

Durante a análise do corpus desta dissertação, percebi a repetição das metáforas BONDADE É LUZ e MALDADE É ESCURIDÃO e seus desdobramentos. A fim de conseguir entender e explicar esse fenômeno, busquei o aparato teórico dentro da LC que desse conta desse fenômeno. Percebi, então, que as recorrências das metáforas se encaixam na categoria de metáfora estendida.

O uso recorrente de uma metáfora ao longo de um texto é uma técnica literária reconhecida identificada como *metáfora estendida*. Uma metáfora conceptual é, ao longo de um texto, evocada por diversas unidades lexicais pertencentes ao mesmo domínio. (SULLIVAN, 2013; SULLIVAN, 2014).

A repetição de conceitos mostra-se eficiente para o *convencimento* do receptor, uma vez que facilita a compreensão (SULLIVAN, 2013) e leva à credulidade (UNKELBACH; KOCH, 2019). As metáforas utilizadas de maneira recorrente estabelecem padrões para a organização de uma narrativa, e o sentido é construído em termos dos domínios recorrentes. A narrativa se torna internamente consistente, e o leitor faz seu papel de completar os padrões estabelecidos (TOBIN, 2018), que podem ser aplicados às personagens e suas intenções. O Senhor dos Anéis traz em seu enredo as noções de guerra iminente e possível fim do mundo, dessa forma, a dicotomia BEM X MAL, conceptualizada em termos de LUZ X ESCURIDÃO é consistentemente recuperada ao longo do texto para persuadir o leitor da urgência da destruição do anel.

Percorri, até o presente momento, o caminho teórico que foi usado para analisar os dados coletados nesta pesquisa. Na seção intitulada Metodologia e Análise de dados, mostro os métodos usados em nossa pesquisa e apresento os dados coletados e suas respectivas análises.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

Em nosso sistema conceptual, existe uma infinidade de conceitos que construímos ao longo da vida e através das experiências diárias. O contato com outras pessoas, as questões políticas nacionais e internacionais, a interação entre nossos corpos e o mundo fornecem combustível diário para a construção desses conceitos, que se refletem no uso linguístico metafórico. Dentre os conceitos humanos mais naturais, a dicotomia BEM x MAL é uma das mais relevantes e de uso recorrente.

A obra literária estudada retrata essa dicotomia e sua escolha ancora-se nos fatos: *produtividade e lacuna na literatura científica*. No que concerne ao primeiro, identificamos que o corpus escolhido, o livro *O Senhor dos Anéis*, foi traduzido para mais de quarenta idiomas ao longo dos sessenta e sete anos após seu lançamento, afirmando seu caráter transcultural. Seu alcance mundial de recorde de vendas confirma sua posição como uma das obras mais marcantes da contemporaneidade.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa, de natureza básica, adota o método indutivo para atingir o objetivo de descrever e caracterizar, a partir da LC, as operações conceptuais marcadas textualmente no *corpus*. Quanto aos procedimentos técnicos, este estudo se respalda nas seguintes técnicas de documentação indireta:

- Pesquisa bibliográfica: utilizada na construção do referencial teórico;
- Pesquisa documental: empregada na manipulação da obra literária que compõe o *corpus* de estudo, um produto editorial autêntico, que não havia recebido qualquer tratamento analítico prévio.

No que se refere à abordagem, este trabalho mescla características quantitativas e qualitativas. Princípios quantitativos são evocados na seleção de fenômenos e excertos do *corpus* com base no fator recorrência. Traços qualitativos, contudo, são predominantes, e direcionam as análises introspectivas apresentadas nesta dissertação.

De modo a conhecer trabalhos correlatos sob a ótica da LC, realizei uma busca simples no Portal Capes a partir das palavras-chaves *metaphor AND The Lord of the Rings*, e foram obtidos 2092 resultados. Filtramos a busca para trabalhos publicados nos últimos cinco anos e

obtivemos 336 trabalhos realizados dentro do escopo dos estudos literários. A partir da busca *conceptual metaphor AND the Lord of the Rings*, publicados nos últimos cinco anos, obtivemos um resultado de 88 trabalhos que estão, majoritariamente, dentro do escopo dos estudos literários, da retórica e da estilística. À luz da LC, encontramos o artigo *One metaphor to rule them all? ‘Objects’ as tests of character in The Lord of the Rings* (Sullivan, 2013), cujo objetivo é provar que o Um Anel é baseado em um *blending* metafórico que se reflete em outras metáforas relacionadas a poder.

Os resultados encontrados não abordam as metáforas conceituais que organizam as forças antagonistas na narrativa. Sullivan (2013), apesar de classificar o Um Anel como uma metáfora *Object Event-Structure (OES)*, não identifica a existência das metáforas BONDADÉ É LUZ e MALDADE É ESCURIDÃO, deixando, portanto, uma lacuna que justifica esta pesquisa científica.

Nas leituras e estudos realizados, deparei-me com o trabalho *The GOOD IS LIGHT and BAD IS DARKNESS metaphors in feature films de Forceville e Renckens* (2013). Essa pesquisa contribuiu para esta dissertação no sentido de que confirmou a hipótese de conceptualização dos domínios do BEM e do MAL em termos de LUZ e ESCURIDÃO respectivamente.

O estudo do corpus iniciou-se a partir da leitura do prefácio do livro. A negação do autor sobre a obra ser uma alegoria para A Grande Segunda Guerra e sua afirmação de que o capítulo “A sombra do passado” fora crucial para a construção da narrativa motivou esta pesquisadora a descobrir quais conceitos são mais recorrentes neste segmento. Deparei-me, então, com a explicação de Gandalf a Frodo sobre a origem de seu Anel e as implicações que sua presença traria ao Condado. Encontrei 31 unidades lexicais que remetem ao domínio da ESCURIDÃO para descrever o Um Anel e as forças do mal.¹² Encontrei 3 ocorrências que remetem ao domínio da LUZ.¹³

A partir dos dados coletados no capítulo “A sombra do passado”, procurei estabelecer categorias e determinar um padrão para evocar o domínio da ESCURIDÃO, de forma a traçar o caminho percorrido na análise dos capítulos restantes da obra.

As categorias a seguir mostram as instâncias em que o domínio da ESCURIDÃO é evocado:

- a) **Passado** – domínio evocado para se referir às lendas de um passado de guerras e perigos.

¹² O quadro de exemplos do domínio de ESCURIDÃO está contido no Apêndice 1.

¹³ ¹³ O quadro de exemplos do domínio de LUZ está contido no Apêndice 2.

*Os hobbits só conheciam esse nome em lendas do passado **escuro**, como uma **sombra** no fundo de suas memórias;* (TOLKIEN, 2001, p. 45)

- b) **Lugar** – domínio evocado para descrever e caracterizar os lugares associados a entidades do mal ou perigos.

*A Torre **Escura** tinha sido reconstruída, dizia-se.* (TOLKIEN, 2001, p. 45)

- c) **Sentimento** – domínio evocado para descrever sentimentos negativos relacionados a tristeza e ansiedade diante de perigos.

*A **sombra** cobriu meu coração novamente* (TOLKIEN, 2001, p. 45).

- d) **Poder** – domínio evocado para caracterizar o poder exercido por entidades do mal.

*Sim, mais cedo ou mais tarde – mais tarde se a pessoa for forte ou tiver boa índole no início; mas nem a força nem bons propósitos durarão – mais cedo ou mais tarde o poder **escuro** irá dominá-lo* (TOLKIEN, 2001, p. 48).

- e) **Entidades** – domínio evocado para caracterizar entidades do mal.

*Mas ontem à noite lhe falei sobre Sauron, o Grande, o Senhor do **Escuro*** (TOLKIEN, 2001, p. 48).

- f) **Perigo** – domínio evocado para descrever situações perigosas.

*Voltei de **escuras** jornadas e de uma longa procura para fazer o teste final.* (TOLKIEN, 2001, p. 58)

As categorias a seguir mostram as instâncias em que o domínio da LUZ é evocado:

- a) **Entidades / Grupo de Entidades** – domínio evocado da LUZ para caracterizar entidades representativas do bem.

*Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho **Branco** para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor.* (TOLKIEN, 2001, p. 45).

- b) **Passado** – em oposição ao poder exercido pelo anel, o domínio da LUZ é evocado e traz as lembranças de um passado feliz e agradável.

*Havia um cantinho de sua mente que ainda lhe pertencia, e a **luz** entrou por ele, como através de uma fenda no escuro: uma **luz** que vinha do passado.* (TOLKIEN, 2001, p. 56).

- c) **Sentimento** – domínio evocado para descrever forte sentimento que invade a personagem ao resistir ao Um Anel.

*Seus olhos brilharam e seu rosto se acendeu como se estivesse **iluminado** por dentro — Não me tente! Pois eu não quero ficar como o próprio Senhor do Escuro.* (TOLKIEN, 2001, p. 63).

Os dados do domínio de ESCURIDÃO forneceram as unidades lexicais, palavras ou expressões consideradas chaves, que foram usadas para realizar uma busca por exemplos nos capítulos restantes do livro. Além das unidades encontradas, foram escolhidas outras pertencentes ao mesmo campo semântico dos dados para ampliar os resultados. Tanto as unidades encontradas nos dados quanto as escolhidas por esta pesquisadora são apresentadas nos quadros a seguir:

Quadro 5: Unidades lexicais do domínio da ESCURIDÃO

Unidades encontradas nos dados
Escuridão
Escuro
Escura
Negro
Sombra
Sombrias
Trevas

Fonte: Elaboração própria (2021) com base em Tolkien (2001)

Quadro 6: Unidades lexicais do domínio da ESCURIDÃO sugeridas pela pesquisadora

Unidades pertencentes ao mesmo campo semântico
Escurecer
Sombrio

Fonte: Elaboração própria (2021) com base em Tolkien (2001)

Como a recorrência de exemplos relacionados ao domínio da LUZ foi menos expressiva nos dados coletados, optei por expandir a escolha de unidades lexicais pertencentes ao mesmo campo semântico e realizar uma busca simples por exemplos nos capítulos restantes do livro.

Tanto as unidades lexicais encontradas nos dados quanto as escolhidas por esta pesquisadora são apresentadas nos quadros a seguir:

Quadro 7: Unidades lexicais do domínio da LUZ encontradas nos dados

Unidades encontradas nos dados
Branco
Iluminar
Luz

Fonte: Elaboração própria (2021) com base em Tolkien (2001)

Quadro 8: Unidades lexicais do domínio da LUZ escolhidas pela pesquisadora

Unidades pertencentes ao mesmo campo semântico escolhidas pela pesquisadora
Brilho
Brilhar
Clara
Claro
Estrela

Fonte: Elaboração própria (2021) com base em Tolkien (2001)

Escolhidas as unidades lexicais, passei à análise do corpus utilizando a ferramenta *AntConc*¹⁴ para filtrar as amostras e selecionar os usos metafóricos. Parti, então, para análise desses dados utilizando o método introspectivo (TALMY, 2007).

A seguir, apresento uma análise dos dados¹⁵ coletados à luz da LC, buscando revelar como são representadas e caracterizadas as entidades pertencentes aos domínios do bem e do mal e caracterizar os conceitos predominantes do corpus. As Figuras 5, 6 e 8 foram elaboradas com base no repositório de metáforas *Metanet Wiki*¹⁶, do *International Computer Science Institute* em Berkeley, California.

5.1 Metáforas conceptuais de LUZ e ESCURIDÃO

A partir do corpus, observei que o embate travado em *O senhor dos Anéis* entre os povos da terra Média e Sauron é conceptualizado em termos dos domínios da LUZ e da ESCURIDÃO. Os seres e as criaturas que se opõem à opressão de Sauron desejam escapar da escravidão e do castigo. Sauron, por sua vez, deseja instaurar o medo e o caos. Essa conceptualização é baseada no registro cultural e nas experiências humanas.

A relação dos seres humanos com a escuridão data dos primórdios da humanidade. Em comparação a outros animais, a visão humana é restrita, e estima-se que necessite de trinta minutos para adaptar-se à escuridão e ativar seu limitado modo noturno. Além disso, apesar de sua inteligência superior, os primeiros homens tinham corpos frágeis que eram suscetíveis a ataques de feras e às mudanças climáticas. Exceto pela luz da lua e das estrelas, a escuridão era absoluta após o pôr do sol e dificultava a defesa contra os perigos da noite, pois era impossível prever a origem de um ataque. A visão noturna inferior e sua fragilidade criaram um dos primeiros medos humanos: o do escuro.

Com a descoberta do fogo, a situação tomou um rumo favorável: assim, os homens puderam se aquecer, endurecer a ponta de suas lanças para caçar e iluminar parcamente seus arredores. A nova tecnologia foi um marco para a humanidade e representada culturalmente no mito *Prometeu e os primeiros homens* (POUZADOUX, 2001). No entanto, esse avanço mostrou-se insuficiente, ao longo dos séculos, para afastar do imaginário popular o medo da

¹⁴ AntConc é um concordanciador para análise de corpus disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Acesso em 8 jun 2021.

¹⁵ Os quadros contendo as instâncias analisadas estão contidos nos apêndices 3 a 12.

¹⁶ Repositório de *frames* e metáforas disponível em: <https://metanet.icsi.berkeley.edu/metanet/>. Acesso em 8 jun 2021.

escuridão e suas criaturas. Durante a Idade Média, por exemplo, grande parte da população vivia em vilarejos isolados e sem proteção de muros. Suas casas consistiam em um grande cômodo que acomodava toda a família em volta de uma lareira que servia de fonte de calor, luz e proteção. Do lado de fora, reinava a escuridão – lar de criaturas desconhecidas e humanos mal intencionados. O medo do escuro era uma presença constante na vida dos aldeões e trazia consigo as crenças em criaturas fantásticas como bruxas, vampiros, fantasmas e duendes.

O medo do escuro e das criaturas que nele viviam, sejam elas reais ou imaginárias, trouxe consequências graves durante a Peste Negra. Os aldeões atribuíram a causa da doença a diversos bodes expiatórios, entre eles os gatos, animais de conhecidos hábitos noturnos. Por isso, incontáveis felinos, principalmente pretos, foram capturados e mortos. Mesmo nas cidades, onde já nascia uma vida noturna, as pessoas que eram vistas andando furtivamente pelas ruas à noite poderiam ser associadas a crimes ou bruxaria. A Inquisição caçou e condenou homens e mulheres à morte por seus hábitos noturnos.

Em 1879, os mistérios da noite começaram, finalmente, a ser desvendados, quando Thomas Edison conseguiu manter uma lâmpada elétrica acesa durante quarenta horas. A partir deste marco histórico, as ruas iluminadas ficaram mais cheias de pedestres em busca de uma vida noturna. Hoje, é comum ver pessoas que preferem fazer compras, praticar esportes ou estudar à noite. Os mitos que muito assombraram no passado perderam sua força às luzes de *led* dos postes de iluminação pública. Contudo, apesar da mudança no paradigma dia/noite em nossa realidade diária, os séculos de escuridão anteriores à lâmpada elétrica deixaram sua marca cultural registrada na consciência humana, e isso se reflete no comportamento e na linguagem.

Quando crianças, é comum termos medo do escuro, afinal, o desconhecido ainda nos causa essa incerteza. O ambiente mal iluminado pode ser, no imaginário infantil, um local habitado por criaturas imaginárias. Conforme crescemos, perdemos o medo absoluto do escuro, mas o mecanismo de defesa instaurado na infância permanece dormente e pronto para ser ativado. A escuridão é uma fonte de desconforto porque representa experiências corporificadas possíveis durante a noite ou em um ambiente mal iluminado (VEREZA, 2017). A exemplo, é possível imaginar uma pessoa caminhando para casa à noite. Ao virar uma esquina e perceber que, naquela rua, a iluminação pública está desligada, esse indivíduo pode avaliar o risco de passar pelo escuro e decidir tentar um percurso diferente para evitar aquele trecho. Essa pessoa assim o faz pelo medo do desconhecido, afinal o que ela não vê, ela não conhece, e, portanto, pode ser perigoso.

Nossa linguagem reflete nossos medos e anseios. Por exemplo, se descrevermos a expressão de uma pessoa como *sombria*, nosso juízo a respeito desse olhar é negativo. Em casos

como “*Houve grande surpresa e muitos olhares **sombrios** e duvidosos entre os homens de Éomer, quando ele deu ordens para que os cavalos que estavam sobrando fossem emprestados aos forasteiros, mas só Éothain ousou falar abertamente*” (TOLKIEN, 2001, p. 458), os soldados de Éomer mostram-se negativos em relação à sua decisão de emprestar os cavalos a Aragorn, Legolas e Gimli. A partir de nossas experiências com o domínio do escuro, derivou-se a metáfora conceptual MEDO É ESCURIDÃO.

A metáfora MEDO É ESCURIDÃO fica clara em “*Novamente se fez silêncio. Frodo, mesmo naquela bela casa, que dava para um vale iluminado pelo sol, cheio do ruído de águas límpidas, sentia uma **escuridão** mortal tomar-lhe o coração*” (TOLKIEN, 2001, p. 277-278). Frodo, apesar da segurança em que se encontrava no momento, experienciava um sentimento de medo conceptualizado em termos do domínio de ESCURIDÃO.

A metáfora MEDO É ESCURIDÃO é uma variável de MALDADE É ESCURIDÃO, ou seja, elas coexistem. Conceptualizamos atos que se opõem à bondade moral e fazem uso da imoralidade em termos do domínio do ESCURO, baseados no medo que perdura após séculos de construção cultural baseada na experiência. Nos exemplos extraídos do corpus, identifiquei o domínio da ESCURIDÃO sendo utilizado para conceptualizar o domínio da MALDADE e descrever tanto os Agentes e suas ações quanto os locais associados ao mal (Figura 5).

O domínio alvo MALDADE está contido na figura 5:

Figura 5: Domínio Alvo - Maldade



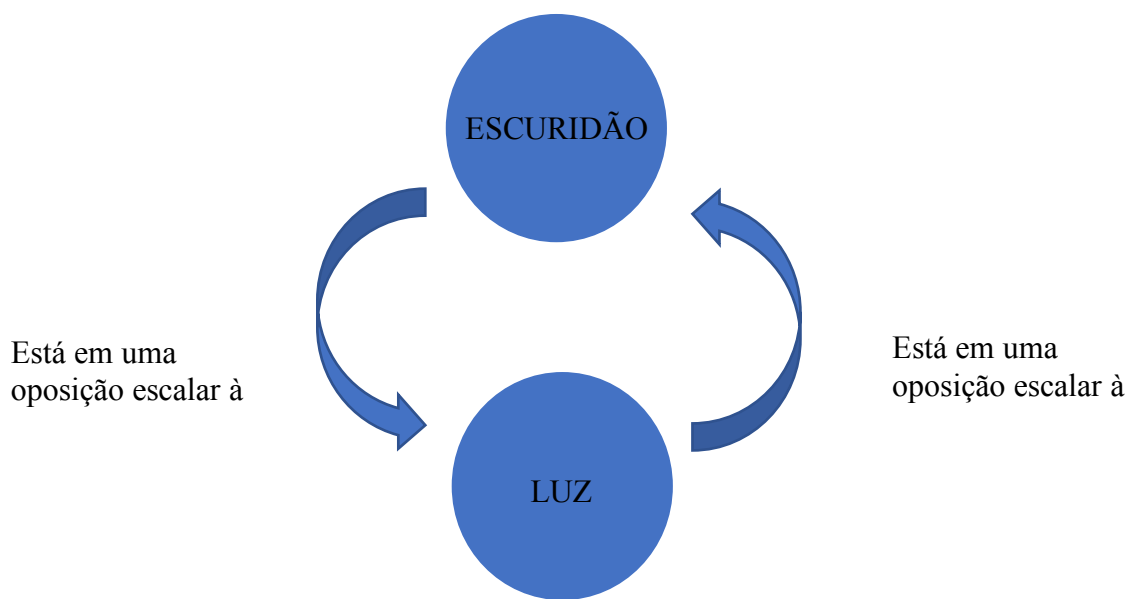
Fonte: Adaptado de

https://metaphor.icsi.berkeley.edu/pub/en/index.php/Metaphor:EVIL_IS_DARK (Tradução nossa)

Atos de maldade, como dominação e opressão, são atos que vão contra a moralidade. Quando Sauron deseja escravizar os povos da Terra Média, fazendo uso do anel, seus atos são imorais.

O domínio-fonte da ESCURIDÃO está em uma oposição escalar ao domínio da LUZ, ou seja, são conceitos inversamente proporcionais; quanto mais escuridão há, menos luz há. Na Figura 6, mostra-se essa relação:

Figura 6: Relação entre Domínios de ESCURIDÃO e LUZ

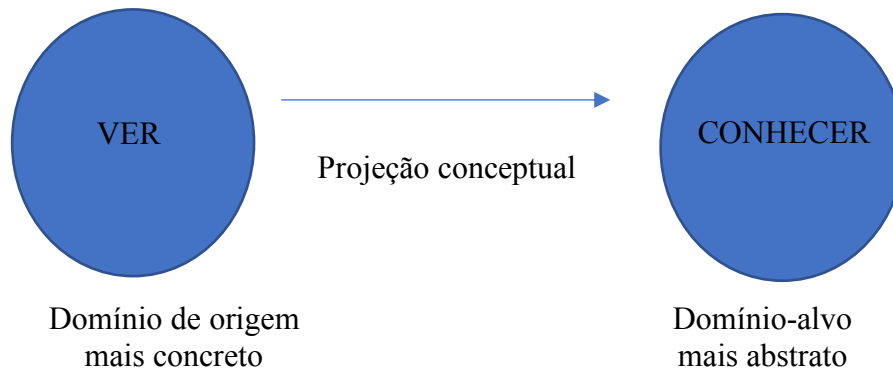


Fonte: https://metaphor.icsi.berkeley.edu/pub/en/index.php/Metaphor:EVIL_IS_DARK (Tradução nossa)

Por outro lado, o domínio de origem da LUZ revela como conceptualizamos aquilo que conhecemos. No exemplo, “*Você vai ser um tolo se fizer isso, Bilbo — disse ele. — Você torna isso claro a cada palavra que diz*” (TOLKIEN, 2001, p. 34) mostra como o domínio do claro, *das luzes*, permanece dentro do campo do que é conhecido para nós, ou seja, conhecemos o que

vemos. A metáfora primária que deriva dessa integração é CONHECER É VER, detalhada na figura 7.

Figura 7: Metáfora primária CONHECER É VER



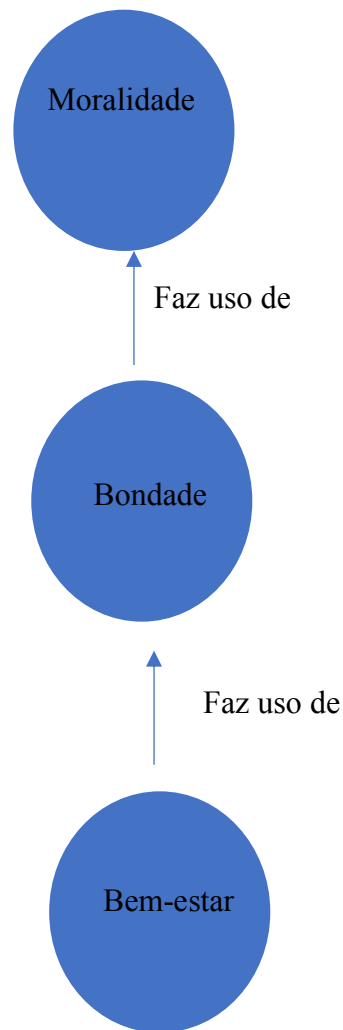
Fonte: Elaboração própria (2021)

Assim, quando usamos a frase *Tudo ficou claro para mim*, estamos nos baseando na estrutura conceptual que projeta nossa capacidade de ver no domínio do conhecimento.

O domínio da LUZ, além de conceptualizar a noção de conhecimento, é O conceito principal usado para instanciar o domínio de BONDADE no corpus. Quando Frodo parte de Lórien, recebe de Galadriel um frasco contendo água de sua fonte e o brilho da estrela de Eärendil como proteção contra os seres malignos que ele encontraria no futuro. Ela deseja a Frodo que o presente lhe proteja e lhe traga o bem em meio ao mal. É o que se confirma com a passagem “*Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. Lembre-se de Galadriel e de seu Espelho!*” (TOLKIEN, 2001, p. 393).

O domínio-alvo BONDADE está em uma relação de oposição escalar ao domínio de MALDADE. BONDADE é uma virtude e está dentro do conceito de MORALIDADE. A noção de BEM-ESTAR faz uso da BONDADE (Figura 8).

Figura 8: *Domínio da Bondade*



Fonte:

https://metaphor.icsi.berkeley.edu/pub/en/index.php/Metaphor:GOODNESS_IS_LIGHT

(Tradução nossa)

Os domínios do BEM e do MAL, conceptualizados em termos de LUZ e ESCURIDÃO respectivamente, são representados por seres e criaturas que foram denominados, nesta dissertação, Agentes da LUZ e Agentes da ESCURIDÃO. Fazem parte do grupo de Agentes DA LUZ *hobbits*, elfos, o mago Gandalf e a raça dos homens, representada pela personagem Aragorn. Os Agentes da LUZ fazem uso de objetos para atingir seus objetivos e moram em lugares que apresentam traços opostos aos lugares do domínio da ESCURIDÃO. Os Agentes da ESCURIDÃO, por sua vez, são *orcs*, pássaros espíões, os cavaleiros negros Nazgûl, o balrog, a criatura Laracna e Sauron, o Senhor da Escuridão. O principal objeto do domínio do mal é o Um Anel. Os lugares que servem de moradia para esse grupo são caracterizados como sombrios

e assustadores. Na seção a seguir, caracterizamos os agentes DA LUZ e os DA ESCURIDÃO, os principais objetos usados pelos dois grupos e os lugares frequentados por eles.

5.2 Agentes da LUZ

5.2.1 Seres e criaturas

Aragorn: também conhecido como Elessar ou Passolargo, é o herdeiro de Isildur para governar o reinos dos Homens.

*Com essas palavras despediram-se, na hora do pôr-do-sol; quando, depois de um tempo, eles se viraram e olharam para trás, viram o Rei do Oeste sentado sobre o seu cavalo com os cavaleiros ao redor; e o sol poente reluzia sobre eles e fazia com que seus arreios brilhassem como ouro vermelho, e o manto **branco** de Aragorn transformou-se numa **chama**. Então Aragorn pegou a pedra verde e a ergueu, e um **fogo** verde emanou de sua mão (TOLKIEN, 2001, p. 1041).*

Elfos: seres altos e belos que abominam o poder do escuro.

*Usavam trajes completamente **brancos**; os cabelos da Senhora eram de um dourado profundo, e os do Senhor Celeborn eram longos e prateados, mas não se via nenhum sinal de idade naqueles rostos, a não ser que estivesse na profundidade dos olhares, que eram agudos como lanças sob a **luz das estrelas**, e apesar disso profundos: os poços de profundas recordações (TOLKIEN, 2001, p.369-370).*

Gandalf: mago enviado à Terra Média para combater o mal de Sauron. No início do corpus, em *A Sociedade do Anel*, usa roupas cinza e pertence à ordem dos magos cinzentos. No entanto, após a provação e sofrimento causados pelo Balrog, consegue atingir a categoria de Gandalf, o Branco.

*Todos olharam para ele. Os cabelos eram **brancos** como a neve ao sol, e **brilhante** era sua veste branca; os olhos sob as sobrancelhas grossas eram reluzentes, agudos como os raios do sol; havia poder em suas mãos. Em meio à surpresa, à alegria e ao medo, eles ficaram parados, sem saber o que dizer. (TOLKIEN, 2001, p.369-370).*

Galadriel: uma das elfas mais importantes da Terra-Média. Era a portadora do anel élfico, Nenyá. Como presente de despedida, entregou a Frodo a luz de Eärendil para a proteção do hobbit por lugares perigosos.

*Levantou os braços **brancos**, e estendeu as mãos na direção Leste num gesto de rejeição e recusa. Eärendil, a Estrela da Tarde, a mais amada pelos elfos, emanava do céu um brilho. Tão claro era o **brilho** que a silhueta da Senhora Élfica lançava uma sombra apagada sobre o chão. Os **raios da estrela** reluziram sobre um anel em seu dedo, que cintilou como ouro polido coberto com luz prateada, e a pedra **branca** que havia nele piscou como se a Estrela da Tarde tivesse descido para descansar na mão dela* (TOLKIEN, 2001, p. 381).

Hobbits: povo antigo que ama a paz e a tranquilidade. Vivem em contato com a natureza e tiram da terra seu sustento. A maior parte dos *hobbits* prefere uma vida calma e sem sobressaltos e não vê com bons olhos aqueles que saem em busca de aventuras. As principais exceções a essa regra são Bilbo e Frodo: os dois são personagens principais das narrativas de Tolkien. Frodo usa o Frasco de Galadriel, que contém a Luz de Eärendil, para afastar Laracna.

*— Galadriel! — chamou ele, e criando coragem ergueu o Frasco mais uma vez. Os olhos pararam. Por um momento a expressão neles se abrandou, como se alguma sombra de dúvida os afligisse. Então o coração de Frodo ferveu dentro dele, e, sem pensar no que estava fazendo, se era loucura ou desespero ou coragem, ele pegou o Frasco com a mão esquerda, e com a direita puxou sua espada. Ferroada **reluziu**, e a afiada lâmina élfica faiscou na luz prateada, mas nas bordas adejava um **fogo azul**. Então, erguendo a **estrela** e brandindo a espada, Frodo, hobbit do Condado, deu passos firmes em direção aos olhos* (TOLKIEN, 2001, p. 760).

5.2.2 Objetos

Andúril: espada de Aragorn reforjada a partir de Narsil, arma usada para derrotar Sauron na guerra anterior à obra deste corpus. Também conhecida como Chama do Oeste, é utilizada por Aragorn na luta contra o mal.

*Avançando pela lateral, eles se arremessaram sobre os bárbaros. Andúril subia e descia, reluzindo com um **fogo branco**. Um clamor subiu da muralha e da torre. — Andúril! Andúril vai à guerra. A Espada que foi Quebrada **brilha** de novo!* (TOLKIEN, 2001, p. 558).

Luz de Eärendil: presente dado por Galadriel a Frodo quando este parte de Lórien. O frasco contém a luz da estrela de Eärendil. O objeto auxilia Frodo e Sam em momentos de perigo.

— E você, Portador do Anel — disse ela voltando-se para Frodo. — Dirijo-me a você por último, embora não seja o último em meus pensamentos. Para você, preparei isto. — Ergueu um pequeno frasco de cristal: **brilhava** quando ela o virava em sua mão, e **raios de luz branca** emanavam dele. — Este frasco — disse ela — contém a **luz da estrela** de Eärendil engastada nas águas de minha fonte. **B**rilhará ainda mais quando a noite cair ao seu redor. Que essa **luz** ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras **luzes** se apagarem. *Lembre-se de Galadriel e de seu Espelho!* (TOLKIEN, 2001, p. 393).

Ferroada: espada que Bilbo dá de presente a Frodo. Quando na presença de orcs, ela emana um brilho azulado, o que alerta Frodo e seus companheiros em diversos momentos da obra. *Os orcs tinham um faro semelhante ao dos cães, mas também podiam subir nas árvores, Frodo retirou Ferroada da bainha: a espada **brilhou** como uma **chama azul**; depois o **brilho** foi sumindo devagar e ela ficou novamente opaca. Apesar disso, a sensação de perigo imediato não abandonou Frodo; ao invés disso, ficou mais intensa. Ele se levantou e foi se arrastando até a abertura para espiar lá embaixo* (TOLKIEN, 2001, p. 359).

5.2.3 Lugares

Lórien: floresta lar de elfos e da Senhora Galadriel. Refúgio da Sociedade do Anel após sair de Moria.

*À esquerda ficava um grande monte, coberto por um gramado tão verde como a primavera dos Dias Antigos. Sobre ele, como uma coroa dupla, cresciam dois círculos de árvores. As de fora tinham troncos **brancos como a neve**, não tinham folhas e mesmo assim eram belas na sua nudez elegante; as de dentro eram pés de mallorn muito altos, ainda adornados por um dourado claro. Bem no meio dos galhos de uma árvore alta que se erguia no centro de todas reluzia um flet **branco**. Ao pé das árvores, e por toda a volta das colinas verdes, o gramado estava salpicado de pequenas flores douradas, com formato de **estrelas**. Entre estas, pendendo de caules frágeis, havia outras flores, **brancas** ou de um verde muito **claro**: **brilhavam** como uma névoa sobre a rica tonalidade da grama* (TOLKIEN, 2001, p. 365).

Minas Tirith: cidade dos homens e alvo de ataques de Sauron. Apesar de a raça humana ser retratada como passível de falhas no corpus, os homens de Minas Tirith temem o Senhor do Escuro e lutam contra ele.

*Parecia distante e bela: com muralhas **brancas**, muitas torres, majestosa e linda sobre sua montanha; seus parapeitos **reluziam** como aço, e suas torres **brilhavam** com muitas bandeiras. A esperança renasceu em seu coração. Mas contra Minas Tirith erguia -se outra fortaleza, maior e mais forte. (TOLKIEN, 2001, p. 419).*

Valfenda: lar dos Sábios élficos, senhores de Eldar, maiores opositores ao poder de Sauron. *Caminhou ao longo dos terraços debruçados sobre as águas ruidosas do Brunem, e assistiu ao sol pálido, fresco, erguer-se acima das montanhas distantes e emitir sobre o mundo seus **raios**, que se inclinavam através da fina névoa de prata; o orvalho **luzia** nas folhas amareladas, e teias entrelaçadas cintilavam em todos os arbustos (TOLKIEN, 2001, p. 248).*

5.3 Agentes da ESCURIDÃO

5.3.1 Seres e criaturas

Balrog: criatura que causa a queda de Gandalf, o cinzento em Minas Moria. Era descrito como a mistura entre sombras e chamas. Essa descrição revela uma integração entre o medo do desconhecido (sombras) e o medo do poder destrutivo do fogo.

*Alguma coisa vinha atrás. Não se podia ver o que fosse: era como uma grande **sombra**, no meio da qual havia uma forma escura, talvez humanoide, mas maior; poder e terror pareciam estar nela e ao seu redor (TOLKIEN, 2001, p. 343).*

*A figura **escura**, envolvida em fogo, corria em direção a eles (TOLKIEN, 2001, p. 343).*

Crebain: passáros negro usados por Saruman para espionar a Sociedade do Anel.

*— Regimentos de corvos **negros** estão sobrevoando toda a região entre as Montanhas e o rio Cinzento — disse ele. — Passaram sobre Azevim. Não são nativos desta região são crebain originários de Fangorn e da Terra Parda, Não sei o que fazem aqui: talvez haja algum problema no Sul do qual estão fugindo, mas acho que estão espionando a região. Acho que devemos partir outra vez esta noite. Azevim não é mais um lugar seguro para nós: está sendo vigiado. (TOLKIEN, 2001, p. 297).*

Laracna: monstro em formato de aranha que ataca Frodo e Sam em Torech Ungol.

Como Laracna chegara ali, fugindo da ruína, ninguém sabe, pois dos Anos Escuros poucas histórias restaram. Mas ela ainda estava lá, ela que chegara antes de Sauron, e antes da

*primeira pedra de Barad-dûr; nunca servira a ninguém a não ser a si própria, bebendo o sangue de elfos e homens, intumescida e gorda, remoendo sem cessar seus banquetes, tecendo **teias de sombra**; pois todos os seres vivos eram sua comida, e seu vômito a escuridão.* (TOLKIEN, 2001, p. 763).

*Gollum, anos antes, já a vira, Sméagol que penetrava todos os buracos escuros, e em dias passados se curvara diante dela em adoração, e a **escuridão** de sua vontade maligna o acompanhara através de todos os caminhos de sua fadiga, isolando-o da luz e do arrependimento. E ele lhe prometera trazer comida.* (TOLKIEN, 2001, p. 763).

Nazgûl: reis dos Homens que foram seduzidos e transformados pelo poder do Anel. Viajam sob a forma de cavaleiros vestidos de preto ou voam em criaturas aladas.

*Há muito tempo caíram sob o domínio do Um, e se tornaram Espectros do Anel, **sombras** sob sua grande Sombra, seus mais terríveis servidores. Há muito tempo. Faz muitos anos que os Nove foram levados para longe.* (TOLKIEN, 2001, p. 53).

Orcs: criaturas humanoides que servem a Sauron. Algumas espécies não suportam a luz do sol e somente viajam à noite.

*— Orcs, muitos deles — disse ele. — E alguns são grandes e perigosos: Uruks **negros** de Mordor. Por enquanto estão parados, mas tem alguma outra coisa lá. Acho que é um grande troll das cavernas, ou mais de um. Não há esperança de escaparmos por ali* (TOLKIEN, 2001, p. 337).

Sauron: senhor do Escuro; Sauron é a personagem que envia seus emissários para procurar o Um Anel na Terra Média. Ele não possui forma física, mas é conceptualizado como se a tivesse.

— Mas ontem à noite lhe falei sobre Sauron, o Grande, o Senhor do Escuro. Os rumores que ouviu são verdadeiros: ele realmente ressurgiu, deixou seus domínios na Floresta das Trevas e voltou à sua antiga fortaleza na Torre Escura de Mordor. Até vocês hobbits já ouviram esse nome, como uma sombra rondando os limites das velhas histórias. Sempre depois de uma derrota e uma pausa, a Sombra toma outra forma e cresce novamente. (TOLKIEN, 2001, p. 52)

5.3.2 Objetos

Anel: objeto usado por Sauron como controle de seres da Terra Média. Foi perdido durante a guerra anterior ao livro e é motivo da busca de *O Senhor dos Anéis*.

*Três Anéis para os Reis-Elfos sob este céu,
Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores,
Nove para os Homens Mortais fadados ao eterno sono,
Um para o Senhor do **Escuro** em seu escuro trono
Na Terra de Mordor onde as **Sombras** se deitam.
Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los,
Um Anel para a todos trazer e na **escuridão** aprisioná-los
Na Terra de Mordor onde as **Sombras** se deitam. (TOLKIEN, 2001, p. 52).*

5.3.3 Lugares

Barad-dûr: torre de Sauron, Senhor do Escuro.

*A noite odiosa passou devagar e relutante. A luz do dia seguinte era fraca, pois ali, à media que a Montanha se aproximava, o ar era sempre tenebroso, enquanto vindos da Torre **Escura** insinuavam-se os véus de **Sombra** que Sauron tecia ao redor de si (TOLKIEN, 2001, p. 992).*

Minas Morgul: a Torre do Sol Poente que foi tomada pelas forças do mal e renomeada Minas Morgul – A Torre da Bruxaria.

*Tudo era **negro** à sua volta, a terra e o céu, mas a torre estava iluminada por uma luz.(...) Na realidade, a **luz** que agora brilhava ali era mais pálida que a lua doentia passando por algum eclipse lento, vacilando e bruxuleando como alguma exalação repugnante de podridão, uma luz cadavérica, uma luz que nada iluminava (TOLKIEN, 2001, p. 741).*

Montanha da Perdição: local onde o anel deve ser destruído. O centro da terra de Sauron.

*Num primeiro momento, não conseguiu ver nada. E m sua extrema necessidade, puxou mais uma vez o frasco de Galadriel, mas ele estava **pálido** e frio em sua mão trêmula, e não jogava luz alguma naquela **escuridão** sufocante. Sam chegara ao coração do reino de Sauron, e às forjas de seu antigo poder, as maiores da Terra-média; ali todos os outros poderes eram subjugados. (TOLKIEN, 2001, p. 1001).*

Mordor: terra de Sauron, Senhor do Escuro.

A escuridão de Mordor retornara, e as fogueiras de acampamento nas montanhas queimavam fortes de novo, quando os hobbits partiram na etapa mais perigosa de sua viagem (TOLKIEN, 2001, p. 985).

Moria: cidade dos anões escavada nas Montanhas Sombrias. As profundezas das escavações é lar da criatura Balrog, que foi o agente do mal causador da queda de Gandalf.

*— Montes de joias? — disse Gandalf — Não. Os orcs sempre saqueavam Moria; não existe mais nada nos salões superiores. E desde que os anões fugiram, ninguém mais ousa procurar as passagens e as tesourarias nos lugares mais fundos: agora estão cobertas pela água — ou por uma **sombra** de medo. (TOLKIEN, 2001, p. 330).*

Torech Ungol: toca da criatura Laracna. Lugar que serve como armadilha da aranha para qualquer criatura. Passagem escolhida por Gollum para enganar Frodo e Sam.

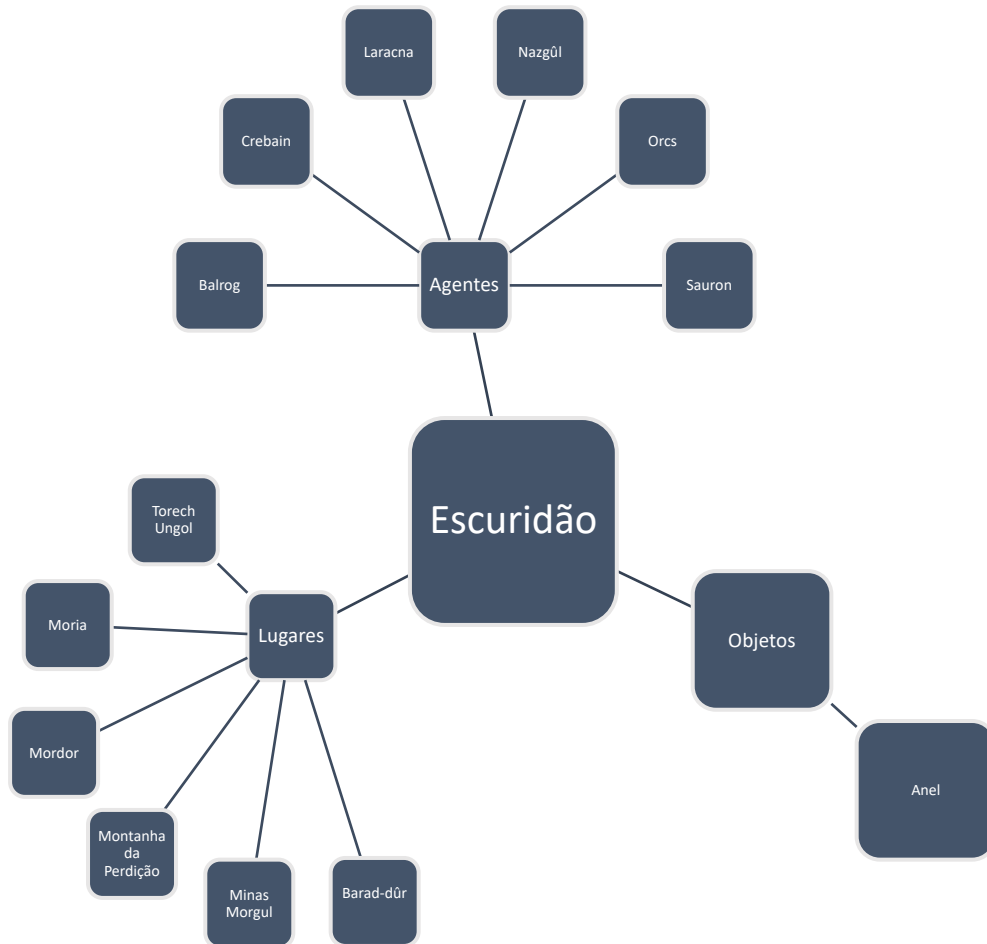
*Respiraram fundo e entraram. Alguns passos e já estavam num a **escuridão** total e impenetrável. Só nos corredores sem luz de Moria Frodo e Sam não tinham visto **escuridão** semelhante, e se possível aqui ela era mais profunda e mais densa. Lá havia ares circulando, e ecos, e uma sensação de espaço. Onde estavam agora o ar era parado, estagnado, pesado, e o silêncio era total.*

*Caminhavam por assim dizer num vapor **negro**, composto da própria **escuridão** em si mesma que, quando era inalada, trazia cegueira não apenas para os olhos, mas também para a mente, de modo que até a lembrança de cores e formas e de qualquer luz se apagavam do pensamento. (TOLKIEN, 2001, p. 756-757).*

5.4. Conceitos derivados

A caracterização de entidades, objetos e lugares do BEM e do MAL em termos de LUZ e ESCURIDÃO, respectivamente, corroborou a hipótese inicial desta dissertação: o domínio do BEM e seus respectivos termos são representados pela metáfora BONDADE É LUZ; o domínio do MAL, pela metáfora MALDADE É ESCURIDÃO. Tanto os Agentes da escuridão quanto os lugares e objetos a eles associados são organizados pelo conceito de ESCURIDÃO. Na Figura 9, destaca-se essa relação.

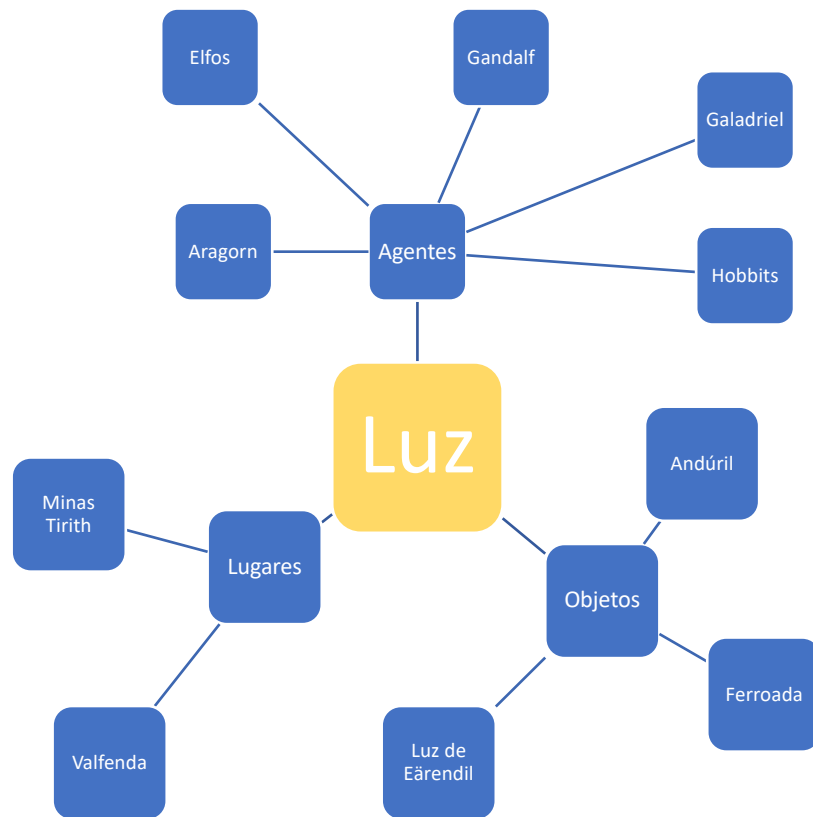
Figura 9: O domínio da Escuridão



Fonte: Elaboração própria (2021) com base em Tolkien (2001)

Os Agentes da escuridão são descritos como *sombras* e *escuros*. Eles são capazes de causar danos tanto aos agentes quanto aos lugares associados à luz, portanto são perigosos. Os lugares habitados pelos seres da Escuridão também oferecem perigos como túneis escuros, penhascos e falta de recursos para sobrevivência. Além disso, Sauron, o Senhor do Escuro, usa seu poder para tentar controlar a Terra Média.

Os Agentes de luz e os lugares e objetos a eles associados são organizados pelo conceito de LUZ. Na Figura 10, destaca-se essa relação.

Figura 10: O domínio da LUZ

Fonte: Elaboração própria (2021) com base em Tolkien (2001)

Observamos que os Agentes de Luz, como elfos, hobbits e homens, fazem uso de objetos que emitem algum tipo de luz para se defenderem. Os locais frequentados e habitados por esses Agentes são *belos* e *claros* e funcionam como abrigos seguros para diversas personagens opositoras ao mal.

A partir de nossas observações a respeito dos dois domínios, foi possível constatar a presença de outras metáforas conceituais derivadas de MALDADE É ESCURIDÃO e BONDADE É LUZ.

5.4.1 MALDADE É ESCURIDÃO

I. PERIGO É ESCURIDÃO

A metáfora MALDADE É ESCURIDÃO faz parte da dicotomia que rege a obra. Ela se desdobra em outras metáforas que são usadas de maneira recorrente no corpus. As situações de

perigo causadas pelos Agentes da ESCURIDÃO também são conceptualizadas em termos do domínio da ESCURIDÃO, desdobrando-se na metáfora PERIGO É ESCURIDÃO. Antes de entrar em Moria, Boromir joga uma pedra no lago escuro em frente às portas de Durin. Frodo o recrimina e afirma estar com medo do que vão enfrentar dentro de Minas Moria. A expectativa é que o caminho será perigoso. Frodo então lhe pergunta, “*Por que fez isso, Boromir? — perguntou Frodo. — Também odeio este lugar, e estou com medo. Não sei do quê: não é dos lobos, ou do **escuro** que nos espera atrás das portas, mas de alguma outra coisa. Tenho medo do lago. Não o incomode!*” (TOLKIEN, 2001, p. 320). Os perigos são conceptualizados em termos do *escuro* que vão enfrentar.

II. PASSADO É ESCURIDÃO

As épocas difíceis que os povos da terra Média enfrentaram devido a Sauron e outras entidades representativas do MAL também são conceptualizados em termos de *ESCURIDÃO*. Quando a Comitativa do Anel deseja entrar em Lórien, Háldir afirma não poder permitir a entrada de Gimli, o anão, pois elfos e anões não mantêm relações amistosas desde os períodos de guerras anteriores ao corpus deste trabalhos. Ele se refere a esses dias como *dias escuros*, como podemos ver no excerto, “*Um anão! — disse Haldir. — Isto não está bem. Não mantemos contato com os anões desde os **Dias Escuros**. A entrada deles não é permitida em nossa terra. Não posso deixar que ele passe*” (TOLKIEN, 2001, p. 357). O uso recorrente dessa conceptualização nos leva à metáfora PASSADO É ESCURIDÃO.

III. PODER É ESCURIDÃO

O poder exercido para o mal e direcionado para a posse do anel é descrito como poder *escuro*. Ele é associado a Sauron e ao seres e criaturas que o seguem. Neste excerto, vemos como o uso do anel pode exercer seu poder *escuro* sobre uma pessoa. *E se usar o Anel com frequência para se tornar invisível, ele desaparece: torna-se no fim invisível permanentemente, e anda no crepúsculo sob o olhar do **poder escuro** que governa os Anéis. Sim, mais cedo ou mais tarde — mais tarde se essa pessoa for forte ou tiver boa índole no início; mas nem a força e nem bons propósitos durarão —, mais cedo ou mais tarde o poder escuro irá dominá-la.* (TOLKIEN, 2001, p. 48). A metáfora que se desdobra é PODER É ESCURIDÃO.

5.4.2 BONDADE É LUZ

I. SEGURANÇA É LUZ

Em contraste à metáfora PERIGO É ESCURIDÃO, verificamos a recorrência da metáfora SEGURANÇA É LUZ. Quando adentram lugares seguros onde podem descansar, as personagens, em sua maior parte, são envolvidos por luzes suaves prateadas ou douradas. Depois de fugirem da primeira investida dos cavaleiros negros, os hobbits encontram segurança representada pela luz da casa que Fatty Bolger e Merry arrumaram para Frodo. É o que vemos em “*Uma luz amistosa projetou-se para fora. Entraram rápido e se trancaram por dentro junto com a luz*” (TOLKIEN, 2001, p.103).

Quando escapam da Floresta Velha e são recepcionados por Tom Bombadil, os quatro hobbits são recepcionados pela luz proveniente da casa de Tom. Percebemos isso em “*E com essa canção os hobbits pisaram na soleira da porta, e foram então cobertos por uma luz dourada*” (TOLKIEN, 2001, p.126).

II. DEFESA É LUZ

Em resposta à movimentação ofensiva dos Agentes da ESCURIDÃO, os Agentes da LUZ se defendem e fazem uso de objetos que emitem luz para se defender. Frodo e Sam usam o frasco de Galadriel - a luz de Eärendil – para se defender dos ataques de Laracna. A luz é usada para a defesa dos hobbits em “*A escuridão se afastou do Frasco até que a luz pareceu brilhar no centro de um globo de cristal tênue, e a mão que o segurava coruscava com um fogo branco*” (TOLKIEN, 2001, p.126).

Além disso, personagens poderosas, como Gandalf, o Branco, aparecem *brilhando* em momentos de defesa. O mago, de maneira recorrente, salva outras personagens, aparece em momentos em que o sol *nasce* e emite luzes que afastam a escuridão. A exemplo temos o momento em que Gandalf salva Faramir dos *nazgûl*, Este é um exemplo prototípico do corpus pela recorrência de itens lexicais que instanciam a metáfora BONDADE É LUZ.

Naquele momento captou um clarão branco e prateado vindo do norte, como uma pequena estrela descendo nos campos sombrios. Movia-se com a velocidade de uma flecha, e crescia à medida que se aproximava, convergindo rapidamente com a fuga dos quatro homens em direção ao Portão. Pippin teve a impressão de que uma luz pálida se espalhava ao redor

da estrela, e as sombras pesadas abriam caminho diante dela; então, assim que se aproximou mais, o hobbit pensou ter ouvido, como um eco nas muralhas, uma voz imponente chamando.

— Gandalf! — gritou ele. — Gandalf! Ele sempre aparece quando as coisas estão pretas. Avante! Avante, **Cavaleiro Branco!** Gandalf, Gandalf! — berrou ele alucinado, como o espectador de um grande páreo, motivando um corredor que não precisa mais de torcida. Mas agora as escuras sombras de rapina estavam cientes do recém chegado. Uma descreveu um giro na direção dele; mas Pippin teve a impressão de que ele ergueu a mão, e dela **um raio de luz branca** cortou os ares acima. O nazgûl soltou um grito longo e choroso e desviou-se, e depois disso os outros quatro hesitaram, então, erguendo-se em rápidas espirais, rumaram para o leste, desaparecendo na baixa nuvem acima deles; lá embaixo, no Pelennor, a escuridão pareceu menos densa por um tempo” (TOLKIEN, 2001, p. 856).

III. BELEZA É LUZ

Os seres e lugares que são considerados belos no corpus são comparados a *estrelas*, carregam um brilho no olhar, seus cabelos refletem a *luz* suave dos ambientes. Os exemplos extraídos dão origem à metáfora BELEZA É LUZ, que se comprova pelo excerto sobre Lúthien, “Ela era a mais bonita entre todas as donzelas daquele mundo. Sua graciosidade se comparava à das *estrelas* sobre a névoa das terras do Norte, e em seu rosto **brilhava uma luz** (TOLKIEN, 2001, p. 200) e pelo trecho a respeito da floresta de Lothlórien, “Os outros se jogaram sobre a relva cheirosa, mas Frodo continuou de pé por uns momentos, ainda pasmo e admirado. Tinha a impressão de ter atravessado uma janela alta que dava para um mundo desaparecido. Havia uma luz sobre esse mundo que não podia ser descrita na língua dele” (TOLKIEN, 2001, p. 365).

Na seção a seguir, os esquemas de imagens revelados a partir da análise do corpus são descritos e analisados. Esses esquemas eles reforçam o embate entre as forças do BEM e do MAL e estabelecem papéis.

5.5 Esquemas de imagem

5.5.1 Esquema de CONTÊINER

O esquema de CONTÊINER se revela nas relações sociais e culturais. Apesar de eventualmente se unirem contra as forças de Sauron, os povos da Terra Média vivem, em sua maioria, isolados em vilarejos, reinos e florestas. O Condado é um exemplar desse esquema: os *hobbits* têm seus próprios costumes, não se envolvem em aventuras e, raramente, deixam os limites de suas terras, aqueles que o fazem são considerados *estranhos*, como Bilbo e Frodo. Eles mostram-se reticentes com os *hobbits* que moram em Bri, fora do Condado. Os excertos a seguir mostram o esquema de CONTÊINER aplicado aos *hobbits*.

- a) *Os hobbits do Condado se referiam aos de Bri, e a quaisquer outros que moravam **além das fronteiras**, como os de **Fora**, e pouco se interessavam por eles, por considerá-los enfadonhos e rudes (TOLKIEN, 2001, p.151).*
- b) — *Qual é o problema com o velho Magote? — perguntou Pippin. — Ele tem amizade com todos os Brandebuques. É claro que é o terror dos invasores, e cria cachorros ferozes, mas também, as pessoas aqui estão **perto da fronteira**, e devem se precaver (TOLKIEN, 2001, p. 94).*

Da mesma forma que os *hobbits* se mantêm em suas terras, os elfos da floresta de Lothlórien raramente são vistos e, raramente, estabelecem contato com outras espécies. Sua terra, Lothlórien, é um CONTÊINER. A ideia de *isolamento social e cultural dos CONTÊINERS* se faz presente quando a narrativa propicia encontros entre os diferentes povos da Terra Média. Anões e elfos não mantinham relações sociais há diversos anos, mas são precisas conviver durante a obra.

- a) *Lothlórien! – gritou Legolas, Lothlórien! Chegamos ao **limiar** da Floresta Dourada. Pena que estamos no inverno (TOLKIEN, 2001, p. 351).*
- b) – *Faz muito tempo que alguém do meu povo viajou até aqui, de volta à região de onde saímos eras atrás – disse Legolas. – Mas ouvimos falar que Lórien ainda não está abandonada, pois há um poder secreto aqui, que impede que o mal se aproxime do lugar. No entanto, seu povo é raramente visto, e talvez more **no fundo da floresta**, longe da **fronteira** Norte (TOLKIEN, 2001, p. 351).*

A terra de Mordor também tem fronteiras estabelecidas, sendo delimitada pelas Montanhas de Cinza e Montanhas da Sombra, e abriga pontos de interesse para os Agentes da LUZ. A Montanha da Perdição, no planalto de Gorgoroth, é a META de Frodo e Sam para destruir o anel. Sauron, o senhor do Escuro, não possui forma física humanoide, por isso seu *espírito* reside na Torre Escura, ponto de partida para *alcançar* terras distantes e influenciar psicologicamente outras personagens. No capítulo *O portão negro está fechado*, explica-se como Mordor está inserido no esquema de CONTÊINER. O trecho a seguir é extraído desse capítulo:

*Erguia-se a oeste de Mordor a escura cordilheira de Ephel Dúath, as Montanhas da Sombra, e ao norte os picos quebrados e as cristas desoladas de Ered Lithui, da cor da cinza. Mas, à medida que essas cordilheiras se aproximavam uma da outra, sendo ambas na realidade partes de uma grande muralha que cercava as planícies lúgubres de Lithlad e de Gorgoroth, com o amargo mar interno de Númen ao meio, elas **estendiam longos braços** em direção ao norte; entre esses braços havia um desfiladeiro profundo. Era Cirith Gorgor, a Passagem Assombrada, a **entrada** para a terra do inimigo. Altos penhascos desciam dos dois lados, e saltando à frente de sua abertura viam-se duas colinas íngremes, negras e escavadas. Sobre elas assomavam os Dentes de Mordor, duas torres altas e fortes (TOLKIEN, 2001, p. 667).*

5.5.2 Esquemas de PERCURSO E DINÂMICA DE FORÇAS

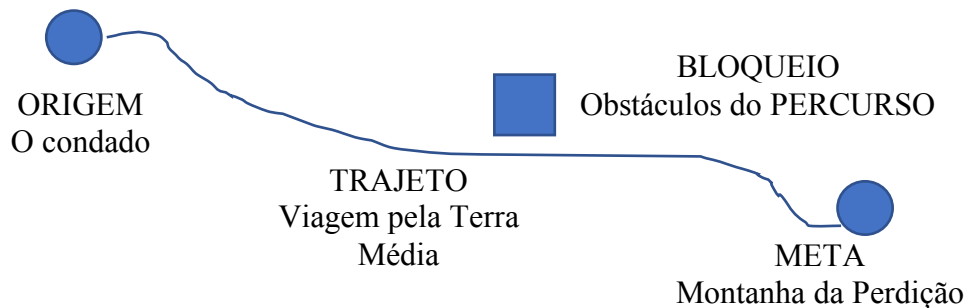
A grande busca pelo Um Anel se estabelece em um esquema de imagens de PERCURSO. Frodo deve partir do Condado (ORIGEM), viajar pela Terra Média (TRAJETO) a fim de destruir o Anel na Montanha da Perdição (META). Nesse trajeto, encontra diversos BLOQUEIOS como *orcs* de Saruman, Cavaleiros Negros ou a aranha gigante Laracna. No entanto, é auxiliado pela companhia de Sam e de outros sete companheiros, formadores da Sociedade do Anel.

As forças que acompanham Frodo e o auxiliam em sua jornada têm como objetivo a destruição do Um Anel; caracterizam-se, portanto, como os Agentes da LUZ. Não são infalivelmente perfeitos em sua bondade, porém são predominantemente contra as forças opositoras de Sauron, a entidade representativa do Mal. Destacamos, portanto, as forças cuja intenção é manter-se dentro do PERCURSO para concretizar a META, e as forças que formam o BLOQUEIO.

Sobreposto ao esquema de imagens de PERCURSO, há um esquema de DINÂMICA DE FORÇAS entre os Agentes de LUZ e de ESCURIDÃO. Ao encontrar um dos obstáculos pertencentes ao trajeto, os Agentes do domínio da LUZ sofrem ataques e são forçados a contra-atacar.

Na figura 9, representam-se os esquemas de imagens de PERCURSO e BLOQUEIO no corpus:

Figura 11: Esquema de PERCURSO em *O Senhor dos Anéis*



Fonte: Elaboração própria (2021)

Os Agentes da ESCURIDÃO estão constantemente tentando exercer poder sobre as forças do bem. Gandalf revela a Frodo, no capítulo *A Sombra do Passado*, que o Um Anel é preponderantemente maléfico e tem o objetivo de controlar qualquer ser ou criatura que o use. Ele exerce um *domínio escuro* à medida em que é usado. O exemplo mostra como o anel atua sobre um indivíduo e *força* as barreiras psicológicas e emocionais dessa pessoa, que pode *resistir à* dominação:

“Sim, mais cedo ou mais tarde – mais tarde se a pessoa for forte ou tiver boa índole no início; mas nem a força nem bons propósitos durarão – mais cedo ou mais tarde o poder escuro irá dominá-lo. (TOLKIEN, 2001, p. 48)

O esquema de imagens de DINÂMICA DE FORÇAS subjaz ao embate entre a Luz de Eärendil e as forças da ESCURIDÃO. Recebido como um presente da Senhora Galadriel, o frasco da luz da Estrela de Eärendil auxilia Frodo e Sam a rechaçar os ataques de Laracna. Os

hobbits usam o frasco como um escudo de luz contra a aranha, que se *afasta* e *vacila* à mesma medida que os sentimentos de esperança de Frodo crescem. Essa dinâmica faz uso da relação de oposição escalar entre os domínios da LUZ e da ESCURIDÃO, ou seja, quando a LUZ exerce sua força sobre a ESCURIDÃO, ela causa o retraimento desse domínio. É o que vemos no excertos *a*, *b* e *c*:

*a) A escuridão se **afastou** do Frasco até que a luz pareceu brilhar no centro de um globo de cristal tênue, e a mão que o segurava coruscava com um fogo branco.* (TOLKIEN, 2001, p. 759).

*b) Os olhos **vacilaram**. Iam-se enchendo de dúvidas conforme a luz se **aproximava*** (TOLKIEN, 2001, p. 760).

*c) A luz ainda se **aproximava**, e os olhos começavam a **enfraquecer*** (TOLKIEN, 2001, p. 761).

5.5.3 Esquema de ALCANCE

Durante o PERCURSO, ao mesmo tempo em que os Agentes da LUZ e os da ESCURIDÃO estão, predominantemente, no esquema de DINÂMICA DE FORÇAS, Sauron *estende* seu poder pela Terra Média, influenciando e buscando o Anel. Apesar não possuir um corpo físico, Sauron, metafórica e metonimicamente, estende (ALCANCE) a “*mão enorme*”, “*dedos escuros*” ou “*lança sua sombra*”, sua influência, sobre seus inimigos em terras distantes.

*a) Parecia que o medo **estava estendendo** uma mão enorme, como uma nuvem escura que nascia no leste e avançava para envolvê-lo* (TOLKIEN, 2001, p. 52).

*b) Apertou o Anel em sua mão, como se já enxergasse dedos escuros se **estendendo** para tentar tomá-lo* (TOLKIEN, 2001, p. 53).

*c) — A sombra de Mordor **alcança** terras distantes — respondeu Aragorn* (TOLKIEN, 2001, p. 273).

Ao longo do Capítulo 4, Metodologia e análise de dados, analisamos as metáforas conceptuais de BONDADÉ É LUZ e MALDADÉ É ESCURIDÃO. A partir desses conceitos, descrevemos e caracterizamos os agentes DA LUZ e os DA ESCURIDÃO, os principais objetos usados pelos dois grupos e os lugares frequentados por eles a fim de cumprir os objetivos específicos desta dissertação. Reveladas as caracterizações, observei os desdobramentos das metáforas principais a partir de sua recorrência no corpus. Por fim, foram caracterizados os principais esquemas de imagens da obra. No capítulo a seguir, apresentarei as minhas considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 Resultados e discussões

O problema desta dissertação partiu do questionamento da existência de uma estrutura conceptual que age como força motriz da progressão da narrativa e organiza os acontecimentos. A partir da análise do corpus, identifiquei a recorrência das metáforas BONDADÉ É LUZ e MALDADE É ESCURIDÃO e seus desdobramentos ao longo do texto: SEGURANÇA É LUZ, DEFESA É LUZ, BELEZA É LUZ, PERIGO É ESCURIDÃO, PASSADO É ESCURIDÃO e PODER É ESCURIDÃO.

As metáforas identificadas polarizam as forças Agentes no texto: de um lado, há as personagens que estão a serviço de Sauron e buscam o Um Anel, doravante Agentes da ESCURIDÃO; de outro, as personagens que buscam a destruição do Um Anel e se defendem de ataques, aqui nomeadas Agentes da LUZ. Os dois grupos de personagens são caracterizados de acordo com o domínio a que pertencem. Os Agentes da ESCURIDÃO são descritos como figuras *escuras* e *sombras*, agem na escuridão, temem ou odeiam a luz do dia, das estrelas e da lua. Já os Agentes da LUZ usam roupas *claras*, são comparados a *estrelas* e apreciam a natureza. Os lugares e objetos pertencentes aos dois grupos também são categorizados seguindo esse mesmo padrão.

O uso recorrente de uma ou mais metáforas, identificado como metáfora estendida (SULLIVAN, 2013; SULLIVAN, 2014), auxilia na compreensão dos conceitos que subjazem o texto. Esse recurso literário age

a) estabelecendo papéis: os Agentes de cada domínio têm suas funções estabelecidas de acordo com o domínio a que pertencem. Agentes da ESCURIDÃO tentam possuir o anel por meio da força, e Agentes da LUZ tentam se defender de ataques para ajudar Frodo a destruir o anel.

b) fornecendo marcas do enredo: a descrição de lugares ou da aparência de personagens serve de índices para sua construção. Quando os membros da Sociedade do Anel chegam à floresta de Lórien, a princípio, sentem medo do lugar desconhecido, mas logo

percebem as cores das árvores e a luminosidade suave do ambiente e se sentem mais confortáveis.

As metáforas utilizadas de maneira recorrente estabelecem padrões para a organização da narrativa, e o sentido é construído em termos de cada um desses domínios. A narrativa se torna internamente consistente, e o leitor faz seu papel de completar os padrões estabelecidos (TOBIN, 2018), que podem ser aplicados às personagens e suas intenções. No entanto, apesar do que se queira imaginar, esses moldes não são necessariamente rígidos, pois, da mesma forma que acontece na vida real, personagens podem sofrer mudanças e migrar de um domínio para o outro. Saruman, o Branco, no início de *A Sociedade do Anel*, é o chefe da ordem dos Magos e “um dos grandes entre os Sábios” (TOLKIEN, 2001, p. 49). Estando circunscrito ao domínio do claro, era de se esperar que ele auxiliasse na tarefa de destruição do anel. No entanto, é o contrário que justamente acontece. Quando Gandalf, o Cinzento, o procura para o alertar sobre o avanço dos Cavaleiros Negros em direção ao Condado, Saruman revela seu desejo pelo poder e pela posse do Anel. Após a resposta negativa de Gandalf de se juntar a ele, o mago cinzento é preso no pináculo de Orthanc. A consequência imediata da traição de Saruman é o não aparecimento de Gandalf ao encontro marcado com Frodo e os *hobbits* no Pônei Saltitante. Frodo é encurralado pelos Cavaleiros Negros e ferido por uma de suas espadas. Ele quase morre, mas é salvo por Aragorn. Assim, a mudança de um domínio para o outro age como um expediente de surpresa no enredo (TOBIN, 2018), que só é possível pelo estabelecimento prévio da expectativa LUZ x ESCURIDÃO.

As ações de Saruman, fruto da corrupção pelo poder do anel, influenciam outra importante mudança no domínio da LUZ que também pode ser caracterizada como uma surpresa do enredo: a queda de Gandalf, o Cinzento e seu retorno como Gandalf, o Branco. Impedidos de usar a passagem de Caradhras e o Desfiladeiro de Rohan, Gandalf e a Comitativa do Anel precisam atravessar as Montanhas Sombrias por Moria. Lá, o mago é atacado por um balrog e morre. Ele é enviado de volta para terminar sua tarefa, e seu reaparecimento como O Branco gera surpresa entre as outras personagens e o leitor. Sua nova configuração, marcada por seu novo *nome* (TOBIN, 2018) impulsiona o domínio da LUZ e age como força para combater as forças do mal, estimulando o esquema de DINÂMICA DE FORÇAS da narrativa.

Por meio da corrupção pelo poder do anel, assim como o foi com Saruman, Boromir sofre as consequências de se deixar ser influenciado. Após a passagem por Lothlórien, o cavaleiro tenta tirar à força o anel de Frodo, ação que leva à decisão do *hobbit* de partir sozinho em busca da Montanha da Perdição. Quando, mais tarde, Frodo encontra Faramir, irmão de

Boromir, espera-se que este também tente tomar o anel para si, uma vez que o leitor encontra-se *contaminado* pelo comportamento do primeiro. No entanto, o leitor é mais uma vez surpreendido, e Faramir mantém no domínio da LUZ ao libertar Frodo e Sam.

Os índices sobre a complicação do conflito também são fornecidos pela dicotomia LUZ x ESCURIDÃO. Conforme Frodo e Sam se aproximam de sua META, a escuridão aumenta: os lugares são descritos como *escuros*, *sombrios* e cheios de *trevas*. O Inimigo se movimenta para impedir que o bem prevaleça e envia seus exércitos para atacar os reinos dos homens. O primeiro ataque é contra a população de Rohan que se encontra abrigada no Abismo de Helm. Após um conflito sangrento, imaginar-se-ia que Rohan seria derrotada, no entanto a chegada da aurora e com ela, Gandalf, o cavaleiro Branco, indicam que o domínio da LUZ prevalecerá.

A nova investida dos Agentes da Escuridão se dá com o cerco de Gondor. Ao iniciar os ataques contra Minas Tirith, Sauron lança uma grande *escuridão* em volta da cidade e impede que a luz do sol penetre por ela. No momento em que Faramir tenta seu retorno à cidade vindo de sua missão, os nazgûl o perseguem. O domínio da luz poderia ser subjugado nesse momento, no entanto, “um clarão branco e prateado vindo do norte, como uma pequena estrela descendo dos campos sombrios” (TOLKIEN, 2001, p. 856) surge para salvar o capitão. Era Gandalf, o Branco, que *força* o recuo das criaturas. Frodo e Sam também lutam contra sua *escuridão* representada pela aranha Laracna. Suas investidas são repelidas e *combatidas* pela luz de Eärendil contida no frasco de Galadriel. Quando se imagina que as personagens do bem podem ser derrotadas, o domínio da LUZ se faz presente.

Os índices sobre o desenvolvimento do enredo e o resultado de cada embate está ancorado na relação de oposição ESCALAR que os domínios da LUZ e da ESCURIDÃO estabelecem entre si. É necessário que a ESCURIDÃO se faça presente e *force* suas investidas para que o domínio da LUZ defenda sua posição. Dessa forma, percebe-se que todas as investidas que o domínio da ESCURIDÃO faz *força* a reação da LUZ, até o momento em que o Anel é destruído e a META é concluída.

6.2 Conclusão

O objetivo de identificar como são representadas e caracterizadas as entidades pertencentes aos domínios do BEM e do MAL foi atingido no sentido de que se evidenciou o uso das metáforas BONDADE É LUZ E MALDADE É ESCURIDÃO. Os conceitos

predominantes na obra usados para estabelecer o embate entre as forças do BEM e do MAL revelaram-se como desdobramentos das principais metáfora usadas. As metáforas SEGURANÇA É LUZ, DEFESA É LUZ, BELEZA É LUZ, PERIGO É ESCURIDÃO, PASSADO É ESCURIDÃO e PODER É ESCURIDÃO são nossa contribuição para a Teoria da Metáfora Conceptual.

A estrutura conceptual – dicotomia LUZ X ESCURIDÃO, age como força motriz da progressão da narrativa uma vez que a) estabelece papéis; b) fornece dicas de enredo; c) ajuda a construir a expectativa do leitor em relação ao domínios usados, para então gerar surpresa na narrativa.

Nossa pesquisa não esgotou todos os recursos que o *corpus* oferece. Como perspectiva futura, consideramos o estudo das metonímias que foram encontradas nos excertos analisados e não são objeto de estudo desta dissertação. A caracterização dos Agentes de luz e dos Agentes da escuridão pode ser, em publicações posteriores, ser aprofundada dentro da teoria de *frame blending*.

Nosso trabalho contribuiu para os estudos literários uma vez que propõe uma abordagem do corpus baseada em uma teoria da Linguística Cognitiva, que oferece ferramentas teóricas e metodológicas compatíveis com a análise de metáforas em obras literárias. Esta dissertação também faz com a Teoria da Metáfora Conceptual avance, uma vez que conceitos novos foram revelados durante as análises. Por fim, observamos que nosso trabalho também contribui para o ensino de produção de texto, uma vez que auxilia no entendimento dos domínios usados para estabelecer a dicotomia BEM x MAL, tema de diversas propostas de produção. A caracterização de personagens, objetos e lugares também oferece uma estrutura lógica para a exploração dos campos semânticos relacionados ao domínios.

“Estou contente por tê-lo comigo. Aqui, no fim de todas as coisas, Sam.”

J. R.R Tolkien (2001, p.1004)

REFERÊNCIAS

ABREU, A.S. **Linguística cognitiva**: uma visão geral e aplicada. Rio de Janeiro. RJ: Ateliê Editorial, 2010.

ANDRADE, Mário de. Remate de males. In: _____. **Poesias completas**. São Paulo: Martins, 1974.

ARISTÓTELES (trad. 1999). **Poética**: Os Pensadores. São Paulo, SP: Abril.

BLACK, Max. **Models and Metaphors**. Ithaca: Cornell University Press, 1962.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CARPENTER, Humphrey. **JRR Tolkien**: uma biografia. HarperCollins Brasil, 2018.

EVANS, Vyvyan. **Glossary of cognitive linguistics**. Edinburgh University Press, 2007.

EVANS, Vyvyan. **Cognitive linguistics**. Edinburgh University Press, 2006.

FONTANIER, Pierre. **Les figures du discours**. Paris: Flammarin, 1968.

Renckens, T., & Forceville, C. J.. The GOOD IS LIGHT and BAD IS DARKNESS Metaphors in Feature Films. **Metaphor and the Social World**, 3, 160-179. 2013

GRADY, Joseph. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary Scenes. 1997. Tese de doutorado. Departamento de Linguística, Universidade da Califórnia, Berkely. Disponível em: www.il.proquest.com/umi/dissertations/.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor**: A Practical Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

RICHARDS, I.A. **The Philosophy of Rethoric**. New York and London: Oxford University Press, 1936.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. Coleção leituras filosóficas.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. A catedral de colônia. In: **Poesia reunida: 1965-1999**. Porto Alegre: L&PM, 2004. vol. 2. p. 89.

SULLIVAN, Karen. **One metaphor to rule them all? 'Objects' as tests of character in The Lord of the Rings**. *Language and Literature*, v. 22, n. 1, p. 77-94, 2013.

_____, Karen. Visibility and economy as dimensions of metaphoric language. **Language and Literature**, 23(4), 347-368, 2014.

TALMY, L. Foreword. In: GONZALES-MARQUEZ, Monica et al (org.). **Methods in Cognitive Linguistics**. 18. ed. Amsterdam/philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

TOBIN, Vera. **Elements of Surprise**. Londres: Harvard University Press. 2018.

TOLKIEN, J. R. R. **O hobbit: ou lá e de volta outra vez / texto e ilustrações de J. R. R. Tolkien; tradução de Reinaldo José Lopes**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

TOLKIEN, J. R.R. **O senhor dos anéis**. Tradução Lenita Maria Rímoli Esteves, Almiro Pisetta; revisão técnica e consultoria Ronald Eduard Kyrmse; coordenação Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

UNKELBACH, Christian; KOCH, Alex; COLOGNE, Social Cognition Center. Gullible but functional: Information repetition and the formation of beliefs. **The social psychology of gullibility**. Routledge, 2019, 42-60.

VEREZA, Solange Coelho; PUENTE, Raquel Luz. **Embodied cognition in 'black metaphors'**: the BAD IS DARK metaphor in biblical texts. *Signo, Santa Cruz do Sul*, v. 42, n. 75, dez. 2017. ISSN 1982-2014. Disponível em:<<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/9962>>. Acesso em: 05.04.2021

Apêndice 1 Metáforas de escuridão em "A sombra do passado"

	EXEMPLO
1	Os <i>hobbits</i> só conheciam esse nome em lendas do passado escuro (...).
2	(...) como uma sombra no fundo de suas memórias;
3	Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor.
4	A Torre Escura tinha sido reconstruída, dizia-se.
5	Sim, mais cedo ou mais tarde – mais tarde se a pessoa for forte ou tiver boa índole no início; mas nem a força nem bons propósitos durarão – mais cedo ou mais tarde o poder escuro irá dominá-lo.
6	A sombra cobriu meu coração novamente.
7	Finalmente soube que algo escuro e mortal estava em ação.
8	Seria um triste golpe para o mundo se o Poder Escuro dominasse o Condado.
9	Um para o Senhor do Escuro (...)
10	(...) em seu escuro trono.
11	Na terra de Mordor, onde as sombras se deitam.
12	Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los.
13	Parecia que o medo estava estendendo uma mão enorme, como uma nuvem escura que nascia no Leste e avançava para envolvê-los.
14	Seu início remonta aos Anos Negros , agora apenas lembrados pelos mestres conhecedores das tradições.
15	Mas ontem à noite lhe falei sobre Sauron, o Grande, o Senhor do Escuro .
16	Os rumores que ouviu são verdadeiros: ele realmente ressurgiu; deixou seus domínios na Floresta das Trevas e voltou à sua antiga fortaleza na Torre Escura de Mordor.
17	E, Frodo, nosso tempo já está começando a ficar negro .
18	Há muito tempo caíram sob o domínio do Um, e se tornaram Espectros do Anel, sombras sob sua grande Sombra, seus mais terríveis servidores.
19	Há muito tempo caíram sob o domínio do Um, e se tornaram Espectros do Anel, sombras sob sua grande Sombra , seus mais terríveis servidores.
20	Conforme as sombras cresçam novamente, estes também podem retornar.
21	Apertou o Anel em sua mão, como se já enxergasse dedos escuras se estendendo para tentar tomá-lo.
22	Naquele tempo também havia tristeza, e uma escuridão crescente, mas houve pessoas valorosas e feitos que não foram totalmente em vão.
23	Mas quando abaixou os olhos, viu à sua frente, distantes, os topos das Montanhas Sombrias , de onde vinha o riacho.
24	Havia um cantinho de sua mente que ainda lhe pertencia, e a luz entrou por ele, como através de uma fenda no escuro : uma luz que vinha do passado.
25	Então nesse momento, quando seu mestre estava novamente acordado e enviando seu pensamento escuro da Floresta das Trevas, ele abandonou Gollum.
26	Voltei de escuras jornadas e de uma longa procura para fazer o teste final.
27	Paguei por isso com muitos dias escuras e perigosos.
28	Mordor atrai todas as coisas malignas, e o Poder Escuro estava usando todas as forças para reuni-las ali.
29	E todas as pessoas estavam na época sussurrando sobre a nova Sombra no Sul, e sobre seu ódio pelo Oeste.

30	Não me tente! Pois eu não quero ficar como o próprio Senhor do Escuro!
31	— Não! — respondeu Frodo, saindo da escuridão e voltando a si, surpreso ao descobrir que não estava escuro, e que da janela podia ver o jardim iluminado pelo sol.

Apêndice 2 Metáforas de luz em "A sombra do passado"

	EXEMPLO
1	Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor.
2	Havia um cantinho de sua mente que ainda lhe pertencia, e a luz entrou por ele, como através de uma fenda no escuro: uma luz que vinha do passado
3	Seus olhos brilharam e seu rosto se acendeu como se estivesse iluminado por dentro — Não me tente! Pois eu não quero ficar como o próprio Senhor do Escuro.

Apêndice 3 – Domínio de LUZ em O Senhor dos Anéis evocado por *branco*

Número	Exemplo
1	Não poderia tomá-lo sem causar um grande mal, e não conseguiria fazê-lo, de qualquer forma. Eu só podia observar e esperar. Talvez pudesse ter consultado Saruman, o Branco , mas alguma coisa sempre me impedia.
2	A luz desaparecia, e as folhas e arbustos farfalhavam suavemente. Os sinos agora soavam alto e mais perto; clipete-clipe, vinham as patas em trote rápido. De repente apareceu, lá embaixo, um cavalo branco , reluzindo nas sombras, correndo muito. No crepúsculo, a testeira brilhava e reluzia, como se estivesse adornada com pedras que pareciam estrelas. A capa do cavaleiro flutuava nas suas costas, e o capuz estava jogado para trás; o cabelo dourado esvoaçava brilhante no vento veloz. Frodo teve a impressão de que uma luz branca brilhava através da figura e das vestes do cavaleiro, como se viesse através de um véu tênue.
3	Naquele momento, houve um trovão e um estrondo: um ruído enorme de águas fazendo rolar muitas pedras. Com a visão embaçada, Frodo conseguiu distinguir o movimento do rio embaixo dele se levantando, e descendo seu curso veio uma cavalaria emplumada de ondas brancas. Parecia a Frodo que chamas brancas piscavam nas cristas das ondas, e ele imaginou enxergar no meio da água cavaleiros brancos sobre cavalos brancos , com crinas espumantes. Os três Cavaleiros que ainda estavam na água sucumbiram: desapareceram, subitamente cobertos pela espuma furiosa. Os que estavam atrás recuaram, com medo.
4	Se é que posso dizer isso, acrescentei uns toques próprios: você pode não ter notado, mas algumas das ondas tomaram a forma de grandes cavalos brancos com cavaleiros brancos e brilhantes, e havia muitas pedras que rolavam e se esfacelavam.
5	Era jovem, e ao mesmo tempo não era. As tranças de seu cabelo escuro não tinham sido tocadas pela neve, e os braços brancos e o rosto claro eram perfeitos e suaves, e a luz das estrelas estava em seus olhos brilhantes, cinzentos como uma noite de céu limpo; apesar disso, parecia -se com uma rainha, e seu olhar era cheio de ponderação e sabedoria, como o olhar de alguém que conhece muitas coisas que os anos trazem. Na altura da frente, a cabeça estava coberta com uma touca de renda prateada, enredada com pequenas pedras, de um brilho branco ; mas o traje, de um cinza pálido, não tinha qualquer ornamento, a não ser um cinto de folhas lavradas em prata.
6	— Olhei então e vi que as roupas que vestia, que tinham parecido brancas, não eram dessa cor, mas de todas as cores, e se ele se mexia, mudavam de tonalidade e brilhavam, de modo que os olhos ficavam confusos. — “Eu gostava mais do branco ”, disse eu. — “ Branco! ”, zombou ele. “Serve para começar. O pano branco pode ser tingido. Pode-se escrever sobre a página em branco ; a luz branca pode ser decomposta.” — “E nesse caso deixa de ser branca”, disse eu. “E aquele que quebra uma coisa para descobrir o que ela é deixou o caminho da sabedoria.”
7	Saindo da sombra, uma espada vermelha surgiu, em chamas. Glamdring emanou um brilho branco em resposta.
8	Houve um estrondo e um golpe de fogo branco . O balrog caiu para trás e sua espada voou, partindo-se em muitos pedaços que se derreteram. O mago se desequilibrou na ponte, deu um passo para trás e mais uma vez ficou parado.
9	Todos olharam para ele. Os cabelos eram brancos como a neve ao sol, e brilhante era sua veste branca; os olhos sob as sobrancelhas grossas eram reluzentes, agudos

	como os raios do sol; havia poder em suas mãos. E m meio à surpresa, à alegria e ao medo, eles ficaram parados, sem saber o que dizer.
10	Desceu da rocha e, apanhando a capa cinzenta, cobriu-se com ela: parecia que o sol estivera brilhando, e que agora se encobria de nuvens outra vez.
11	— Gandalf! — disse ele. — Mas você está todo de branco !
12	— Sim, sou branco agora — disse Gandalf. — Na verdade, eu sou Saruman, quase poderíamos dizer, Saruman como ele deveria ter sido. Mas vamos agora, falem-me sobre vocês! Atravessei o fogo e águas profundas desde que nos separamos. Esqueci muita coisa que julgava saber, e aprendi de novo muita coisa que havia esquecido. Posso ver muitas coisas à distância, mas muitas coisas que estão próximas eu não consigo ver. Falem-me sobre vocês!
13	Enche-me de grande tristeza e medo: pois muita coisa será destruída, e tudo pode ser perdido. Sou Gandalf, Gandalf, o Branco , mas o Negro ainda é mais poderoso.
14	O Senhor do Escuro tem Nove. Mas nós temos Um, mais poderoso que eles: o Cavaleiro Branco . Passou pelo fogo e pelo abismo, e eles devem temê-lo. Iremos aonde nos levar.
15	— Foi assim que cheguei a Caras Galadhon e soube que vocês tinham partido havia pouco. Permaneci lá, no tempo sem idade daquela terra onde os dias trazem cura e não ruína. Encontrei a cura, e fui vestido de branco . Dei conselhos e recebi conselhos. De lá vim por estradas estranhas, e trago mensagens a alguns de vocês. Para Aragorn, trago esta:
16	Levantou o cajado. Ouviu-se o estrondo de um trovão. A luz do sol se apagou nas janelas do leste; todo o salão ficou de repente escuro como a noite. O fogo diminuiu, passando a pequenas brasas. Só se via Gandalf, erguendo-se branco e altivo diante da lareira enegrecida.
17	Avançando pela lateral, eles se arremessaram sobre os bárbaros. Andúril subia e descia, reluzindo com um fogo branco . Um clamor subiu da muralha e da torre. — Andúril! Andúril vai à guerra. A Espada que foi Quebrada brilha de novo!
18	— Mas não disse a hora, nem nos adiantou a maneira de sua chegada. Traz-nos uma estranha ajuda. Você é poderoso em magia, Gandalf, o Branco !
19	— Olhe! Não sou Gandalf, o Cinzento, que você traiu. Sou Gandalf, o Branco , que retornou da morte. Agora você não tem cor alguma e eu o expulso da ordem e do Conselho.
20	Lembre-se de que Saruman já foi um superior de Gandalf. Presidente do Conselho, não importa o que isso seja exatamente. Ele era Saruman, o Branco . Gandalf é o Branco agora. Saruman voltou quando recebeu ordens, e seu cajado foi tomado; depois Gandalf lhe disse para ir, e ele simplesmente foi!
21	A escuridão se afastou do Frasco até que a luz pareceu brilhar no centro de um globo de cristal tênue, e a mão que o segurava coruscava com um fogo branco .
22	No momento em que Pippin olhava boquiaberto, as muralhas passaram de um cinza indistinto para um tom branco , levemente rosado pela aurora; e de repente o sol subiu acima da sombra do leste e enviou um raio que bateu na face da C idade.
23	Dizendo isso Beregonde deu um salto e correu para dentro da escuridão. Envergonhado do próprio medo, enquanto Beregonde da Guarda pensava primeiro no capitão que amava, Pippin se levantou e espiou lá fora. Naquele momento captou um clarão branco e prateado vindo do norte, como uma pequena estrela descendo nos campos sombrios.
24	Os nazgûl soltaram um guincho e fugiram, pois seu Capitão ainda não estava pronto para desafiar o fogo branco de seu oponente.

25	No momento em que os nazgûl desviaram do ataque do Cavaleiro Branco , uma seta mortal veio voando e Faramir, que estivera impedindo o avanço de um campeão montado de Harad, tombou no chão.
----	---

Apêndice 4 – Domínio de LUZ em O Senhor dos Anéis evocado por *estrela*

Número	Exemplo
1	— A coragem pode ser encontrada em lugares improváveis — disse Gildor. — Tenha esperança! Durma agora! Pela manhã deveremos ter partido, mas enviaremos nossas mensagens por todo lugar. Os Grupos Errantes vão saber de sua viagem, e aqueles que têm poder para o bem estarão vigiando. Nomeio-o amigo-dos-elfos, e que as estrelas brilhem sobre o final de seu caminho! Raramente tivemos tanto prazer na companhia de estranhos, e é bonito escutar palavras da Língua Antiga dos lábios de outros andarilhos do mundo.
2	Os hobbits continuaram quietos diante dele, encantados; parecia que, como se sob o encanto de suas palavras, o vento tivesse ido embora e as nuvens tivessem secado, o dia se retirava, com a escuridão vinda do leste e do oeste, e todo o céu ficou repleto da luz de estrelas brancas.
3	— Ou destruí-lo — disse Elrond. — Não olhem muito à frente! Mas partam agora com coragem nos corações! Adeus, e que a bênção dos elfos e dos homens e de todos os Povos Livres os acompanhe. Que as estrelas brilhem em seus rostos!
4	Usavam trajes completamente brancos; os cabelos da Senhora eram de um dourado profundo, e os do Senhor Celeborn eram longos e prateados, mas não se via nenhum sinal de idade naqueles rostos, a não ser que estivesse na profundidade dos olhares, que eram agudos como lanças sob a luz das estrelas , e apesar disso profundos: os poços de profundas recordações.
5	Levantou os braços brancos, e estendeu as mãos na direção Leste num gesto de rejeição e recusa. Eärendil, a Estrela da Tarde, a mais amada pelos elfos, emanava do céu um brilho. Tão claro era o brilho que a silhueta da Senhora Élfica lançava uma sombra apagada sobre o chão. Os raios da estrela reluziram sobre um anel em seu dedo, que cintilou como ouro polido coberto com luz prateada, e a pedra branca que havia nele piscou como se a Estrela da Tarde tivesse descido para descansar na mão dela. Frodo olhou para o anel admirado, pois de repente teve a impressão de que compreendia tudo.
6	— Não, Senhora — respondeu ele. — Para falar a verdade, estava me perguntando sobre o que conversavam. Vi uma estrela através de seu dedo. Mas, se perdoa o que vou dizer, acho que meu patrão está certo. E u gostaria que a Senhora ficasse com o Anel dele. Poderia pôr as coisas no lugar certo. Impediria que eles expulsassem meu pai e o deixassem perdido por aí, Faria com que certas pessoas pagassem pelo serviço sujo que fizeram.
7	— Agradeço-lhe pelos presentes que me deu — disse ele — ó Senhora de Lórien, de quem nasceram Celebrian e Arwen, Estrela da Tarde. Que maior elogio poderia eu fazer?
8	— E você, Portador do Anel — disse ela voltando-se para Frodo. — Dirijo-me a você por último, embora não seja o último em meus pensamentos. Para você, preparei isto. — Ergueu um pequeno frasco de cristal: brilhava quando ela o virava em sua mão, e raios de luz branca emanavam dele. — Este frasco — disse ela — contém a luz da estrela de Eärendil engastada nas águas de minha fonte. B rilhará

	ainda mais quando a noite cair ao seu redor. Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. Lembre-se de Galadriel e de seu Espelho!
9	Uma luz para o senhor em lugares escuros, foi o que ela disse que seria. A estrela de cristal!
10	— A estrela de cristal? — murmurou Frodo, como alguém que responde enquanto dorme, quase sem entender. — Oh, sim! Por que a esqueci? Uma luz para quando todas as outras luzes se apagarem! Realmente agora só a luz pode nos ajudar.
11	Por um momento ele tremeluziu, fraco como uma estrela que sobe, lutando contra as pesadas nevoas caindo sobre a terra, e então, à medida que seu poder crescia e aumentava a esperança no coração de Frodo, começou a queimar e se acendeu numa chama de prata, um coração diminuto de luz ofuscante, como se o próprio Eärendil tivesse descido dos altos caminhos do pôr-do-sol com a última Silmaril em sua frente.
12	A radiação da estrela de cristal se partiu naqueles milhares de facetas e foi lançada de volta, mas atrás do clarão um fogo pálido e mortal começou a brilhar fixo lá dentro, uma chama acesa em alguma escura caverna de pensamento maligno. Eram olhos monstruosos e abomináveis, bestiais e ao mesmo tempo cheios de propósito e de um prazer horrendo, exultando sobre suas vítimas, presas e sem qualquer esperança de escaparem.
13	Erguendo o Frasco, Frodo olhou e viu à sua frente algo cinzento que a radiação da estrela de cristal não atravessava e não iluminava, como se fosse uma sombra que, não sendo projetada por luz alguma, nenhuma luz podia dissipar.
14	— Isso não nos ajudaria em nada — disse Frodo. — Venha! Vamos ver o que Ferroada pode fazer. É uma lâmina élfica. Havia teias de horror nos abismos escuros de Beletreando onde foi forjada. Mas você deve ser o vigia e afastar os olhos. Aqui, pegue a estrela de cristal. Não tenha medo. Segure bem alto e fique atento!
15	Sam mal tinha escondido a luz da estrela de cristal quando ela veio.
16	E por um momento ergueu o Frasco e olhou seu mestre, e a luz agora brilhava suavemente, com a radiação fraca da estrela vespertina no verão, e naquela luz o rosto de Frodo ficou com uma tonalidade bonita de novo, pálido mas belo, de uma beleza élfica, como o de alguém que por muito tempo andou pelas sombras. E com o consolo amargo dessa última visão Sam virou-se, escondeu a luz e foi cambaleando ao encontro da escuridão crescente.
17	Dizendo isso Beregond deu um salto e correu para dentro da escuridão. Envergonhado do próprio medo, enquanto Beregond da Guarda pensava primeiro no capitão que amava, Pippin se levantou e espiou lá fora. Naquele momento captou um clarão branco e prateado vindo do norte, como uma pequena estrela descendo nos campos sombrios. Movia-se com a velocidade de uma flecha, e crescia à medida que se aproximava, convergindo rapidamente com a fuga dos quatro homens em direção ao Portão. Pippin teve a impressão de que uma luz pálida se espalhava ao redor da estrela , e as sombras pesadas abriam caminho diante dela; então, assim que se aproximou mais, o hobbit pensou ter ouvido, como um eco nas muralhas, uma voz imponente chamando. — Gandalf! — gritou ele. — Gandalf! Ele sempre aparece quando as coisas estão pretas. Avante! Avante, Cavaleiro Branco! Gandalf, Gandalf! — berrou ele alucinado, como o espectador de um grande páreo, motivando um corredor que não precisa mais de torcida. Mas agora as escuras sombras de rapina estavam cientes do recém chegado. Uma descreveu um giro na direção dele; mas Pippin teve a impressão de que ele ergueu a mão, e dela um raio de luz branca cortou os ares acima. O nazgûl soltou um grito longo e choroso e

	desviou-se, e depois disso os outros quatro hesitaram, então, erguendo-se em rápidas espirais, rumaram para o leste, desaparecendo na baixa nuvem acima deles; lá embaixo, no Pelennor, a escuridão pareceu menos densa por um tempo.
18	Não estava mais segurando o Anel, mas ele estava lá, um poder oculto, uma ameaça assustadora para os escravos de Mordor; e em sua mão levava Ferroada, cuja luz feriu os olhos do orc como o brilho das estrelas cruéis das terríveis terras dos elfos: sonhar com aquelas estrelas já incutia um gélido terror em toda a sua espécie.
19	Lá, espiando por entre os restos de nuvens sobre uma rocha pontiaguda nas montanhas, Sam viu uma estrela branca reluzir por uns momentos. Sua beleza arrebatou-lhe o coração, quando desviou os olhos da terra desolada, e ele sentiu a esperança retornar. Pois como um raio, cristalino e frio, invadiu-o o pensamento de que afinal de contas a Sombra era apenas uma coisa pequena e passageira: havia luz e uma beleza nobre que eram eternas e estavam além do alcance dela.

Apêndice 5 – Domínio de LUZ em O Senhor dos Anéis evocado por luz

Número	Exemplo
1	Havia um cantinho de sua mente que ainda lhe pertencia, e a luz entrou por ele, como através de uma fenda no escuro: uma luz que vinha do passado.
2	O desejo pelo anel provou ser mais forte que seu medo dos orcs, e até da luz .
3	Uma luz amistosa projetou-se para fora. Entraram rápido e se trancaram por dentro junto com a luz .
4	E com essa canção os hobbits pisaram na soleira da porta, e foram então cobertos por uma luz dourada.
5	— Bem-vindos! — disse ela. — Nunca ouvi dizer que as pessoas do Condado pudessem dizer coisas tão doces. Mas vejo que é um amigo-dos-elfos; posso ver isso na luz dos seus olhos e no tom da sua voz.
6	Ficou de pé, e de repente pareceu mais alto. Brilhava em seus olhos uma luz , aguda e imperiosa.
7	Viu que Passolargo estava sentado, alerta, em sua cadeira: os olhos brilhavam à luz do fogo que, reavivado, queimava forte; mas ele não fez qualquer sinal ou movimento.
8	Ela era a mais bonita entre todas as donzelas daquele mundo. Sua graciosidade se comparava à das estrelas sobre a névoa das terras do Norte, e em seu rosto brilhava uma luz .
9	A luz desaparecia, e as folhas e arbustos farfalhavam suavemente. Os sinos agora soavam alto e mais perto; clipete -clipe, vinham as patas em trote rápido. De repente apareceu, lá embaixo, um cavalo branco, reluzindo nas sombras, correndo muito. No crepúsculo, a testeira brilhava e reluzia, como se estivesse adornada com pedras que pareciam estrelas. A capa do cavaleiro flutuava nas suas costas, e o capuz estava jogado para trás; o cabelo dourado esvoaçava brilhante no vento veloz. Frodo teve a impressão de que uma luz branca brilhava através da figura e das vestes do cavaleiro, como se viesse através de um véu tênue.
10	Ecoss reverberavam à medida que avançavam com pressa e parecia haver o ruído de muitos passos, seguindo os passos deles. De repente, como se por um portão de luz , a Estrada saiu novamente da extremidade do túnel para o espaço aberto. Ali, na base de uma subida íngreme, viram adiante um trecho comprido e plano, e além dele o Vau de Valfenda.

11	Com os sentidos já bem fracos, Frodo escutou gritos, e teve a impressão de ver, atrás dos Cavaleiros que hesitavam na beira da água, uma figura brilhante de luz branca; e atrás dela corriam pequenas formas sombrias, acenando com chamas, que brilhavam na névoa cinzenta que caía sobre o mundo.
12	os olhos eram cinzentos como uma noite clara, e neles havia uma luz como a das estrelas.
13	As tranças de seu cabelo escuro não tinham sido tocadas pela neve, e os braços brancos e o rosto claro eram perfeitos e suaves, e a luz das estrelas estava em seus olhos brilhantes, cinzentos como uma noite de céu limpo;
14	A luz e a música de Valfenda o envolviam de novo.
15	Elrond estava em sua cadeira, e o fogo brilhava em seu rosto como a luz do sol sobre as árvores.
16	Os dois conversavam, e de repente pareceu a Frodo que Arwen virou -se na sua direção, e a luz daqueles olhos caiu sobre ele, e, mesmo vindo de longe, penetrou seu coração.
17	Mas Narsil estava quebrada e sua luz se extinguiu, e ainda não tinha sido forjada novamente.
18	Das cinzas um fogo há de vir Das sombras a luz vai jorrar; A espada há de, nova, luzir, O sem-coroa há de reinar
19	— “Então, você veio, Gandalf “, disse-me ele num tom grave; mas em seus olhos parecia haver uma luz branca, como se um riso frio estivesse em seu coração.
20	— Olhei então e vi que as roupas que vestia, que tinham parecido brancas, não eram dessa cor, mas de todas as cores, e se ele se mexia, mudavam de tonalidade e brilhavam, de modo que os olhos ficavam confusos. — “Eu gostava mais do branco”, disse eu. — “Branco!”, zombou ele. “Serve para começar. O pano branco pode ser tingido. Pode-se escrever sobre a página em branco; a luz branca pode ser decomposta.” — “E nesse caso deixa de ser branca”, disse eu. “E aquele que quebra uma coisa para descobrir o que ela é deixou o caminho da sabedoria.”
21	A Espada de Elendil foi reforjada por ferreiros élficos, e na lâmina foi inscrito o desenho de sete estrelas, colocadas entre a lua crescente e o sol raiado; em volta delas foram escritas várias runas, pois Aragorn, filho de Arathorn, ia guerrear nas fronteiras de Mordor. Muito brilhante ficou aquela espada depois de restaurada; nela a luz do sol reluzia vermelha, e a luz da lua brilhava fria, e seu gume era resistente e afiado. E Aragorn lhe deu um novo nome, chamando-a de Andúril, Chama do Oeste.
22	Então puxou-a, e a lâmina polida e bem cuidada reluziu de repente, fria e clara. — Esta é Ferroadada — disse ele, e enterrou-a fundo numa viga de madeira quase sem nenhum esforço. — Leve-a, se quiser. Não vou precisar dela outra vez, espero.
23	Uma luz brilhava nos rostos cansados e ansiosos; atrás deles, a noite era como uma parede negra.
24	— Gostei! — disse Sam. — Gostaria de aprendê-lá. Em Moria, em Khazad-dûm! Mas parece que com essa canção a escuridão fica mais pesada, pensando em todas aquelas luzes .
25	O colete de prata cintilava diante de seus olhos como a luz sobre um mar ondulado. Cuidadosamente, retirou-o e ergueu-o; as pedras que havia no colete brilhavam como estrelas, e o som dos anéis sacudidos era como o ruído da chuva caindo sobre um lago.
26	Os outros se jogaram sobre a relva cheirosa, mas Frodo continuou de pé por uns momentos, ainda pasmo e admirado. Tinha a impressão de ter atravessado uma

	janela alta que dava para um mundo desaparecido. Havia uma luz sobre esse mundo que não podia ser descrita na língua dele.
27	— Estamos num dia brilhante e pleno de luz , por certo — disse ele. — Pensei que os elfos preferissem a lua e as estrelas: mas isto aqui é mais élfico do que qualquer coisa que já ouvi contar. Sinto — me como se estivesse dentro de uma canção, se o senhor entende o que quero dizer.
28	Frodo olhou e viu, ainda a certa distância, uma colina com várias árvores grandes ou uma cidade de torres verdes: o que era exatamente não sabia dizer. Dali lhe parecia emanar o poder e a luz que mantinham toda aquela região em equilíbrio.
29	Levantou os olhos acima da linha do rio e toda a luz se extinguiu, e ele estava de volta ao mundo que conhecia.
30	— Aqui está o coração do Reino Élfico na terra — disse ele — e aqui mora meu coração para sempre, a menos que haja luz além das estradas escuras que devemos percorrer, você e eu. Venha comigo! — E, segurando a mão de Frodo, deixou a colina de Cerin Amroth, para a qual nunca mais retornou em vida.
31	Ergueu um pequeno frasco de cristal: brilhava quando ela o virava em sua mão, e raios de luz branca emanavam dele. — Este frasco — disse ela — contém a luz da estrela de Eärendil engastada nas águas de minha fonte. Brilhará ainda mais quando a noite cair ao seu redor. Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. Lembre-se de Galadriel e de seu Espelho!
32	N a popa estava Aragorn, filho de Arathorn, imponente e ereto, guiando o barco com movimentos habilidosos; seu capuz jogado para trás, e os cabelos negros esvoaçando no vento, uma luz em seus olhos: um rei retornando do exílio à sua própria terra.
33	A luz em Ferroada está fraca, e pode ser que esteja apontando apenas para espiões de Mordor perambulando pelas encostas do Amon Lhaw.
34	E veja! Em nossa necessidade, o acaso traz à luz o Anel de Poder. É uma dádiva, eu digo; uma dádiva aos inimigos de Mordor.
35	Foram em fila indiana, correndo como cães que perseguem um cheiro forte, e com uma luz ansiosa nos olhos.
36	— Seria bom que a Senhora nos tivesse dado uma luz , semelhante ao presente que deu a Frodo!— A luz será mais necessária para aquele a quem foi concedida — disse Aragorn. — Com ele está a Demanda verdadeira. O nosso é um problema pequeno entre os grandes feitos desta época. Talvez desde o princípio uma busca em vão, que nenhuma escolha minha possa estragar ou consertar. Bem, já fiz a escolha. Vamos usar o tempo da melhor maneira possível!
37	Apenas Legolas ia pisando com a mesma leveza de sempre, seus pés mal parecendo tocar a relva, sem deixar marcas ao passar; apenas ingerindo o pão de viagem dos elfos ele encontrava todo o sustento de que necessitava, e conseguia dormir, se é que os homens chamariam isso de dormir, descansando a mente pelos caminhos estranhos dos sonhos élficos, mesmo quando caminhava com os olhos abertos na luz deste mundo.
38	Os olhos de Éomer reluziram, e os homens de Rohan soltaram murmúrios enfurecidos e fecharam mais o círculo, avançando com as lanças.
39	Uns olhos profundos, lentos e solenes, mas muito penetrantes. Eram castanhos, carregados de uma luz esverdeada. Tempos depois, frequentemente Merry tentou descrever a primeira impressão que teve deles. A sensação era como se houvesse um poço enorme atrás deles, cheio de eras de memória e de um pensamento constante, longo, lento; mas a superfície faiscava com o presente: como o sol

	tremeluzindo nas folhas externas de uma imensa árvore, ou nas ondas de um lago muito fundo.
40	Barbárvore ergueu duas grandes vasilhas e colocou-as na mesa. Pareciam estar cheias de água, mas quando ele ergueu as mãos sobre elas imediatamente começaram a brilhar, uma com uma luz dourada, e outra com uma luz de um verde profundo; e a mistura das duas luzes iluminou o vão, como se o sol do verão estivesse brilhando através de um teto de folhas novas. Olhando para trás, os hobbits viram que as árvores no pátio também começavam a brilhar, pouco no início, mas cada vez mais, até que todas as folhas foram atingidas pela luz : algumas verdes, outras douradas, outras ainda vermelhas como o cobre; e os troncos das árvores pareciam Pilares moldados em pedra luminosa.
41	Havia uma luz naquele olhar, como se a chama verde tivesse afundado mais ainda nos poços escuros de seu pensamento.
42	Uma larga escada subia do Abismo até o Rochedo e o portão dos fundos do Forte da Trombeta. Perto da parte inferior estava Aragorn. Em sua mão ainda reluzia Andúril, e o terror da espada manteve o inimigo afastado por um tempo enquanto, um a um, todos os que conseguiram alcançar a escada subiram na direção do portão.
43	Assim o Rei Théoden partiu do Portão de Helm e fez sua trilha na direção do grande Dique. Ali o grupo parou. A luz tornou-se intensa ao redor deles. Raios de sol flamejavam sobre as colinas do leste, e tremeluziam nas lanças. Mas eles estavam em silêncio sobre os cavalos, descendo os olhos na direção da Garganta do Abismo.
44	Foram descendo em direção ao rio, e à medida que avançavam os lobos paravam de uivar e retiravam-se furtivamente. O medo os dominava quando viam Gandalf à luz da lua, e Scadufax, seu cavalo, reluzindo como prata.
45	— Paz! — disse Saruman, e por um momento fugaz sua voz ficou menos suave, e uma luz faiscou em seus olhos para depois desaparecer.
46	O rosto de Saruman ficou lívido, contorcido pela raiva, e uma luz vermelha se acendeu em seus olhos. Ele riu alucinado.
47	Abaixou-se muito sobre ela, como uma criança faminta sobre um prato de comida, num canto longe dos outros. Colocou de lado a capa e olhou para ela. O ar parecia parado e tenso ao seu redor. Primeiro o globo estava escuro, completamente negro, com o luar reluzindo sobre a superfície. Então apareceu um brilho fraco pulsando no centro dele, que prendia seus olhos, de modo que agora Pippin não conseguia desviar o olhar. Logo todo o interior parecia estar em chamas; a bola estava girando, ou as luzes lá dentro estavam virando.
48	— Ach, sss! Cuidado, meu precioso! Devagar se vai ao longe. Não devemos arriscar nosso pescoço, devemos, precioso? Não, precioso Gollum. — Ergueu a cabeça de novo, piscou para a lua, e rapidamente fechou os olhos. — Odiamos ela — chiou ele. — Sssórdida, ssórdida luz que fica tremendo e nos espionando, precioso — machuca nossos olhos.
49	— As grandes luzes machucam nossos olhos, machucam sim — choramingou Gollum. — Não sob a Cara Branca, ainda não. E lá vai para trás das colinas logo, ssim. Descansem um pouco primeiro, hobbits bonzinhos!
50	— Não sei — disse Frodo numa voz que parecia saída de um sonho. Mas também os vi. Nas poças, quando as velas estão acesas. Jazem em todas as poças, rostos pálidos, nas profundezas das águas escuras. Eu os vi: rostos repugnantes e maus, e rostos nobres e tristes. Muitos rostos altivos e belos, e ervas em seus cabelos prateados. Mas todos nojentos, podres, todos mortos. Há uma luz terrível neles. — Frodo cobriu os olhos com as mãos. — Não sei quem são; mas tive a impressão de ter visto ali homens e elfos, e orcs ao lado deles.

51	De repente, trombou com Frodo, que estava parado, perdido em pensamentos, olhando para as luzes opacas.
52	Ouviram-se um chiado fraco, um cheiro fétido subiu, as luzes piscaram, dançaram e se contorceram.
53	Muito, muito cansados, é claro; nós também estamos, meu precioso, todos nós. Mas precisamos levar o mestre para longe das luzes maldosas, é, sim, precisamos.
54	A luz se espraiou e ficou mais intensa. Os poços sufocantes e os montes venenosos ficaram medonhamente visíveis. O sol subira no céu, andando por entre nuvens e longas bandeiras de fumaça, mas até mesmo a luz do sol estava aviltada. Os hobbits não receberam bem aquela luz ; parecia hostil, revelando-os em seu desamparo — pequenos fantasmas guinchadores que vagavam em meio aos montes de cinza do Senhor do Escuro.
55	Estavam voando muito alto. E se são Cavaleiros Negros, os mesmos de antes, não conseguem ver muita coisa à luz do dia, conseguem?
56	Naquela época, enquanto vigiava, Sam notara que algumas vezes uma luz parecia emanar de seu interior com um brilho fraco; mas agora a luz estava mais visível e forte. O rosto de Frodo estava tranquilo, as marcas do medo e da preocupação haviam sumido; mas parecia velho, velho e bonito, como se o cinzel dos anos agora se revelasse em muitas linhas finas que antes estiveram escondidas, embora a identidade do rosto não estivesse alterada.
57	— Até logo — disse Frodo, fazendo uma grande reverência. — Pensem o que quiserem, eu sou amigo de todos os inimigos do Um Inimigo. Iríamos com vocês se nós, Pequenos, pudéssemos ter esperança de ajudá-los, homens que parecem ser tão fortes e valorosos, e se minha missão o permitisse. Que a luz brilhe em suas espadas!
58	Tirith em paz: Minas Anor de novo como era antiga mente, cheia de luz , altiva e bela, bonita como uma rainha entre outras rainhas: não uma senhora de muitos escravos, não, nem sequer uma senhora gentil de escravos voluntários.
59	Lentamente Gollum ergueu os olhos e olhou com má vontade nos de Faramir. Toda a luz desapareceu deles, que por um momento fitaram desolados e opacos os olhos resolutos do homem de Gondor. Fez-se completo silêncio. Depois Gollum deixou cair a cabeça e foi se encolhendo no chão até ficar agachado, tremendo.
60	Frodo levantou a cabeça, e então se pôs de pé. O desespero não o abandonara, mas a fraqueza tinha passado. Ele até ensaiou um sorriso sério, sentindo agora claramente o contrário do que sentira no momento anterior, que devia fazer o que precisava ser feito, se pudesse, e que não vinha ao caso se Faramir ou Aragorn ou Elrond ou Galadriel ou Gandalf, ou qualquer outra pessoa, saberiam ou não disso. Pegou seu cajado em uma mão e o frasco na outra. Quando viu que a luz clara já começava a verter através de seus dedos, colocou-o junto ao peito e o apertou contra o coração. Depois, dando as costas à cidade de Morgul, agora não mais que um brilho cinzento através do fosso escuro, ele se preparou para tomar a estrada que subia.
61	Depois, parado, com a escuridão ao redor e um negrume de desespero e raiva em seu coração, teve a impressão de ver uma luz : uma luz em sua mente, quase insuportavelmente clara no início, como um raio de sol para os olhos de alguém há muito tempo escondido numa caverna sem janelas. Depois a luz ficou colorida. Verde, dourada, prateada, branca. Distante, como se estivesse num pequeno quadro desenhado por dedos élficos, Sam viu a Senhora Galadriel, em pé sobre a relva de Lórien, e havia presentes nas mãos dela. E para você, portador do Anel, ele a ouviu dizer, numa voz remota mas clara, para você eu preparei isto.

62	Uma luz para o senhor em lugares escuros, foi o que ela disse que seria. A estrela de cristal!
63	— A estrela de cristal? — murmurou Frodo, como alguém que responde enquanto dorme, quase sem entender. — Oh, sim! Por que a esqueci? Uma luz para quando todas as outras luzes se apagarem! Realmente agora só a luz pode nos ajudar.
64	Por um momento ele tremeluziu, fraco como uma estrela que sobe, lutando contra as pesadas nevoas caindo sobre a terra, e então, à medida que seu poder crescia e aumentava a esperança no coração de Frodo, começou a queimar e se acendeu numa chama de prata, um coração diminuto de luz ofuscante, como se o próprio Eärendil tivesse descido dos altos caminhos do pôr-do-sol com a última Silmaril em sua frente.
65	A escuridão se afastou do Frasco até que a luz pareceu brilhar no centro de um globo de cristal tênue, e a mão que o segurava coruscava com um fogo branco.
66	Raras vezes se lembrara dele na estrada, até que chegaram ao Vale Morgul, e nunca o usara por medo de sua luz reveladora.
67	— Galadriel! — chamou ele, e criando coragem ergueu o Frasco mais uma vez. Os olhos pararam. Por um momento a expressão neles se abrandou, como se alguma sombra de dúvida os afligisse. Então o coração de Frodo ferveu dentro dele, e, sem pensar no que estava fazendo, se era loucura ou desespero ou coragem, ele pegou o Frasco com a mão esquerda, e com a direita puxou sua espada. Ferroadada reluziu, e a afiada lâmina élfica faiscou na luz prateada, mas nas bordas adejava um fogo azul. Então, erguendo a estrela e brandindo a espada, Frodo, hobbit do Condado, deu passos firmes em direção aos olhos.
68	Os olhos vacilaram. Iam-se enchendo de dúvidas conforme a luz se aproximava.
69	A luz ainda se aproximava, e os olhos começavam a enfraquecer.
70	Um a um todos se apagaram; viraram-se e um grande corpo, além do alcance da luz , içou sua enorme sombra no espaço escuro. Desapareceram.
71	Erguendo o Frasco, Frodo olhou e viu à sua frente algo cinzento que a radiação da estrela de cristal não atravessava e não iluminava, como se fosse uma sombra que, não sendo projetada por luz alguma, nenhuma luz podia dissipar.
72	Gollum, anos antes, já a vira, Sméagol que penetrava todos os buracos escuros, e em dias passados se curvara diante dela em adoração, e a escuridão de sua vontade maligna o acompanhara através de todos os caminhos de sua fadiga, isolando-o da luz e do arrependimento. E ele lhe prometera trazer comida.
73	Mas esse desejo estava muito distante, e havia muito tempo ela estava faminta, espreitando no seu covil, enquanto o poder de Sauron crescia, e a luz e os seres vivos abandonavam suas fronteiras, e a cidade no vale ficou morta, e nenhum elfo ou homem se aproximava, apenas os infelizes orcs.
74	Por um momento sua mão brilhou com seu próprio sangue vivo, e então ele colocou a luz reveladora num bolso junto ao peito e cobriu-se com a capa élfica. Tentava agora apressar o passo. Seu mestre estava se distanciando dele; já estava uns vinte passos adiante, deslizando como uma sombra; logo se perderia de vista naquele mundo cinzento.
75	Sam mal tinha escondido a luz da estrela de cristal quando ela veio. Um pouco à frente e à esquerda ele a viu, saindo de um buraco negro de sombra sob o penhasco, a forma mais odiosa que ele jamais vira, horrível além do horror de um pesadelo.
76	Ou não estava enxergando Sam ou o evitava naquele momento por ser ele o portador da luz , e fixava toda a sua atenção em uma presa, em Frodo, privado de seu Frasco, correndo descuidadamente pela trilha, inconsciente ainda do perigo que o ameaçava. Ele corria rápido, mas Laracna era mais rápida; em alguns saltos poderia capturá-lo.

77	Mas dessa vez, iludido pelo ódio, cometera o erro de falar e se gabar antes de ter as duas mãos sobre o pescoço de sua vítima. Tudo dera errado com seu belo plano, desde que aquela luz horrível tinha tão inesperadamente aparecido na escuridão.
78	Como se o espírito indomável do hobbit tivesse colocado sua força em ação, o cristal se acendeu de repente como uma tocha branca em sua mão. Queimava como uma estrela que, saltando do firmamento, corta o ar escuro com uma luz intolerável. Nenhum terror igual vindo do céu jamais queimara no rosto de Laracna antes. Os raios daquela luz penetraram sua cabeça machucada e a cortaram com uma dor insuportável, e a terrível infecção de luz se espalhou de um olho para outro. Ela caiu para trás, golpeando o ar com as patas dianteiras, sua visão fulminada por relâmpagos internos, sua mente agonizando.
79	E por um momento ergueu o Frasco e olhou seu mestre, e a luz agora brilhava suavemente, com a radiação fraca da estrela vespertina no verão, e naquela luz o rosto de Frodo ficou com uma tonalidade bonita de novo, pálido mas belo, de uma beleza élfica, como o de alguém que por muito tempo andou pelas sombras. E com o consolo amargo dessa última visão Sam virou-se, escondeu a luz e foi cambaleando ao encontro da escuridão crescente.
80	Movia-se com a velocidade de uma flecha, e crescia à medida que se aproximava, convergindo rapidamente com a fuga dos quatro homens em direção ao Portão. Pippin teve a impressão de que uma luz pálida se espalhava ao redor da estrela, e as sombras pesadas abriam caminho diante dela; então, assim que se aproximou mais, o hobbit pensou ter ouvido, como um eco nas muralhas, uma voz imponente chamando.
81	Mas agora as escuras sombras de rapina estavam cientes do recém chegado. Uma descreveu um giro na direção dele; mas Pippin teve a impressão de que ele ergueu a mão, e dela um raio de luz branca cortou os ares acima. O nazgûl soltou um grito longo e choroso e desviou-se, e depois disso os outros quatro hesitaram, então, erguendo-se em rápidas espirais, rumaram para o leste, desaparecendo na baixa nuvem acima deles; lá embaixo, no Pelennor, a escuridão pareceu menos densa por um tempo.
82	Como trovões eles caíram sobre o inimigo nos dois flancos da retirada; um cavaleiro disparou á frente, veloz como o vento sobre a relva; Scadufax o levava, brilhante, mais uma vez revelado, com uma luz emanando de sua mão erguida.
83	Sentia o vento no rosto! Surgia uma luz fraca. Distantes, muito além e ao sul, era possível divisar nuvens como formas cinzentas e remotas, subindo, flutuando: a aurora estava atrás delas. Mas naquele mesmo momento houve um clarão, como se um relâmpago tivesse saltado da terra sob a Cidade. Por um cáustico momento permaneceu feito luz deslumbrante em negro e branco, com sua extremidade superior como uma agulha em faíscas; e depois, quando a escuridão se fechou mais uma vez, veio retumbando pelas colinas um grande estrondo.
84	Então foi tomado de surpresa, e de uma grande alegria; jogou a espada para os ares à luz do sol e exultou ao apanhá-lá de novo. Todos os olhos seguiram seu olhar e, de súbito, no navio que vinha à frente, uma grande bandeira se desenrolou, e o vento a exibiu no momento em que o navio virava na direção do Harlond. Ali florescia uma Arvore Branca, representando Gondor; mas havia Sete Estrelas ao redor dela, e em cima uma alta coroa, os símbolos de Elendil, que nenhum senhor portara por anos incontáveis. E as estrelas flamejavam à luz do sol, pois foram feitas com pedras preciosas por Arwen, filha de Elrond; a coroa luzia na manhã, pois era feita de mithril e ouro.

85	Então Gandalf revelou a força que nele se ocultava, mesmo quando a luz de seu poder se escondia sob seu manto cinzento.
86	De repente Faramir se mexeu, e abriu os olhos, fitando Aragorn que se debruçava sobre ele; uma luz de consciência e amor se acendeu em seu olhar, e ele falou numa voz baixa.
87	— Vamos pegar! — disse Gandalf de repente. Jogou para o lado a capa e uma luz branca brilhou como uma espada naquele lugar escuro.
88	O vento soprou, as trombetas cantaram, flechas zuniram; mas o sol, agora subindo em direção ao sul, foi velado pelos vapores de Mordor, e através de uma névoa ameaçadora ele reluzia, remoto, num vermelho morto, como se fosse o final do dia, ou talvez o fim de todo o mundo de luz .
89	Forçando sua disposição, Sam lançou o corpo outra vez para a frente, e parou com um solavanco, cambaleando como se tivesse levado um murro na cabeça e no peito. Então, com enorme ousadia, porque não conseguia pensar em mais nada, respondendo a um pensamento repentino que lhe ocorreu, puxou lentamente o frasco de Galadriel e o ergueu. Rápido a luz branca ganhou vida, e as sombras sob o arco escuro fugiram.
90	Não estava mais segurando o Anel, mas ele estava lá, um poder oculto, uma ameaça assustadora para os escravos de Mordor; e em sua mão levava Ferroada, cuja luz feriu os olhos do orc como o brilho das estrelas cruéis das terríveis terras dos elfos: sonhar com aquelas estrelas já incutia um gélido terror em toda a sua espécie.
91	A luz estava crescendo atrás deles. Devagar avançava na direção do norte. Uma batalha estava acontecendo lá em cima, nos altos espaços do ar. As nuvens pesadas de Mordor estavam sendo varridas para trás, suas bordas se rasgando à medida que um vento que chegava do mundo vivo ia afastando a fumaça e o vapor na direção da terra escura de onde tinham surgido. Sob as orlas daquele dossel melancólico que se erguia, uma luz fraca se infiltrava para dentro de Mordor como uma manhã pálida através da janela encardida de uma prisão.
92	N um primeiro momento, não conseguiu ver nada. E m sua extrema necessidade, puxou mais uma vez o frasco de Galadriel, mas ele estava pálido e frio em sua mão trêmula, e não jogava luz alguma naquela escuridão sufocante. Sam chegara ao coração do reino de Sauron, e às forjas de seu antigo poder, as maiores da Terra-média; ali todos os outros poderes eram subjugados.
93	E a Sombra partiu, e o sol foi descoberto, e a luz jorrou; e as águas do Anduin brilharam como prata, e em todas as casas da Cidade homens cantavam devido à alegria que lhes inundava os corações, vinda de uma fonte que eles não conheciam.
94	As vozes lentas dos Cavaleiro s tocaram os corações até mesmo daqueles que não conheciam a língua daquele povo; mas a letra da canção trouxe uma luz aos olhos dos habitantes da Terra dos Cavaleiro s quando ouviram mais uma vez, na distância, o trovão dos cascos do norte e a voz de Eorl elevando-se mais alto que o som da batalha no Campo de Celebrant, e a história dos reis prosseguiu retumbante, e a corneta de Helm ecoou alto nas montanhas, até que a Escuridão sobreveio e o Rei Théoden ergueu-se e cavalgou através da Sombra na direção do fogo, e morreu em esplendor, no momento em que o sol, retornando depois que morrera toda a esperança, brilhava sobre o Mindolluin pela manhã.

Apêndice 6 – Domínio de LUZ em O Senhor dos Anéis evocado por *iluminar*

Número	Exemplo
--------	---------

1	— Não! — gritou Gandalf, levantando-se de repente. — Com esse poder eu teria um poder grande e terrível demais. E comigo o Anel ganharia uma força ainda maior e mais fatal. — Seus olhos brilharam e seu rosto se acendeu como se estivesse iluminado por dentro. — Não me tente! Pois eu não quero ficar como o próprio Senhor do Escuro.
2	O rosto de Pippin se iluminou visivelmente à simples menção do retorno a Valfenda. Merry e Sam levantaram os olhos, cheios de esperança. Mas Aragorn e Boromir não fizeram nenhum sinal. Frodo parecia confuso.
3	O sol que batia em Lothlórien não tinha o poder de iluminar a sombra daquela região alta e distante.
4	Que essa luz ilumine os lugares escuros por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. Lembre-se de Galadriel e de seu Espelho!
5	Diante dele se curvava a velha figura, branca, agora brilhando como se alguma luz a iluminasse de dentro, inclinada, sobrecarregada pelos anos, mas detentora de um poder acima da força dos reis.
6	O rosto do homem se iluminou de alegria e surpresa.
7	— Sssim, realmente! — disse Gollum sentando-se. — Hobbits bonzinhos. Vamos com eles. Achar para eles caminhos seguros na escuridão, sim, vamos. E para onde vão nestas terras frias e escuras? Nós fica pensando, sim, nós fica pensando. — Olhou para eles, e um brilho fraco de esperteza e avidez iluminou por um segundo seus olhos opacos que piscavam.

Apêndice 7 – Domínio de ESCURIDÃO em O Senhor dos Anéis evocado por *escuridão*

Número	Exemplo
1	Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los.
2	— Para o Inimigo falta ainda uma coisa que lhe dê força e sabedoria para derrotar todas as resistências, quebrar todas as defesas e cobrir todas as terras com uma segunda escuridão . Ele precisa do Um Anel.
3	Naquele tempo também havia tristeza, e uma escuridão crescente, mas houve pessoas valorosas e feitos que não foram totalmente em vão.
4	— Não! — respondeu Frodo, saindo da escuridão e voltando a si, surpreso ao descobrir que não estava escuro, e que da janela podia ver o jardim iluminado pelo sol.
5	Falaram de muitas coisas, velhas e novas, e Frodo perguntou muito sobre os acontecimentos no vasto mundo fora do Condado. As novidades eram na maioria tristes e agourentas: uma escuridão crescia, as guerras dos homens e a fuga dos elfos. Finalmente Frodo fez a pergunta que calava mais fundo em seu coração.
6	— Sim, senhor. Não sei como dizer isto, mas depois de ontem à noite me sinto diferente. Parece que enxergo mais longe, de certa maneira. Sei que vamos pegar uma estrada muito longa, para dentro da escuridão ; mas sei também que não posso voltar.
7	Mas, embora o medo fosse tão grande que parecia ser parte da própria escuridão que o envolvia, Frodo se viu pensando em Bilbo Bolseiro e suas histórias, nas caminhadas que faziam pelas alamedas do Condado, conversando sobre estradas e aventuras.

8	— Então nos conte alguma outra história de antigamente — pediu Sam. — Uma história sobre os elfos antes que começassem a desaparecer. Gostaria muito de escutar mais sobre os elfos; a escuridão está caindo sobre nós com tanta força...
9	O ruído das águas borbulhantes vinha do leite espumante do rio. Pássaros cantavam, e uma paz benfazeja se deitava sobre a terra. Para Frodo, sua fuga perigosa e os rumores da escuridão crescendo no mundo lá fora já pareciam apenas lembranças de um sonho ruim; mas os rostos que se voltaram para eles quando entraram estavam sérios.
10	— Todos nós falhamos — disse Elrond. — E se não fosse por sua vigilância, talvez a Escuridão já tivesse caído sobre nós. Mas continue!
11	Novamente se fez silêncio. vigilância naquela bela casa, que dava para um vale iluminado pelo sol, cheio do ruído de águas límpidas, sentia uma escuridão mortal tomar-lhe o coração.
12	— Ali fica a fortaleza do Sul da Floresta das Trevas disse Haldir. Está incrustada numa mata de abetos escuros, onde as árvores lutam umas contra as outras e seus ramos apodrecem e definham. No meio, sobre uma colina rochosa, fica Dol Guldur, onde por muito tempo o Inimigo oculto tinha sua moradia. Tememos que agora esteja habitada outra vez, e com um Poder sete vezes maior. Ultimamente uma nuvem negra paira sempre sobre ela. N este lugar alto você poderá ver os dois poderes que se opõem; e agora ambos sempre lutam através dos pensamentos, mas embora a luz perceba o próprio coração da escuridão , seu próprio segredo ainda não foi descoberto. Não por enquanto! — Voltou-se e desceu rapidamente, e os outros o seguiram.
13	— Aqui estão oito — disse ele. — Nove deveriam ter partido: assim diziam as mensagens. Mas talvez tenha havido alguma mudança nos planos, sobre a qual não ouvimos. Elrond está distante, e a escuridão se adensa entre nós; durante todo este ano as sombras cresceram ainda mais.
14	Apesar disso, que ajuda poderia ele ou qualquer um da Comitativa prestar a Frodo, a não ser caminhar ao seu lado para dentro da escuridão ?
15	— Mas há alguma outra coisa que deseja de mim em nossa despedida? Pois a escuridão irá nos separar, e pode ser que não nos encontremos de novo, a não ser longe daqui, numa estrada que não tem retorno.
16	— Senhora, conhece todos os meus desejos, e há muito tempo guarda o único tesouro que procuro. Mas ele não lhe pertence, e não poderia oferecê-lo a mim, mesmo que estivesse disposta; apenas atravessando a escuridão é que poderei chegar até ele.
17	— Estas palavras acompanharão o presente — disse ela. — Não vou predizer, pois todas as predições são vãs nestes tempos: de um lado está a escuridão , e do outro só há esperança.
18	— Trapaceiro miserável! — gritou ele. — Deixe-me colocar as mãos em você! Agora entendo o que pretende. Levará o Anel para Sauron e nos venderá a todos. Só estava esperando uma oportunidade para nos deixar em apuros. Amaldiçoo você e todos os pequenos com a morte e a escuridão !
19	— É, é, alguma coisa assim, mas muito pior. Não duvido que exista alguma sombra da Grande Escuridão pairando ainda no norte, e más recordações se transmitem de geração a geração. Mas existem vales escuros nesta terra onde a Escuridão nunca foi devassada, e onde as árvores são mais velhas que eu. Mesmo assim, fazemos o que podemos.
20	Mas depois a Grande Escuridão chegou, e eles foram para longe através do Mar, ou fugiram para vales distantes e se esconderam, e fizeram canções sobre tempos

	que jamais voltariam. Nunca mais. — É sim, houve um tempo em que só havia uma floresta, daqui até as Montanhas de Un, e esta era apenas a Extremidade Leste.
21	Aliou-se a seres maus, aos orcs. Bem, hum! Pior que isso: vem fazendo alguma coisa a eles; alguma coisa perigosa. Porque esses isengardenses são mais semelhantes a homens maus. Os seres malignos que vieram na Grande Escuridão têm como marca a característica de não suportarem o sol; mas os orcs de Saruman suportam, mesmo que o odeiem.
22	Então, quando a Escuridão chegou ao Norte, as entesposas atravessaram o Grande Rio, e fizeram novos jardins, e araram novos campos, e nós as víamos com menos frequência. Depois que a Escuridão foi derrotada, a terra das entesposas floresceu ricamente, e seus campos ficaram cheios de trigo.
23	— Ho, hm, bem, nós poderíamos, você sabe! Talvez vocês não saibam como somos fortes. Já ouviram, talvez, falar nos trolls? São fortes. Mas os trolls são apenas imitações, feitas pelo Inimigo na Grande Escuridão , à semelhança dos ents, como os orcs foram feitos à semelhança dos elfos. Somos mais fortes que os trolls.
24	O gelo caiu como chuva. Joguei o inimigo para baixo, e ele caiu e quebrou a encosta da montanha no ponto em que a atingiu ao ser destruído. Depois a escuridão me dominou, e eu me perdi do pensamento e do tempo, e vaguei muito por estradas que não vou contar.
25	Uma névoa se formou ao redor deles. Acima algumas estrelas ainda brilhavam fracas, mas dos dois lados subiam paredes de uma escuridão impenetrável; estavam numa alameda estreita entre duas torres móveis de sombra. Ouviram vozes, sussurros e lamentos e um interminável suspiro farfalhante; a terra tremia sob seus pés. Pareceu-lhes longo o tempo em que ficaram sentados e com medo, mas finalmente a escuridão e o rumor passaram, desaparecendo entre os braços das montanhas.
26	Sobre seus corações pairava uma sombra, o medo de um grande perigo: o fim da Terra dos Cavaleiros numa escuridão para a qual Gandalf os estivera conduzindo, enquanto Saruman estava ao lado de uma porta de saída, segurando-a semiaberta de modo que um raio de luz entrava. Fez-se um silêncio pesado. Foi Gimli, o anão o cortou subitamente.
27	A escuridão pareceu se desvanecer aos olhos dele, ou então sua visão estava voltando. Conseguiu ver a linha cinzenta conforme ela veio descendo e balançando, e teve a impressão de que ela emanava um leve brilho prateado. Agora que achara algum ponto na escuridão para fixar os olhos, sentia-se menos zozno.
28	Finalmente, fazendo um novo esforço, virou as costas, e no momento em que fazia isso sentiu o Anel resistindo ao seu movimento, puxando a corrente em seu pescoço; também os olhos, quando Frodo os desviou, pareceram naquele momento ter sido cegados. A escuridão diante dele era impenetrável.
29	Caminhavam por assim dizer num vapor negro, composto da própria escuridão em si mesma que, quando era inalada, trazia cegueira não apenas para os olhos, mas também para a mente, de modo que até a lembrança de cores e formas e de qualquer luz se apagavam do pensamento.
30	A escuridão se afastou do Frasco até que a luz pareceu brilhar no centro de um globo de cristal tênue, e a mão que o segurava coruscava com um fogo branco.
31	Pippin não respondeu. Olhou as grandes muralhas, e as torres e as altivas bandeiras, e o sol no céu alto, e depois para a escuridão que se adensava no leste; pensou nos longos dedos daquela Sombra: os orcs das florestas e montanhas, a traição de Isengard, os pássaros de olhos malévolos, e os Cavaleiros Negros até mesmo nas alamedas do Condado — e pensou também no terror alado, os nazgûl. r do dia eu

	o levarei até o Senhor Denethor de novo. Ou melhor, quando vier a convocação, não ao nascer do dia. A Escuridão começou. Não haverá aurora.
33	— Pois esta não é minha missão! — exclamou ele, voltando-se e dirigindo-se à escuridão sussurrante. — Mantenham seus tesouros e segredos ocultos nos Anos Amaldiçoados! Só queremos rapidez. Deixem-nos passar, e depois venham!
34	— Pode ser, senhor — disse Dúnhere. -Apesar disso, a mesma, ou outra semelhante a ela, uma escuridão que voava na forma de um pássaro monstruoso, sobrevoou Edoras naquela manhã, e todos os homens ficaram tomados de medo.
35	Não se via o vulto de uma nuvem sequer, a não ser que estivesse muito distante, na direção do oeste, onde os mais longínquos dedos da grande escuridão ainda avançavam rastejando, e uma pequena luz escoava através deles.
36	Gostaria que o Senhor Faramir retornasse. Ele não desanimaria. Mas, agora, quem pode saber se ele algum dia vai voltar do outro lado do Rio vindo da Escuridão ?
37	E apesar disso, quando os dois se iam, as sombras se fechavam sobre os homens de novo, e seus corações ficavam frios, e a bravura de Gondor se acabava em cinzas. E assim, lentamente, eles passavam de um dia sombrio de temores para a escuridão de uma noite desesperada.
38	Apesar de cansado, Merry não conseguia dormir. Já havia cavalgado quatro dias seguidos, e a escuridão que se adensava ia lentamente pesando cada vez mais em seu coração.
39	— Boas notícias! — exclamou Éomer. — Mesmo nesta escuridão , a esperança reluz outra vez. As estratégias de nosso Inimigo frequentemente se revertem a nosso favor. A própria escuridão amaldiçoada nos tem sido uma proteção.
40	Não podemos fazer outros planos, pois ainda não sabemos como estão as coisas no campo. Avante agora, e não temam escuridão alguma!
41	Pois a manhã chegara, a manhã e um vento do mar; a escuridão fora removida, e os exércitos de Mordor gereram, tomados de terror, fugiram e morreram, pisoteados pelos cascos da ira.
42	Mas não era um chefe-orc nem um salteador qualquer quem comandava o ataque contra Gondor. A escuridão se desfazia precocemente, antes da data que seu Mestre havia determinado: a sorte o traíra pelo momento, e o mundo se voltara contra ele; a vitória lhe escapava das mãos no momento em que as estendia para agarrá-lá.
43	Mas eis que, subitamente, em meio à glória do rei, seu escudo dourado embaçou-se. A nova manhã apagou-se no céu. A escuridão caiu sobre ele. Os cavalos empinavam-se relinchando. Homens atirados das selas gemiam no chão.
44	Não temam a escuridão ! — Mas Snawmana, num terror alucinado, levantou-se sobre as pernas traseiras, lutando com o ar, e então, com um rincho horrível, caiu sobre o próprio lombo: uma lança negra o atingira. O rei ficou debaixo do cavalo.
45	— Homem do Rei! Homem do Rei! — seu coração gritava. — Você deve ficar ao lado dele. O senhor será como um pai para você, foi isso o que você disse. — Mas sua vontade não respondia, e o corpo tremia. Não ousava abrir os olhos nem olhar para cima. Então, na escuridão de sua mente, teve a impressão de ouvir Dernhelm falando: mas agora sua voz parecia estranha, fazendo-o lembrar de alguma outra voz que já ouvira antes.
46	— Não te intrometas entre o nazgûl e sua presa! Ou ele te matará na tua hora. Vai levar-te embora para as casas de lamentação, além de toda a escuridão , onde tua carne será devorada, e tua mente murcha será desnudada diante do Olho Sem Pálpebra.
47	— A escuridão está passando — disse Gandalf—, mas ainda paira pesada sobre esta Cidade.

48	Foi um grito tão terrível que por um momento todos ficaram paralisados; mas, quando passou, de repente todos os corações se enlevaram numa esperança que não sentiam desde que a escuridão viera do leste, e tiveram a impressão de que a luz ficava mais clara e que o sol aparecia por entre as nuvens.
49	— Pois — disse ele — fiquei um longo tempo ao lado deles, e no início falavam muito em seus sonhos, antes de mergulharem na escuridão mortal. Além disso, foi-me concedido o poder de ver muitas coisas distantes.
50	— Cansaço, tristeza pela disposição do pai, um ferimento, e acima de tudo o Hálito Negro — disse Aragorn. — Faramir é um homem de vontade firme, pois já chegara perto da Sombra antes mesmo de partir para a batalha nas muralhas externas. A escuridão deve ter-se apossado lentamente dele, no momento em que lutava e se esforçava para proteger seu posto avançado. Ah, se eu pudesse ter chegado aqui mais cedo!
51	— Quatro dias e quatro noites, mais o início de um quinto dia, cavalgamos partindo da Pedra Negra — disse ele. — E eis que na escuridão de Mordor minha esperança aumentou, pois então o exército de Sauron tem ficado mais forte e mais terrível de se olhar.
53	Todos os que lhe eram caros haviam partido para dentro da escuridão que pairava sobre o céu distante do leste, e restavam-lhe pouquíssimas esperanças de que um dia voltasse a ver qualquer um deles.
54	Uma escuridão se formou diante dos olhos deles, e tiveram a impressão de que num momento o mundo se paralisara, mas seus corações estavam mortos e sua última esperança desaparecera. Pippin, que estava atrás do Príncipe Imrahil, saltou à frente com um grito de dor.
55	Negrume, fedor e uma dor esmagadora dominaram Pippin, e sua mente caiu numa grande escuridão .
56	A tocha, que já tinha um fogo baixo quando ele chegara, crepitou e se extinguiu, e Sam sentiu a escuridão cobri-lo como uma onda.
57	— Só isso? — disse Frodo. — Parecem semanas. Você precisa me contar tudo, se tivermos uma chance. Alguma coisa me atingiu, não foi? E eu cai na escuridão e em sonhos ruins; depois acordei e vi que acordar foi pior.
58	— Sinto-me muito mais leve. Agora posso continuar. Mas esta escuridão cega parece estar penetrando em meu coração.
59	— Olhe, Sr. Frodo! —, disse Sam. — Olhe lá! O vento mudou. Alguma coisa está acontecendo. N em tudo está acontecendo exatamente como Ele quer. Sua escuridão está se rompendo no mundo lá fora. Gostaria de ver o que está se passando!
60	Pode ser que restem apenas alguns dias antes que a escuridão caia sobre nosso mundo, e quando chegar espero enfrentá-lá com firmeza; mas aliviaria meu coração se, enquanto o sol ainda brilha, eu ainda pudesse vê-la. Pois nós dois passamos sob as asas da Sombra, e a mesma mão nos trouxe de volta.
61	— Sim — disse Faramir —, da terra do Ponente que soçobrou. e da grande onda escura subindo acima das terras verdes e cobrindo as colinas, e avançando, uma escuridão inescapável. Eu sempre sonho com isso.
62	— Então você acha que a Escuridão está chegando? — disse Éowyn. — A Escuridão Inescapável? — E de repente ela se aproximou mais dele.
63	E ela pegou uma pedra branca semelhante a uma estrela que estava sobre o seu peito, pendurada numa corrente de prata, e a colocou em volta do pescoço de Frodo. — Quando a lembrança do medo e da escuridão o incomodar — disse ela —, isso lhe trará ajuda.

64	e a história dos reis prosseguiu retumbante, e a corneta de Helm ecoou alto nas montanhas, até que a Escuridão sobreveio e o Rei Théoden ergueu-se e cavalgou através da Sombra na direção do fogo, e morreu em esplendor, no momento em que o sol, retornando depois que morrera toda a esperança, brilhava sobre o Mindolluin pela manhã.
65	— Bem, estou — disse Frodo. — É meu ombro. O ferimento dói, e a lembrança da escuridão pesa sobre mim. Está fazendo um ano hoje.

Apêndice 8 – Domínio de ESCURIDÃO em O Senhor dos Anéis evocado por *escuro*

Número	Exemplo
1	— Mas ontem à noite lhe falei sobre Sauron, o Grande, o Senhor do Escuro . Os rumores que ouviu são verdadeiros: ele realmente ressurgiu; deixou seus domínios na Floresta das Trevas e voltou à sua antiga fortaleza na Torre Escura de Mordor.
2	Apertou o Anel em sua mão, como se já enxergasse dedos escuros se estendendo para tentar tomá-lo.
3	— Não me tente! Pois eu não quero ficar como o próprio Senhor do Escuro .
4	Quando os elfos passaram para o oeste, Tom já estava, antes de os mares serem encurvados. Conheceu o escuro sob as estrelas quando não havia medo — antes de o Senhor do Escuro chegar de Fora.
5	Então Tom disse que aquelas lâminas tinham sido forjadas muitos anos atrás pelos homens de Ponente: eram inimigos do Senhor do Escuro , mas foram derrotados pelo maldoso rei de Carn Dum na Terra de Angmar.
6	Teria se transformado num espectro sob o domínio do Senhor do Escuro , que o torturaria por tentar reter o Anel, se é que existe algum tormento maior do que ser roubado e vê-lo passando as mãos do Inimigo.
7	— Sim, atualmente, até que todo o resto tenha sido conquistado. Os elfos podem temer o Senhor do Escuro , e podem fugir de sua presença, mas nunca mais irão escutá-lo ou servi-lo.
8	— Mas com o rápido passar dos anos na Terra-média a linhagem de Meneldil, filho de Anárion, acabou, e a Árvore enfraqueceu, e o sangue dos habitantes de Númenor se misturou com o de homens menores. Então, a guarda sobre as muralhas de Mordor adormeceu, e seres escuros se esgueiraram de volta para Gorgoroth.
9	O Norte mal saberia o que são essas coisas se não fosse por nós. O medo destruiria a todos. Mas quando os seres escuros vêm das colinas desabitadas, ou se esgueiram por florestas sem sol, fogem de nós.
10	Se algum dos Sábios derrotasse com esse Anel o Senhor de Mordor, usando as próprias artes, então se colocaria no trono de Sauron, e um outro Senhor do Escuro surgiria.
11	Os Senhores Élficos não os guardam? Mas esses também foram feitos pelo Senhor do Escuro há muitos anos. Seriam inúteis? Vejo Senhores Élficos aqui. Eles não vão se pronunciar?
12	— Você está falando do que não sabe, quando compara Moria à fortaleza de Sauron — respondeu Gandalf. — Só eu aqui já estive nas masmorras do Senhor do Escuro , e mesmo assim, apenas na sua antiga moradia em Dol Guldur.

13	— P ode ser loucura — disse Haldir. — Mas na verdade o poder do Senhor do Escuro nunca se manifestou tão claramente como na hostilidade que divide todos aqueles que ainda se opõem a ele.
14	— Se você quer apenas destruir o Anel — disse ele — então não haverá muita utilidade na guerra e nas armas, e os homens de Minas Tirith não poderão ser de grande ajuda. Mas se você deseja destruir a força armada do Senhor do Escuro , então é tolice avançar pelos domínios dele sem armas; é tolice jogar fora...
15	Mas insistiu que pelo menos partissem cedo a cada dia, e que viajassem até o anoitecer, pois sentia em seu coração que o tempo urgia e temia que o Senhor do Escuro não tivesse ficado parado enquanto a Comitiva havia permanecido em Lórien.
16	Todo o poder do Senhor do Escuro estava em ação. Então, voltando-se de novo para o Sul, Frodo viu Minas Tirith.
17	Os hobbits foram deixados com os isengardenses: um bando de orcs horríveis e escuros , pelo menos oitenta deles: grandes, de pele escura e olhos oblíquos, com grandes arcos e espadas largas de lâminas curtas. Alguns dos orcs do norte maiores e mais fortes permaneceram com eles.
18	Nenhuma notícia da batalha chegará a Mordor, graças aos Cavaleiros de Rohan; mas o Senhor do Escuro sabe que dois hobbits foram captura dos nos Emyrn Muil e levados para Isengard contra a vontade de seus próprios servidores. Agora ele teme Isengard e também Minas Tirith. Se Minas Tirith cair, isso será ruim para Saruman.
19	— Perigoso! — exclamou Gandalf. — E u também sou, muito perigoso: mais perigoso que qualquer outro ser que jamais encontrarão, a não ser que sejam levados vivos diante do trono do Senhor do Escuro .
20	Não falo a verdade, Gandalf — disse Aragorn finalmente —, quando digo que você poderia ir a qualquer lugar que quisesse mais rápido que eu? E também digo isto: você é nosso capitão e nossa insígnia. O Senhor do Escuro tem Nove. Mas nós temos Um, mais poderoso que eles: o Cavaleiro Branco. Passou pelo fogo e pelo abismo, e eles devem temê-lo. Iremos aonde nos levar.
21	E agora mesmo sabemos por Gondor que o Senhor do Escuro se agita no leste.
22	— Toda essa história sobre os orcs de Barad-dûr, Lugbúrz, como dizem eles, me deixa preocupado — disse Aragorn. — O Senhor do Escuro já sabia demais, e seus servidores também; e Grishnákh evidentemente enviou alguma mensagem para o outro lado do Rio depois da briga. O Olho Vermelho estará olhando na direção de Isengard. Mas, de qualquer forma, Saruman está num dilema que ele mesmo criou.
23	E agora finalmente ele chega. Você me oferece o Anel livremente! No lugar do Senhor do Escuro , você coloca uma Rainha. E não serei escura , mas bela e terrível como a Manhã e a Noite! Bela como o Mar e o Sol e a Neve sobre a Montanha! Aterrorizante como a Tempestade e o Trovão! M ais forte que os fundamentos da terra. Todos devera-o me amar e se desesperar!
24	E agora finalmente ele chega. Você me oferece o Anel livremente! No lugar do Senhor do Escuro , você coloca uma Rainha. E não serei escura , mas bela e terrível como a Manhã e a Noite! Bela como o Mar e o Sol e a Neve sobre a Montanha! Aterrorizante como a Tempestade e o Trovão! M ais forte que os fundamentos da terra. Todos deverão me amar e se desesperar!
25	Consigo prever muito pouco do seu caminho, e como sua tarefa deve ser desempenhada eu não sei. A Sombra agora já chegou aos pés das Montanhas, e avança até a região próxima ao rio Cinzento; sob a Sombra tudo fica escuro aos meus olhos. Você vai deparar com muitos inimigos, alguns declarados, alguns disfarçados; e poderá encontrar amigos em seu caminho, quando menos esperar.

	Enviarei mensagens, quantas puder, para todos os que conheço pelo mundo afora; mas as terras hoje em dia se tornaram tão perigosas que algumas podem muito bem se extraviar, ou chegar depois de você.
26	— É, é, alguma coisa assim, mas muito pior. Não duvido que exista alguma sombra da Grande Escuridão pairando ainda no norte, e más recordações se transmitem de geração a geração. Mas existem vales escuras nesta terra onde a Escuridão nunca foi devassada, e onde as árvores são mais velhas que eu. Mesmo assim, fazemos o que podemos. Mantemos à distância forasteiros e atrevidos; e ensinamos e treinamos, caminhando e carpindo.
27	Mas as árvores estranhas nunca mais foram vistas na Garganta do Abismo; tinham retornado de noite, dirigindo-se para longe, para os vales escuras de Fangorn.
28	— Sim — disse Gandalf —, era Gwaihir, o Senhor dos Ventos, que me resgatou de Orthanc. Enviei-o na minha frente para vigiar o Rio e conseguir notícias. Ele tem uma visão apurada, mas seus olhos não conseguem enxergar tudo o que se passa sob as colinas e árvores. Algumas coisas ele viu, e outras eu mesmo vi. O Anel agora está fora do alcance de minha ajuda, ou da ajuda de qualquer um da Comitiva que partiu de Valfenda. Quase foi revelado ao Inimigo, mas escapou. Tive alguma parte nisso: pois sentei-me num lugar alto, e lutei contra a Torre Escura e a Sombra passou. Depois fiquei cansado, muito cansado; e caminhei por muito tempo, envolvido em pensamentos escuras .
29	— Não é de admirar que sejam estranhas — acrescentava Papai Dois (o vizinho de lado do Feitor) —, pois eles moram do lado errado do Grandevin e bem perto da Floresta Velha. Aquele é um lugar escura e ruim, se metade das histórias for verdade.
30	Os hobbits só conheciam esse nome em lendas do passado escura , como uma sombra no fundo de suas memórias; mas era um nome agourento e perturbador. Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor.
31	— Um anão! — disse Haldir. — Isto não está bem. Não mantemos contato com os anões desde os Dias Escuras . A entrada deles não é permitida em nossa terra. Não posso deixar que ele passe.
32	— Já estive entre eles — disse Aragorn. — São voluntariosos e cheios de orgulho, mas têm o coração sincero, são generosos em pensamentos e ações; destemidos mas não cruéis; sábios mas incultos, não escrevendo nenhum livro mas cantando muitas canções, a maneira dos filhos dos homens antes dos Anos Escuras .
33	— E esperei. Até aquela noite em que deixou esta casa. Ele disse e fez coisas que me encheram de um medo que nenhuma palavra de Saruman poderia conter. Finalmente soube que algo escura e mortal estava em ação. Passei a maioria dos anos desde essa época descobrindo a verdade sobre isso.
34	— Bem, isso foi anos atrás. Paguei por isso com muitos dias escuras e perigosos.
35	— Por que fez isso, Boromir? — perguntou Frodo. — Também este lugar, e estou com medo. Não sei do quê: não é dos lobos, ou do escura que nos espera atrás das portas, mas de alguma outra coisa. Tenho medo do lago. Não o incomode!
36	Mas hoje quebramos nossa antiga lei. Que isso possa ser um sinal de que, embora o mundo esteja escura atualmente, melhores dias estão próximos, e de que a amizade entre nossos povos será renovada. — Gimli fez uma grande reverência.
37	Que essa luz ilumine os lugares escuras por onde passar, quando todas as outras luzes se apagarem. Lembre-se de Galadriel e de seu Espelho!

38	O tormento no escuro era o perigo que eu temia, e esse perigo não me demoveu. Mas eu não teria vindo, se soubesse do perigo da luz e da alegria. Agora, com esta despedida, sofri meu maior ferimento, e não poderia haver pior nem mesmo que eu tivesse de ir nesta noite, diretamente ao encontro do Senhor do Escuro . Pobre Gimli, filho de Glóin!
39	Quando os dias foram ficando mais escuras com a ameaça da guerra, sendo sábio, ele tinha consertado a muralha e aumentado a segurança da fortaleza.
40	— Algumas coisas é melhor começar do que recusar, mesmo que o fim possa ser escuro . Mas não vou partir deste lugar ainda. De qualquer modo, devemos esperar pela luz do dia.
41	— Não está tão escuro aqui — disse Théoden. — Não — disse Gandalf. — Nem a idade pesa tanto em seus ombros, como alguns querem fazê-lo pensar. Jogue fora seu apoio!
42	E se usar o Anel com frequência para se tornar invisível, ele desaparece: torna-se no fim invisível permanentemente, e anda no crepúsculo sob o olhar do poder escuro que governa os Anéis. Sim, mais cedo ou mais tarde — mais tarde se essa pessoa for forte ou tiver boa índole no início; mas nem a força e nem bons propósitos durarão —, mais cedo ou mais tarde o poder escuro irá dominá-lá.
43	— Quando foi que comecei a supor? — continuou ele cismando, em busca da resposta em sua memória. — Deixe-me ver — foi no ano em que o Conselho Branco expulsou o poder escuro da Floresta das Trevas, um pouco antes da Batalha dos Cinco Exércitos, quando Bilbo encontrou seu anel.
44	— Desde que Bilbo partiu, ando muito preocupado com você, e com todos esses hobbits encantadores, absurdos e desamparados. Seria um triste golpe para o mundo se o Poder Escuro dominasse o Condado; se todos vocês, estúpidos e alegres Bolgers, Corneteiros, Boffins, Justa-correias e o resto, para não falar dos ridículos Bolseiros, fossem todos escravizados.
45	Então nesse momento, quando seu mestre estava novamente acordado e enviando seu pensamento escuro da Floresta das Trevas, ele abandonou Gollum. Para ser apanhado pela pessoa mais improvável que se poderia imaginar: Bilbo, do Condado.
46	— Sim, a Mordor — disse Gandalf — Infelizmente, Mordor atrai todas as coisas malignas, e o Poder Escuro estava usando todas as forças para reuni-las ali.
47	Que possamos tentar destruir o próprio Anel é algo que não entrou nem em seus sonhos mais escuras .
48	— Nem tudo está escuro , Tenha coragem, Senhor da Terra dos Cavaleiros; pois melhor ajuda não encontrará. Não tenho conselhos a dar para os que se desesperam.

Apêndice 9 – Domínio de ESCURIDÃO em O Senhor dos Anéis evocado por *sombra*

Número	Exemplo
1	Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.
2	CAPÍTULO II: A SOMBRA DO PASSADO
3	Os hobbits só conheciam esse nome em lendas do passado escuro, como uma sombra no fundo de suas memórias; mas era um nome agourento e perturbador. Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor.

4	<p>Agora fumava em silêncio, pois Frodo estava quieto, perdido em pensamentos. Mas mesmo na luz do dia ele sentia a sombra escura das notícias trazidas por Gandalf. Finalmente quebrou o silêncio.</p>
5	<p>Uma sombra cobriu meu coração, embora eu ainda não soubesse o que temia. Sempre me perguntava como Gollum tinha achado um Grande Anel, pois aquele era um Grande Anel — isso ao menos estava claro desde o início.</p>
6	<p>— E tudo parecia estar bem com Bilbo. E os anos passaram. Sim, passaram, e pareciam não afetá-lo. Ele não demonstrava sinais de envelhecimento. A sombra cobriu meu coração novamente. Mas disse a mim mesmo: “Afinal de contas, ele vem de uma família de grande longevidade, por parte de mãe. Ainda há tempo. Espere!”</p>
7	<p>— Mas ontem à noite lhe falei sobre Sauron, o Grande, o Senhor do Escuro. Os rumores que ouviu são verdadeiros: ele realmente ressurgiu; deixou seus domínios na Floresta das Trevas e voltou à sua antiga fortaleza na Torre Escura de Mordor. Até vocês hobbits já ouviram esse nome, como uma sombra rondando os limites das velhas histórias.</p>
8	<p>Sempre, depois de uma derrota e uma pausa, a Sombra toma outra forma e cresce novamente.</p>
9	<p>Nove ele deu a Homens Mortais, orgulhosos e poderosos, e desse modo os seduziu. Há muito tempo caíram sob o domínio do Um, e se tornaram Espectros do Anel, sombras sob sua grande Sombra, seus mais terríveis servidores.</p>
10	<p>Há muito tempo. Faz muitos anos que os Nove foram levados para longe. Mas, quem sabe? Conforme as sombras cresçam novamente, estes também podem retornar.</p>
11	<p>Dessa forma Sauron foi subjugado e seu espírito fugiu e ficou escondido por muitos anos, até que sua sombra tomou forma novamente na Floresta das Trevas.</p>
12	<p>O Anel entrou nas sombras com ele, e nem mesmo quem o fez, quando seu poder começou a crescer novamente, pôde saber qualquer coisa sobre o assunto.</p>
13	<p>E todas as pessoas estavam na época sussurrando sobre a nova Sombra no Sul, e sobre seu ódio pelo Oeste. Ali estavam seus novos e bons amigos, que o ajudariam em sua vingança.</p>
14	<p>Parecia a sombra negra de um cavalo, conduzida por uma sombra negra menor. A sombra ficou parada perto do ponto onde tinham abandonado o caminho, e se se virava de um lado para outro. Frodo pensou ouvir o som de alguém farejando. A sombra se abaixou até o solo, e começou a avançar em direção a ele.</p>
15	<p>A sombra negra se endireitou e se afastou.</p>
16	<p>Mas alguns de nosso povo ainda moram em paz em Valfenda. Agora vamos, Frodo, conte-nos o que está fazendo. Pois vemos uma sombra de medo em você.</p>
17	<p>De repente, uma sombra, na forma de grandes asas, passou cobrindo a lua. A figura levantou os braços e uma luz emanou do cajado que segurava. Uma águia enorme deu um voo rasante e a carregou para longe. As vozes gemeram e os lobos uivaram se lamentando.</p>
18	<p>Uma sombra veio de lugares distantes e escuros, e os ossos se mexeram dentro dos túmulos. Criaturas Tumulares andavam pelas cavidades com um tilintar de anéis em dedos frios e correntes de ouro ao vento. Os anéis de pedra sorriam no chão como dentes quebrados ao luar.</p>
19	<p>— Que raio? — começou Merry, sentindo o diadema de ouro caindo-lhe sobre um olho. Então parou, e uma sombra cobriu-lhe o rosto, e ele fechou os olhos. — É claro, eu me lembro! — disse ele. — Os homens de Carn Dum nos alcançaram durante a noite, e fomos vencidos. Ah! A lança no meu coração! — Agarrou o</p>

	próprio peito. — Não! Não! — disse ele, abrindo os olhos. — O que estou dizendo? Estive sonhando. Onde você estava, Frodo?
20	Os outros olharam-no. Subitamente a sombra do medo dos Cavaleiros Negros tomou conta deles de novo.
21	— Contra a sombra do Leste — disse Passolargo baixinho. — Você não pode muito, Carrapicho, mas uma coisa pequena já é de grande ajuda. Você pode permitir que o Sr. Monteiro fique aqui esta noite, sob esse nome, e pode esquecer o nome Bolseiro até que ele esteja bem longe.
22	Nem tudo que é ouro fulgura, Nem todo o vagante é vadio; O velho que é forte perdura, Raiz funda não sofre o frio. Das cinzas um figo há de vir. Das sombras a luz vai jorrar; A espada há de nova, luzir, O sem-coroa há de reinar
23	De repente, comecei a tremer e senti que alguma coisa horrível se aproximava sorrateiramente: havia um tipo de sombra mais profunda entre as sombras na estrada, bem atrás da área iluminada pela lamparina. Essa sombra sumiu na escuridão imediatamente, sem fazer um ruído. Não vi cavalos.
24	Durante todo o dia, um sentimento de pavor estivera crescendo dentro dele, o que o impedia de descansar ou dormir: havia uma ameaça crescente no ar parado da noite. Olhando através da escuridão, viu uma sombra negra se mover sob as árvores; teve a impressão de que o portão se abriu sozinho e se fechou de novo sem fazer barulho algum.
25	A noite ficou mais escura. Um ruído suave de cavalos furtivamente conduzidos vinha da alameda. Pararam do lado de fora do portão, e três figuras negras entraram, como sombras noturnas se arrastando pelo chão. Uma delas se dirigiu à porta, e as outras foram uma para cada canto da casa, ficando as três ali, paradas como sombras de pedras, enquanto a noite passava lentamente. A casa e as árvores quietas pareciam estar à espera, ansiosas.
26	Sobre a saliência do pequeno vale, do lado oposto ao da colina, sentiram, mais propriamente do que viram, uma sombra se levantar, uma sombra ou mais de uma. Forçaram os olhos, e as sombras pareciam crescer.
27	Deitou-se de novo e entrou num sonho agitado, no qual ele caminhava sobre a grama de seu jardim no Condado, mas a imagem parecia apagada e fraca, menos nítida que as sombras altas e negras que olhavam sobre a cerca-viva.
28	Desde que o sol começara a se pôr, a névoa sobre seus olhos tinha ficado mais densa, e ele sentia que uma sombra começava a se instalar entre ele e os rostos dos amigos. Agora a dor o acometia, e ele sentia frio. Estava zozzo, e se agarrava ao braço de Sam.
29	Mas por mais ansiosos que os guias estivessem, era ponto pacífico que os hobbits não podiam mais prosseguir aquela noite. Iam tropeçando, zozos e cansados. A dor de Frodo tinha redobrado, e durante o dia as coisas à sua volta tinham se embaçado em sombras de um cinza fantasmagórico. Ele quase recebeu com alegria a chegada da noite, pois então o mundo parecia menos pálido e vazio.
30	Bilbo estendeu a mão. Mas Frodo rapidamente afastou o Anel. Para sua tristeza e espanto, viu que não olhava mais para Bilbo; uma sombra parecia ter caído entre os dois, e através dela Frodo passou a ver uma criatura pequena e enrugada, com um rosto faminto e mãos ossudas e avidas. Sentiu um desejo de bater nela.
31	Não falaram mais das pequenas coisas do Condado lá longe, nem das sombras escuras e dos perigos que os ameaçavam, mas das belas coisas que juntos tinham visto pelo mundo, dos elfos, das estrelas e do outono suave daquele brilhante ano nas florestas.

32	— Agora já faz muitos anos — disse Glóin —, que uma sombra de inquietude caiu sobre nosso povo. De onde vinha, não percebemos a princípio. As palavras começaram a ser sussurradas em segredo: dizia-se que estávamos presos num lugar pequeno, e que riquezas e esplendores maiores seriam encontrados num mundo mais vasto.
33	— — E então fui enviado finalmente por Dain, para avisar Bilbo que ele está na mira do Inimigo, e para saber, se for possível, por que ele deseja esse anel, o mais ínfimo dos anéis. também pedimos o conselho de Elrond. Pois a Sombra cresce e se aproxima.
34	— Não fui enviado para implorar nenhum favor, mas apenas para procurar o significado de um enigma — respondeu Boromir orgulhosamente. Mas estamos sendo fortemente pressionados, e a Espada de Elendil seria uma ajuda além de nossas expectativas... se uma coisa dessas pudesse realmente voltar das sombras do passado.
35	Alguns também poderão lembrar que Saruman tentou nos dissuadir de fazer algo abertamente contra ele, e por muito tempo apenas o vigiamos. Mas finalmente, à medida que as sombras cresciam, Saruman cedeu, e o Conselho reuniu suas forças expulsou o mal da Floresta das Trevas — e aquele foi exatamente o ano em que o Anel foi encontrado: estranho acaso, se é que foi um acaso.
36	Uma sombra pareceu passar sobre o sol alto, e o alpendre ficou escurecido por uns momentos. Todos tremeram, e os elfos tamparam os ouvidos.
37	— Nunca antes uma voz ousou pronunciar palavras nessa língua em Imladris, Gandalf, o Cinzento — disse Elrond, quando a sombra passou e o grupo pôde respirar outra vez.
38	Ali, mensagens chegaram até mim, contando sobre guerra e derrota em Gondor, e quando ouvi sobre a Sombra Negra, senti um frio no coração. Mas nada encontrei, a não ser alguns fugitivos do Sul; mesmo assim tive a impressão de que sentiam um medo que não mencionavam.
39	— A sombra de Mordor alcança terras distantes — respondeu Aragorn.
40	Apenas o poder enfraquecido de Gondor está entre ele e uma força em marcha ao longo da costa, dirigindo-se para o Norte; se ele vier e atacar as Torres Brancas e os Portos, depois disso os elfos não terão escapatória das sombras que se estendem sobre a Terra-média.
41	A Sombra agora já chegou aos pés das Montanhas, e avança até a região próxima ao rio Cinzento; sob a Sombra tudo fica escuro aos meus olhos.
42	Os Espectros do Anel são inimigos mortais, mas são ainda apenas sombras em comparação ao poder e terror que possuiriam se o Anel Governante caísse outra vez nas mãos de seu mestre.
43	— Montes de joias? — disse Gandalf — Não. Os orcs sempre saqueavam Moria; não existe mais nada nos salões superiores. E desde que os anões fugiram, ninguém mais ousa procurar as passagens e as tesourarias nos lugares mais fundos: agora estão cobertas pela água — ou por uma sombra de medo.
44	A multidão de orcs se abriu, e se amontoou do lado, como se eles próprios estivessem com medo. Alguma coisa vinha atrás. Não se podia ver o que fosse: era como uma grande sombra , no meio da qual havia uma forma escura, talvez humanoide, mas maior; poder e terror pareciam estar nela e ao seu redor.
45	— Se é que os elfos realmente ainda moram aqui neste mundo em que as sombras aumentam — disse Gimli.
46	O povo da floresta não morava no chão como os anões, nem construíam edifícios resistentes de pedra antes de a Sombra chegar.

47	A maldade havia sido vista ou ouvida ali, conhecia-se a tristeza; os elfos temiam e desconfiavam do mundo lá fora: os lobos uivavam nas fronteiras da floresta; mas sobre a terra de Lórien não pairava sombra alguma.
48	— Parecia um mal do Mundo Antigo, que eu nunca tinha visto antes — disse Aragorn. — Era ao mesmo tempo uma sombra e uma chama, forte e terrível.
49	Ambos se sentiam inquietos de novo. De repente, a sombra da partida havia caído sobre Frodo: sabia de alguma forma que estava bem próximo o momento de deixar Lothlórien.
50	Estariam dispostos a seguir um líder do Rio e para dentro da sombra de Mordor; mas Frodo não dizia nada e Aragorn ainda estava dividido.
51	— Eu não — disse Gimli. — Mas fico feliz em pensar que a sombra não se aproximou mais. Não gostei dela nem um pouco. Pareceu -me semelhante demais à sombra em Moria — a sombra do balrog — finalizou ele, num sussurro.
52	— Finalmente o dia chegou — disse ele. — O dia da escolha que adiamos por tanto tempo. Que será agora de nossa Comitiva, que viajou até aqui como uma sociedade. Devemos rumar para o Oeste com Boromir e nos dirigir para as guerras de Gondor, ou rumar para o Leste em direção ao Medo e à Sombra ; ou devemos ainda romper nossa sociedade e ir por este ou aquele caminho, como cada um escolher?
53	No início, conseguiu ver pouca coisa. Parecia estar num mundo de névoa no qual só havia sombras : o Anel agia sobre ele.
54	As duas forças lutavam nele. Por um momento, perfeitamente equilibrado entre os dois pontos agudos, ele se debateu, atormentado. De repente tomou consciência de si próprio outra vez. Frodo; nem a Voz, nem o Olho: livre para escolher, e lhe sobrava um único instante para fazê-lo. Tirou o Anel do dedo. Viu-se ajoelhado em plena luz do sol diante do alto trono. Uma sombra negra pareceu passar sobre ele como um braço; não atingiu o Amon Hen e continuou tateando na direção do Oeste, para depois desaparecer. Então todo o céu ficou claro e azul. E os pássaros voltaram a cantar em todas as árvores.
55	Depois, de bagagem nos ombros, partiram, procurando uma trilha que os levasse através das colinas cinzentas dos Eryn Muil, descendo até a Terra da Sombra .
56	Ali, escolhendo um espaço entre os guardas, passou como uma sombra maligna para dentro da noite, descendo a encosta e dirigindo-se para o oeste na direção do rio que vinha da floresta.
57	— É, é, alguma coisa assim, mas muito pior. Não duvido que exista alguma sombra da Grande Escuridão pairando ainda no norte, e más recordações se transmitem de geração a geração.
58	— Eu costumava ficar ansioso quando a sombra cobriu a Floresta das Trevas, mas quando ela foi para Mordor parei de me preocupar por uns tempos: Mordor fica muito distante.
59	Tive alguma parte nisso: pois sentei-me num lugar alto, e lutei contra a Torre Escura e a Sombra passou. Depois fiquei cansado, muito cansado; e caminhei por muito tempo, envolvido em pensamentos escuros.
60	Pois ele era um Nazgûl, um dos Nove, que agora têm montarias aladas. Logo seu terror cobrirá de sombras os últimos exércitos de nossos amigos, barrando o sol.
61	Deixaram armas as suas Portas que são dignas de poucos mortais, mesmo os mais poderosos. Suas vestes são cinzentas, pois os elfos os vestiram, e assim eles passaram através da sombra de muitos perigos, para chegar ao seu palácio.
63	Sobre seus corações pairava uma sombra , o medo de um grande perigo: o fim da Terra dos Cavaleiros numa escuridão para a qual Gandalf os estivera conduzindo,

	enquanto Saruman estava ao lado de uma porta de saída, segurando-a semiaberta de modo que um raio de luz entrava.
64	Pode ser que vocês encontrem a Sombra da Floresta em suas próprias portas em seguida: ela é intratável, insensata e não nutre amor pelos homens.
65	Uma sombra passou pelo rosto de Saruman, que em seguida ficou pálido como um cadáver.
66	Agora vive aterrorizado pela sombra de Mordor, e apesar disso ainda sonha em controlar a tempestade.
67	— Fico pensando — disse Frodo. — Acho que é meu destino ir para aquela Sombra lá adiante, então encontrarei um caminho. Mas quem irá indicá-lo a mim: o bem ou o mal?
68	— Eu também — disse Frodo -, mas ele não é meu maior problema. Gostaria que pudéssemos sair destas colinas! Odeio-as. Sinto-me completamente nu no lado leste, enfiado aqui sem nada, a não ser as planícies mortas, entre mim e aquela Sombra mais adiante. Há um Olho nela. Venha! Precisamos descer hoje de qualquer jeito.
69	Então Frodo e Sam, olhando para o céu, respirando profundamente o ar mais fresco, viram-na se aproximar: uma pequena nuvem voando das colinas malditas; uma sombra negra enviada de Mordor; uma figura enorme, alada e agourenta.
70	O restante daquela viagem foi uma sombra de medo crescente, na qual a memória não podia encontrar nada em que se apoiar.
71	Talvez Frodo tenha sentido isso, sem perceber, como acontecera sobre o Amon Hen, apesar de acreditar que Gandalf tinha partido, partido para sempre dentro das sombras , na distante região de Moria.
72	São feitos da bela árvore Lebethron, amada pelos artesãos de Gondor, e foi-lhes conferido um poder de encontrar e retomar. Que esse poder não fracasse totalmente sob a Sombra em direção à qual vocês vão!
73	Uma sombra de tristeza cobriu-lhe o rosto.
74	Logo desapareceu, como uma sombra entrando na sombra , descendo a estrada tortuosa, e atrás dele ainda as fileiras negras atravessavam a ponte.
75	E agora a luz vermelha no céu parecia mais forte; embora não pudessem saber se uma manhã terrível realmente estava chegando àquele lugar de sombra , ou se estavam vendo apenas a chama de alguma grande violência de Sauron no tormento de Gorgoroth mais além.
76	Erguendo o Frasco, Frodo olhou e viu à sua frente algo cinzento que a radiação da estrela de cristal não atravessava e não iluminava, como se fosse uma sombra que, não sendo projetada por luz alguma, nenhuma luz podia dissipar.
77	Como Laracna chegara ali, fugindo da ruína, não se sabe, pois dos Anos Escuros poucas histórias restaram. Mas ela ainda estava lá, ela que chegara antes de Sauron, e antes da primeira pedra de Barad-dûr; nunca servira a ninguém a não ser a si própria, bebendo o sangue de elfos e homens, intumescida e gorda, remoendo sem cessar seus banquetes, tecendo teias de sombra ;
78	As coisas estão se movendo no extremo leste, além do Mar Interno, sabemos pelos relatos; e também no norte, na Floresta das Trevas e mais além; e ao sul em Harad. E agora todos os reinos deverão ser submetidos à prova, para resistir ou cair — sob a Sombra .
79	— Vamos continuar cavalgando juntos. Mas não iremos sozinhos, como eu havia pensado. Agora o rei está determinado a partir imediatamente. Desde a passagem da sombra alada, ele deseja retornar às colinas sob a proteção da noite.
80	— Mas isso é loucura — disse ela. — Pois aqui há homens de fama e coragem, que você não deveria levar para as sombras , mas conduzir para a guerra, onde se precisa

	de homens. Imploro que fique e cavalgue com meu irmão, pois assim os nossos corações se alegrarão e nossa esperança será maior.
81	— Três dias atrás, ao amanhecer, senhor— disse ele —, Scadufax chegou a Edoras na velocidade do vento, vindo do oeste; Gandalf trouxe notícias de sua vitória para alegrar nossos corações. Mas também trouxe mensagens suas para que apressássemos a reunião dos Cavaleiros. E então veio a Sombra alada.
82	— E por que essas canções seriam inadequadas para meus salões, ou para horas como estas"? Quem viveu muito tempo sob a Sombra está proibido de ouvir os ecos de uma terra não perturbada por ela?
83	E, com um grito cortante, da escuridão do céu negro caíram as sombras aladas, os nazgúl mergulhando para a matança.
84	A grande sombra desceu como uma nuvem. E, para a surpresa de todos, era uma criatura alada: se era um pássaro, então era maior que todos os outros pássaros, e era nu, sem penas ou plumas, e suas enormes asas eram como membranas de couro entre dedos de garras; e seu corpo fedia.
85	Mas agora sua arte e seu conhecimento se quedavam perplexos, pois havia muitos doentes de uma enfermidade que não podia ser curada; chamavam-na de Sombra Negra, pois vinha dos nazgúl. Aqueles acometidos por ela caíam lentamente num sonho cada vez mais profundo, entrando então no silêncio e numa frieza mortal, e assim morriam.
86	— Cansaço, tristeza pela disposição do pai, um ferimento, e acima de tudo o Hálito Negro — disse Aragorn. — Faramir é um homem de vontade firme, pois já chegara perto da Sombra antes mesmo de partir para a batalha nas muralhas externas.
87	— Deixe de caminhar nas sombras , e desperte! — disse Aragorn. — Você está exausto. Descanse um pouco e coma alguma coisa; esteja pronto quando eu retornar.
88	— Mas Aragorn parou e gritou numa voz forte: "Venham agora! Pela Pedra Negra eu os conclamo! E de repente o Exército da Sombra , que ficara na retaguarda, no instante supremo avançou como uma onda cinzenta, varrendo tudo o que encontrava pela frente.
89	E no momento em que Sam parara ali, mesmo sem usar o Anel, tendo-o apenas pendurado ao pescoço, ele próprio se sentiu maior, como se estivesse vestindo uma enorme sombra distorcida de si mesmo, uma ameaça enorme e ominosa parada sobre as muralhas de Mordor.
90	CAPÍTULO II: A TERRA DA SOMBRA
91	Lá, espiando por entre os restos de nuvens sobre uma rocha pontiaguda nas montanhas, Sam viu uma estrela branca reluzir por uns momentos. Sua beleza arrebatou-lhe o coração, quando desviou os olhos da terra desolada, e ele sentiu a esperança retornar. Pois como um raio, cristalino e frio, invadiu-o o pensamento de que afinal de contas a Sombra era apenas uma coisa pequena e passageira: havia luz e uma beleza nobre que eram eternas e estavam além do alcance dela.
92	Não conseguia mais encontrar palavra alguma para dizer, e voltou-se para os próprios pensamentos sombrios. Quanto a ele, embora estivesse exausto e sob uma sombra de medo, ainda lhe restava alguma força.
93	A noite odiosa passou devagar e relutante. A luz do dia seguinte era fraca, pois ali, à medida que a Montanha se aproximava, o ar era sempre tenebroso, enquanto vindos da Torre Escura insinuavam-se os véus de Sombra que Sauron tecia ao redor de si.
94	De todos os escravos do Senhor do Escuro, apenas os nazgúl poderiam tê-lo advertido do perigo, pequeno mas indomável, que se esgueirava para dentro do próprio coração de seu vigiado reino. Mas os nazgúl com suas asas negras estavam

	longe em outra missão. Estavam reunidos num ponto distante, cobrindo de sombras a marcha dos Capitães do Oeste, e para lá também o pensamento da Torre Escura se dirigia.
95	Por todos os flancos das colinas atacavam os exércitos de Mordor. Os Capitães do Oeste soçobravam num mar crescente. O sol brilhava rubro, e sob as asas dos nazgûl as sombras de morte caíam escuras cobrindo a terra. Aragorn, sob a sua bandeira, estava silencioso e austero, como alguém perdido em pensamentos de coisas distantes ou há muito passadas; mas seus olhos reluziam como estrelas que ficam mais brilhantes à medida que a noite se aprofunda.
96	— Uma grande Sombra partiu — disse Gandalf, e depois riu, e o som de sua risada era como música, ou como água correndo numa terra ressequida; ouvindo aquilo, Sam percebeu que perdera a conta dos dias em que não ouvira um riso, o puro som do contentamento.
97	E a Sombra partiu, e o sol foi descoberto, e a luz jorrou; e as águas do Anduin brilharam como prata, e em todas as casas da Cidade homens cantavam devido à alegria que lhes inundava os corações, vinda de uma fonte que eles não conheciam.

Apêndice 10 – Domínio de ESCURIDÃO em O Senhor dos Anéis evocado por *sombria*

Número	Exemplo
1	— Mas quando abaixou os olhos, viu à sua frente, distantes, os topos das Montanhas Sombrias , de onde vinha o riacho.
2	Sam era o único do grupo que nunca tinha estado do outro lado do rio. Foi tomado por um sentimento estranho, ao observar a corrente que borbulhava ao passar: sua vida antiga lá atrás, envolta pela neblina; à sua frente, sombrias aventuras.
3	Os amigos, ao ouvi-lo falar, por alguns momentos ficaram tão enlevados que não conseguiram responder, nem tampouco entenderam a pergunta. Finalmente Frodo soube através de Sam que eles não tinham visto nada além das formas sombrias vindo na direção deles.
4	O céu tinha uma aparência sombria , e o sol estava pálido. O vento tinha mudado de rumo, soprando agora do Nordeste. Gandalf sentiu o ar e olhou para trás.
5	— A estrada pode conduzir a Moria, mas como podemos saber se nos conduzirá através de Moria? — disse Aragorn com uma expressão sombria .
6	— Ali estão as Muralhas de Moria — disse Gandalf, apontando em direção à outra margem da água. — E ali ficava o Portão, outrora, a Porta Élfica no final da estrada que vinha de Azevim, pela qual viemos. Mas este caminho está bloqueado. Comitiva, eu acho, estaria disposto a nadar nessa água sombria no fim do dia. Tem uma aparência maligna.
7	De repente voltaram-se noutra direção e uma figura sombria escorregou pelo tronco da árvore e desapareceu.
8	Na direção noroeste assomava a escura floresta de Fangorn; ainda a dez léguas ficavam suas fronteiras sombrias , e suas encostas mais distantes desapareciam num azul distante.
9	Havia uma grande floresta sombria de huorns na cabeceira do vale, e uma outra em volta da muralha norte. Não ousamos entrar.
10	— Desde então as águas estão baixando. Deve haver saídas em algum lugar nas cavernas lá embaixo, suponho eu. Se Saruman espiar por alguma de suas janelas, vai ver tudo desarrumado, uma desordem sombria . Sentimos uma enorme solidão.

11	Quando finalmente o dia chegou, os hobbits ficaram surpresos em ver como as ominosas montanhas já estavam mais perto. O ar agora estava mais claro e frio e, embora ainda muito distantes, as muralhas de Mordor deixavam de ser uma ameaça nebulosa no limiar da visão, e já apareciam como torres negras e inflexíveis olhando carrancudas através de uma região abandonada e sombria .
----	--

Apêndice 11 – Domínio de ESCURIDÃO em O Senhor dos Anéis evocado por *sombrio*

Número	Exemplo
1	— Afogado? — disseram várias vozes. Já tinham ouvido este e outros rumores mais sombrios antes, é claro; mas os hobbits têm uma paixão por histórias familiares e estavam prontos para ouvir esta de novo.
2	— Facas velhas são longas o bastante para serem usadas como espadas pelos hobbits — disse ele. — É bom ter lâminas afiadas, se pessoas do Condado forem caminhando para o leste, para o sul, ou em direção ao perigo sombrio e distante. — Então Tom disse que aquelas lâminas tinham sido forjadas muitos anos atrás pelos homens de Ponente: eram inimigos do Senhor do Escuro, mas foram derrotados pelo maldoso rei de Carn Dum na Terra de Angmar.
3	— Hobbits! Quatro hobbits! E ainda por cima, do Condado, pelo jeito como falam — disse o porteiro, baixinho como se falasse consigo mesmo. Lançou-lhes um olhar sombrio e depois abriu o portão devagar, deixando-os entrar.
4	Os hobbits do lugar ficaram olhando assustados; depois puseram-se de pé e chamaram Carrapicho. Todo o grupo se afastou de Sam e Pippin, que se viram deixados de lado num canto, passando a ser observados com olhos sombrios e desconfiados, a certa distância. Agora ficava claro que muitas pessoas os consideravam como acompanhantes de um mágico itinerante, cujos poderes e propósitos não eram conhecidos.
5	— Com sua permissão, Sr. Frodo, eu diria não! Esse Passolargo, ele nos previne e recomenda cuidado, e com isso concordo e digo sim; podemos começar por ele. Ele vem de lugares ermos, e nunca ouvi falar bem de pessoas desse tipo. Ele sabe alguma coisa, isto é óbvio, e sabe mais do que eu gostaria; mas isso não é motivo para permitirmos que nos conduza a algum lugar sombrio , onde não haverá socorro, como diz.
6	— Tempos sombrios — disse Passolargo. — Mas por enquanto você pode ficar em paz, depois que tiver se livrado de nós. Vamos partir imediatamente. Não se incomode com o desjejum: um gole e um lambisco, em pé, vão ser o suficiente. Temos poucos minutos para aprontar a bagagem.
7	N este ponto, Passolargo deixou a Estrada, e logo estavam todos perdidos num lugar sombrio , de árvores escuras distribuídas entre os pés de colinas taciturnas.
8	— Sim, pensei em vários, e todos são sombrios e desagradáveis — disse Frodo.
9	Nas últimas horas da noite, Frodo acordou de um sono profundo e sombrio e percebeu que Sam o sacudia.
10	Houve grande surpresa e muitos olhares sombrios e duvidosos entre os homens de Éomer, quando ele deu ordens para que os cavalos que estavam sobrando fossem emprestados aos forasteiros, mas só Éothain ousou falar abertamente.
11	Pippin estava tendo um sonho sombrio e turbulento: tinha a impressão de escutar sua própria voz pequena ecoando em túneis negros, chamando Frodo! Frodo! Mas em vez de Frodo centenas de caras horrendas de orcs riam para ele de dentro das

	sombras, centenas de braços horrendos o agarravam por todos os lados. Onde estava Merry?
12	— São nomes realmente estranhos! Mas vou transmiti-los como me pede, e saber qual é a vontade de meu senhor — disse o guarda. — Esperem um pouco aqui, e lhes trarei a resposta que ele julgar melhor. Não esperem muita coisa! Estes são tempos sombrios .
13	Ali estava o rei, sombrio , junto a uma janela estreita, olhando sobre o vale.
14	Muitos tinham os corações cheios de dúvidas, imaginando a que destino sombrio sua jornada conduziria.
15	Os Cavaleiros de Rohan ficaram inquietos em seus cavalos, dos dois lados da escada, lançando olhares sombrios para a grande torre, temendo o que poderia acontecer a seu senhor. Merry e Pippin se sentaram no último degrau, sentindo-se ao mesmo tempo desimportantes e desprotegidos.
16	— Hum, hun! Espere um pouco — disse Barbárvore, lançando ao anão um olhar sombrio . — Um anão é portador de um machado! Hum! Tenho boa vontade com os elfos, mas você está pedindo muito. Essa é uma estranha amizade!
17	Nenhum raio de sol atravessava o céu nebuloso, e Gollum parecia ansioso por continuar a viagem imediatamente. Portanto, depois de um breve descanso, eles partiram outra vez e logo estavam perdidos num mundo sombrio e silencioso, privados de toda a vista da região ao redor, quer fossem as colinas deixadas para trás, ou então as montanhas almeçadas. Seguiam lentamente em fila indiana: Gollum, Sam, Frodo.
18	— E então poderemos descansar e dormir um pouco — disse Sam. Sorriu de um modo sombrio .
19	Jogando sobre o corpo algumas roupas, Merry olhou lá fora. O mundo estava sombrio . O próprio ar parecia escuro, e todas as coisas ao redor estavam negras, cinzentas e sem sombras; havia uma grande imobilidade.
20	Merry viu muitas pessoas de pé, olhando para o alto e murmurando; seus rostos estavam sombrios e tristes, alguns amedrontados.
21	Naquele momento captou um clarão branco e prateado vindo do norte, como uma pequena estrela descendo nos campos sombrios .
22	De repente Pippin viu tochas, e à frente de uma multidão dois cavaleiros avançando devagar: um em vestes brancas que já não brilhavam; estava agora empalidecido no crepúsculo como se seu fogo se tivesse exaurido ou ocultado; o outro era sombrio , e estava com a cabeça curvada.
23	A planície estava escurecida pelas suas companhias marchando, e até onde a vista alcançava surgiam, como florescências nojentas de fungos, por toda a volta da cidade sitiada, grandes acampamentos de tendas negras ou de um vermelho sombrio .
24	E assim, lentamente, eles passavam de um dia sombrio de temores para a escuridão de uma noite desesperada.
25	A algumas milhas ao nordeste, os pés das Montanhas Cinzentas eram como sombrios fantasmas cor de cinza, atrás dos quais as nevoentas montanhas do norte erguiam-se como uma fileira de nuvens pouco mais escuras que o céu baixo.
26	Não conseguia mais encontrar palavra alguma para dizer, e voltou-se para os próprios pensamentos sombrios .
27	Em cada extremidade da Ponte havia um grande portão cheio de pontas; do outro lado do rio via-se que algumas novas casas haviam sido construídas: com dois andares e janelas retas e estreitas, sem adornos e mal iluminadas, tudo muito sombrio e nada parecido com o Condado.

28	<p>— Matá-lo! — zombou ele. — Matem-no, se julgam que estão em número suficiente, meus bravos hobbits! — Empertigou-se e fitou-os com seus olhos escuros e sombrios. — Mas não pensem que porque perdi todas as minhas posses perdi também todo o meu poder! Qualquer um que me atacar será amaldiçoado. E, se meu sangue manchar o Condado, este lugar fenecerá e nunca mais poderá ser curado.</p>
----	---

Apêndice 12 – Domínio de ESCURIDÃO em O Senhor dos Anéis evocado por *treva*

Número	Exemplo
1	Mas na Terra-média homens e elfos se tornaram estranhos nos dias de treva , devido as artes do Inimigo, e pelas lentas mudanças do tempo durante as quais cada espécie avançou mais em duas estradas divididas.
2	— Realmente a hora é escura disse o velho —, e nessas horas espera-se a sua chegada, Mithrandir. Mas, embora todos os sinais prenunciem que o fim de Gondor se aproxima, menor para mim agora é essa treva que a minha própria treva . Foi-me dito que você traz consigo alguém que viu meu filho morrer. É ele?
3	Os hobbits só conheciam esse nome em lendas do passado escuro, como uma sombra no fundo de suas memórias; mas era um nome agourento e perturbador. Parecia que o poder maligno da Floresta das Trevas havia sido expulso pelo Conselho Branco para reaparecer com força maior nas velhas fortalezas de Mordor.